

PEDRO MENDES
JÚNIOR

CITAÇÕES, MAPAS CONCEITUAIS
E PRINCIPAIS CONCEITOS DA
ANTIGUIDADE À
CONTEMPORANEIDADE

HISTÓRIA DA FILOSOFIA

APOSTILA DE FILOSOFIA

PROFESSOR PEDRO MENDES JÚNIOR

UBERLÂNDIA-MG

HISTÓRIA DA FILOSOFIA

FILOSOFIA PAGÃ ANTIGA

“Uma vida sem busca não merece ser vivida”. Sócrates

“Quem é capaz de ver o todo é filósofo; quem não, não”. Platão

“É a inteligência que vê, é a inteligência que ouve, e tudo o mais é surdo e cego”. Epicarmo

“As coisas visíveis são uma claridade sobre o invisível”. Demócrito e Anaxágoras

“A alma nos ordena conhecer aquele que nos adverte: Conhece-te a ti mesmo”. Sócrates

“A virtude não tem padrão: conforme cada um a honre ou a despreze, dela terá mais ou menos”. Platão

“Não se deve dar ouvidos àqueles que aconselham ao homem, por ser mortal, que se limite a pensar coisas humanas e mortais; ao contrário, porém, à medida do possível, precisamos nos comportar como imortais e tudo fazer para viver segundo a parte mais nobre que há em nós”. Aristóteles

“É vão o discurso do filósofo que não cure algum mal do espírito humano”. Epicuro

OS NATURALISTAS

Qual é o princípio? Como dele derivam todas as coisas?

MONISTAS (há um princípio que se encontra ou se deduz da natureza)

TALES – É a água

ANAXIMANDRO – É o ápeiron. Por separação dos contrários por uma espécie de injustiça.

ANAXÍMENES – É o ar infinito. Por condensação e rarefação.

HERÁCLITO – É o fogo-lógos-natureza, símbolo do devir de todas as coisas e da razão-harmonia que governa seus movimentos. Por oposição nos particulares, segundo harmonia no todo.

PITAGÓRICOS – É o número e os elementos do número (= limite/ilimitado). Segundo relações harmônico-matemáticas no todo e nas partes.

XENÓFANES – É a terra (mas só para nosso mundo).

ELEATAS

PARMÊNIDES, ZENÃO E MELISSO – O ser é o princípio e fora do princípio nada existe. A rigor não existe nenhum principiado (= acosmismo), enquanto o devir testemunhado pelos sentidos não existe.

PLURALISTAS (há muitos princípios semelhantes ao ser eleático)

EMPÉDOCLES – Os quatro elementos: ar, água, terra e fogo. Por efeito do amor e do ódio.

ANAXÁGORAS – As “raízes” ou homeomerias. Por efeito do movimento impresso pelo Nous.

LEUCIPO, DEMÓCRITO (= Atomistas) – Os átomos. Por efeito do movimento do qual os átomos estão naturalmente dotados.

FÍSICOS ECLÉTICOS (o princípio é único e deduzido da natureza)

DIÓGENES DE APOLÔNIA – É o ar infinito e inteligente. Por causas finais.

ARQUELAU DE ATENAS – É o ar infinito e inteligente.

OS SOFISTAS

O HOMEM E A SUA VIRTUDE

OS SOFISTAS

- Deslocam o interesse da filosofia da natureza para o homem
- Instauram um clima cultural que se poderia chamar com o moderno termo “Iluminista”
- Criticam a religião em perspectiva também atéia
- Criticam o conceito de verdade e de bem
- Destroem a imagem tradicional do homem
- Consideram a virtude como objeto de ensino
- Apresentam-se como mestres de virtude
- São expressão da crise da aristocracia e da ascensão política das novas classes

Qual é o bem e o mal para o homem? Qual é a virtude para o homem?

PROTÁGORAS – O indivíduo é “medida de todas as coisas” e, portanto, também do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, mas está vinculado pelo critério do útil. É a força da razão com a qual pode-se tornar forte o argumento mais fraco (= antilogia) e buscar o útil da cidade. Esta é a primeira forma de relativismo.

GÓRGIAS – Não existe bem e mal, verdadeiro e falso, porque nada existe, e, mesmo que existisse, não seria cognoscível, e, mesmo que fosse cognoscível, não seria comunicável. É a retórica, ou seja, a capacidade de usar a palavra e o discurso e de desfrutar a

capacidade de sugestão e de persuasão com fins próprios. Esta é a primeira forma de niilismo.

PRÓDICO DE CÉOS – Interpreta em chave utilitarista a moral e particularmente o conceito de bem. É o conhecimento da arte da sinonímia, que permite encontrar os sinônimos para tornar os discursos mais convincentes.

HÍPIAS E ANTIFONTE – Verdade (e bem) é aquilo que está conforme à lei de natureza, opinião é aquilo que está conforme à lei positiva, enquanto a primeira oferece firme referência ética e leva ao igualitarismo, a segunda leva à discriminações entre os homens. Viver segundo a natureza. Nasce os conceitos de lei de natureza e lei positiva.

ERÍSTICOS E SOFISTAS-POLÍTICOS – Dessacralizam a religião, fazem uso instrumental e ideológico da retórica, em vista da conquista do poder, deformam a técnica da antilogia para construir sofismas capciosos. A vontade do mais forte que se impõe sobre o mais fraco.

SÓCRATES

O HOMEM E SUA ALMA

Alma: A alma é a consciência e a personalidade intelectual e moral, sobretudo razão e conhecimento. O corpo é instrumento da alma.

Virtude: A virtude da alma (ou seja, aquilo que a torna perfeita) é ciência e conhecimento; Manifesta-se como: Autodomínio: Domínio da razão sobre as paixões; Não-Violência: A razão se impõe pela convicção e não pela força; Liberdade: Libertação da parte racional

(= verdadeiro homem) em relação à passional. Corresponde à liberdade interior.

Vício: O vício é ignorância, por isso:

- Ninguém peca voluntariamente (pecado = erro).
- As diversas virtudes são recondutíveis à unidade (= ciência do bem e do mal) e, também, o vício (ignorância do bem e do mal).

A CURA DA ALMA

A alma se purifica no diálogo (dialética) por meio da: **Ironia-refutação:** Para purificar-se a alma do falso saber, por meio: Da figura do “não saber” para induzir o interlocutor a expor o próprio saber; Do metódico disfarce de assumir as teses do adversário a fim de demonstrar sua falsidade; Da refutação para fazer o adversário cair em contradição e induzi-lo a deixar as falsas convicções. **Maiêutica:** Para fazer emergir, mediante perguntas e respostas, a verdade que está em cada um de nós.

PLATÃO METAFISÍCA

Esfera dos Princípios: O Uno e a Díade interagem e formam todas as coisas. Tudo o que existe é um misto de limite (Uno) e ilimitado (Díade).

Uno: Princípio formal de unidade, definição, determinação, ser, verdade/cognoscibilidade, valor, medida exatíssima. O Uno está acima do ser.

Díade: Ou dualidade de grande-pequeno, princípio material de indeterminação, de multiplicidade. Está abaixo do ser.

OS NÍVEIS DA REALIDADE

Esfera dos princípios

Mundo das Idéias: Contém todas as Idéias, tendo no vértice a Idéia do Bem.

Demiurgo: É inferior às Idéias, enquanto para Platão o Inteligível é superior à Inteligência. É superior ao cosmo, enquanto o plasma.

Esfera dos Intermediários: (Entre sensível e supra-sensível) Compreende os números, os entes geométricos, a alma. Estas realidades denominam-se intermediárias porque têm ao mesmo tempo características do mundo ideal e relações com o mundo sensível.

Cosmo sensível: É um vivente inteligente dotado de alma e corpo.

PLATÃO

NATUREZA E FUNÇÃO DA ALMA HUMANA

PSICOLOGIA: A alma é imortal porque é afim às idéias. Na morte do homem migra de corpo em corpo (metempsicose). Tem uma vida ultraterrena. Escolhe seu destino terreno conforme a verdade que possui.

ANTROPOLOGIA: A alma é o verdadeiro homem, o corpo é túmulo da alma. A filosofia enquanto se dirige à alma é exercício de morte (habitua a separar a alma do corpo), e por isso é purificação.

ALMA: Distingue-se em: Concupiscível, Irascível e Racional.

POLÍTICA

Estado ideal: Engrandecimento da alma.

Classes sociais – Virtudes – Educação

Camponeses, artesãos, comerciantes: produzem os bens –
Temperança – Não tem educação particular; limitam-se a imitar os
outros.

Soldados, guardas: defendem a cidade dos perigos internos e
externos – Coragem – Educação gímnico-musical; comunhão dos
bens e das mulheres.

Filósofos, regentes: dirigem e administram o Estado – Sabedoria:
contemplação do Bem ideal para praticá-lo – Educação fundada
sobre a dialética, para alcançar o conhecimento do Bem.

O equilíbrio das três classes e das três verdades se realiza na
justiça.

GNOSIOLOGIA: O conhecimento é reminiscência. O conhecimento é
proporcional ao ser. Distingue-se em opinião (conhecimento do
sensível) e ciência (conhecimento do inteligível).

ARISTÓTELES

AS DEFINIÇÕES DA METAFÍSICA

Ciência das causas: material, formal, eficiente, final. Etiologia.

Ciência do ser: O ser se diz de muitos modos. Acidente por si (= categorias) verdadeiro/falso, potência/ato. Ontologia.

- Qualidade
- Quantidade
- Relação
- Ação

- Substância
- Paixão
- Onde
- Quando
- Ter
- Jazer

Ciência da substância: **Substância:** Ousiologia.

- É a principal das categorias.
- À substância se referem todas as outras categorias e todos os significados do Ser.

O que é a substância em geral?

- É matéria (impropriamente).
- É forma.
- É união de matéria e forma (= sinolo).

Quais substâncias existem?

- Sensíveis corruptíveis: por exemplo, os entes do mundo sublunar.
- Sensíveis incorruptíveis: corpos celestes do mundo supralunar (feitos de éter).
- Supra-sensíveis incorruptíveis: Inteligências divinas.

Ciência de Deus. Teologia.

Substância supra-sensível (= Deus)

- A existência da substância supra-sensível se demonstra a partir do tempo e do movimento.
- A causa do tempo e do movimento é o Motor Imóvel.
- O Motor Imóvel é um motor que move o mundo por atração (é causa final).

- O mundo é atraído pelo Motor Imóvel porque é o ser mais perfeito: é, de fato, “Pensamento de Pensamento”.
- Enquanto é pensamento que pensa a si mesmo não tem matéria e é, portanto, puro ato.
- Além do Motor Imóvel, que move diretamente o primeiro céu, existem outras 55 inteligências que movem os outros céus.
- Deus não cria o mundo (que é eterno), mas move o mundo.
- O Motor Imóvel tem supremacia hierárquica: as Inteligências divinas não são criadas por ele, mesmo que lhe sejam inferiores.

ARISTÓTELES

A FÍSICA E O MOVIMENTO

A Física: (Que inclui a psicologia) Trata da substância sensível (animada ou não) afetada pelo movimento.

Movimento:

O que é o movimento?

- É uma passagem da potência para o ato.
- Requer uma causa eficiente que já esteja em ato (= prioridade do ato) e uma causa final.
- Requer um substrato material: os entes sem matéria não se movem.
- Os entes supralunares se movem apenas com movimento circular, porque são dotados de matéria especial: o éter.

Quais movimentos existem?

- Segundo a substância (= geração/corrupção).
- Segundo a qualidade (alteração).

- Segundo a quantidade (aumento/diminuição).
- Segundo o lugar (translação).

Ao movimento estão ligados o espaço, o lugar e o tempo:

- O espaço é o “onde” em que os corpos se movem.
- O lugar é aquilo que contém o corpo.
- O tempo é a medida do movimento segundo o antes e o depois. O tempo requer uma alma que meça.

ARISTÓTELES

AS FACULDADES DA ALMA

Alma:

Vegetativa: Preside à reprodução e ao crescimento.

Sensitiva: É sede da sensação: É a capacidade de sentir que se torna ato quando entra em contato com a forma sensível das coisas.

Intelectiva:

Intelecto passivo: É o intelecto do homem que tem capacidade e potência de conhecer as formas inteligíveis que estão em potência das coisas.

Intelecto ativo: Põe em ato as formas inteligíveis que estão em potência nas coisas e as torna compreensíveis. É semelhante à luz que ativa a vista e reaviva as cores. É imortal.

ARISTÓTELES

A ÉTICA

Alma: vegetativa, sensitiva e intelectiva.

Virtudes éticas:

- Permitem a vitória da razão sobre os impulsos.
- Buscam a justa medida entre dois excessos (por exemplo, a coragem é a via intermédia entre a covardia e temeridade).
- Manifestam-se como hábitos.
- Fixam o fim do ato moral.

Virtudes dianéticas:

Sabedoria:

- Dirige a vida moral do homem.
- Dirige-se às coisas sensíveis.
- Fixa os meios para realizar o ato moral.

Sapiência:

- Consiste na contemplação das realidades supra-sensíveis.
- Representa o sumo bem para o homem, isto é, a máxima felicidade.

ARISTÓTELES

QUADRO RECAPITULATIVO SOBRE A LÓGICA

Categorias (Aristóteles delas trata nas Categorias)

São: substância, qualidade, quantidade, relação, ação, paixão, onde, quando, ter, fazer.

Representam os significados supremos do ser ao qual todo termo de qualquer proposição pode se reduzir; p. ex.: “Sócrates (= substância) corre (= agir)”.

Não são nem verdadeiras nem falsas. São indefiníveis porque demasiadamente universais.

Definições (Aristóteles delas trata nos Analíticos segundos)

A definição de um termo se obtém com o gênero próximo e a diferença específica: p. ex.: “O homem é um animal (= gênero próximo) racional (= diferença específica)”. As definições são válidas ou não válidas.

Juízos (Aristóteles deles trata no De interpretatione)

Os termos se unem em um juízo que é o ato com o qual se afirma ou se nega algo de alguma outra coisa. O juízo é verdadeiro se no discurso se reúne alguma coisa que na realidade está reunida; é falso em caso contrário. Nem todos juízos, porém, são parte da lógica, mas apenas os que pretendem afirmar ou negar alguma coisa (= juízos apofáticos)

Silogismo (Aristóteles dele trata, sobretudo, nos Analíticos)

A união de três juízos forma um silogismo. P. ex.:

“Se todos os homens são mortais
e se Sócrates é um homem
então Sócrates é mortal”.

A primeira proposição é a premissa maior, a segunda é a premissa menor, a terceira é a conclusão. “Homem” é o termo médio.

Existem vários tipos de silogismo:

Formal (Analíticos primeiros): Não se ocupa do conteúdo, mas apenas da forma (coerência) do silogismo.

Científico (Analíticos segundos): tem as premissas verdadeiras. Chama-se também demonstração.

Dialético (Tópicos): tem as premissas prováveis. A retórica se baseia sobre estes silogismos.

Erísticos (Elencos sofistas): tem as premissas falsas, mas que parecem verdadeiras. Estuda-se para poder refuta-lo.

Existem vários modos de silogismo que dependem da posição do termo médio.

Indução e intuição

Quem garante a verdade das premissas do silogismo?

A indução, que é o procedimento através do qual do particular se chega ao universal, e a intuição que é a captação pura e direta dos princípios primeiros.

Axiomas e princípios

São proposições verdadeiras de verdade intuitiva (p. ex.: se de iguais se tiram iguais, permanecem iguais). Toda ciência tem seus próprios, mas alguns valem para mais ciências e um – ainda que em diferentes versões – para todas. É o princípio de não-contradição.

Princípio de não-contradição

Não se pode afirmar ou negar do mesmo sujeito no mesmo tempo e na mesma relação dois predicados contraditórios. O princípio de não-contradição não pode ser demonstrado porque está no fundamento de toda demonstração, mas pode ser provado por via de refutação, mostrando que também quem o nega, para negá-lo, deve dele fazer uso.

EPICURO A LÓGICA OU “CÂNON”

Sensação:

Nasce como marca dos simulacros das coisas sobre os sentidos: É mecânica, a-racional e, portanto, objetiva e sempre verdadeira.

Sentimentos (dor, prazer):

São a ressonância interior das sensações. Sobre eles se funda a moral.

Prolepses:

São representações mentais das coisas que nascem das marcas de repetidas sensações de tipo análogo sobre a mente. Correspondem aos conceitos.

Nomes:

Referem-se naturalmente (isto é, de modo não convencional) às prolepses.

Opiniões:

Formam-se a partir das prolepses. Podem ser erradas. Avaliam-se sobre a base da sensação.

A FÍSICA: A PRIMEIRA FORMA DE MATERIALISMO

TUDO é composto por:

Vazio:

- É natureza intangível
- Permite o movimento

Corpos:

Corpos simples ou Átomos:

- São caracterizados por figura, peso, grandeza e, portanto, não têm qualidades (cores, odores etc.)
- São infinitos em número (mas não em tipo) e formam infinitos mundos que se reformam infinitas vezes.
- Por agregação e desagregação causam o nascimento e a morte dos corpos.

- São dotados de um movimento de queda do alto para baixo, com um mínimo desvio (= declinação); por causa deste se desencontram e geram casualmente o mundo.
- Enquanto corpos são idealmente distinguíveis em partes chamadas “mínimos”.
- Formam os eflúvios que se desprendem das coisas e dão lugar à sensação.

Corpos compostos:

- Nascem da agregação dos átomos.
- Tudo o que existe é formado por átomos e, portanto, é corpo: também a alma e os deuses, que são formados por átomos especiais.

EPICURO

A ÉTICA

O bem é prazer:

Prazeres naturais necessários (p. ex.: comer quando se tem fome).

Prazeres naturais e não necessários (p. ex.: comer alimentos refinados).

Prazeres não naturais e não necessários (p. ex.: a busca da riqueza).

Sumo bem é o que não comporta nenhum mal; é a falta de dor no corpo (aponía) e na alma (ataraxía).

O mal, para o homem sábio, não é nada:

A morte não é um mal porque quando existe a morte nós não existimos.

O mal da alma se cura com a filosofia.

O mal do corpo se é fraco, se suporta; se for intenso, dura pouco, porque leva à morte.

OS ESTÓICOS

A LÓGICA

Sensação: Nasce da impressão dos objetos sobre os sentidos.

Representação: Nasce quando o dado sensível se apresenta à alma.

Representação cataléptica (ou acataléptica): É a representação aprovada ou desaprovada pelo logos.

Prolepses: São noções inatas presentes em toda alma.

Logos: Princípio de conhecimento. Dá ou nega o consentimento à representação. Insere na alma as prolepses. Nasce desse processo os conceitos.

OS ESTÓICOS

A FÍSICA: A PRIMEIRA FORMA DE PANTEÍSMO

Logos: Princípio cósmico:

Mundo:

Matéria: Princípio passivo:

- Tanto o logos como a matéria são corpos, embora possam perfeitamente compenetrar-se pelo princípio da total mistura.
- Como o logos (razão) é imanente no cosmo, tudo é racional, e existe uma Providência inelutável (= fado).

Logos:

Princípio ativo:

= Deus

= natureza

= semente de outras sementes

= pneuma afogueado

= fogo:

Como o logos é tanto princípio de vida (enquanto calor vital) como de destruição, o mundo nasce ciclicamente (palingênese), morre ciclicamente (por conflagração cósmica) e se reproduz sempre de modo igual (apocatástase).

ÉTICA

Instinto primigênio:

Bem é o que incrementa nosso ser, mal é o que danifica:

- O instinto primeiro não se refere apenas ao indivíduo, mas também à família, à sociedade e a todo o gênero humano. O homem torna-se assim animal comunitário, e todos os homens são iguais.
- As ações perfeitas se verificam quando o instinto primeiro aplica-se ao logos que está em nós. Quando, ao invés, se aplica aos indiferentes (riqueza/pobreza, saúde/doença) verificam-se os deveres.

Quando se aplica ao logos determina:

Bens: Bem em sentido pleno é apenas a virtude, isto é, o conhecimento. Mal é apenas o vício, isto é, a ignorância.

Males: O mal nasce das paixões, enquanto ofuscam o logos que está em nós. As paixões são erros ou fruto de erro e, portanto, devem ser canceladas e não moderadas. O ideal ético dos Estóicos é, portanto, a apatia.

Indiferentes: Quando se aplica ao corpo determina:

Preferidos

Rejeitados

O CETICISMO DE PIRRO

As coisas em si são indiferenciadas, incomensuráveis, indiscriminadas. Não existe verdade certa. Segue-se que o homem deve permanecer:

Sem inclinação, indiferente, porque não existe nada que seja digno de interesse e de temor.

Sem opinião, ou seja, deve abster-se do julgamento, porque não existem as condições para formular julgamentos verdadeiros.

Sem exprimir julgamentos (= afasia) porque seriam imediatamente desmentidos pelos fatos.

O ideal é a vida mais igual (= ataraxía), semelhante à de Deus.

O CETICISMO DEPOIS DE PIRRO

Provável:

Fílon de Larissa: Probabilismo positivo:

A verdade existe, mas o homem não a conhece e, portanto, deve contentar-se com o provável.

Carnéades: Probabilismo negativo:

Tudo é incompreensível, portanto:

- Ou se suspende o julgamento (= epoché).
- Ou é preciso ater-se ao que a nós parece provável.

Heraclitismo:

Enesídemo: Resolve o ser no aparecer, a substância nos acidentes, o que é estável no que muda continuamente. Tudo escorre e nada pode ser fixado no pensamento.

Fenomenismo:

Sexto Empírico: O homem não conhece as coisas, mas o que aparece das coisas (o fenômeno).

Razoável:

Arcesilau: Jamais se verificam as condições para a evidência, falta um critério absoluto de verdade e, por isso, é preciso ater-se ao que é razoável.

PLOTINO AS TRÊS HIPÓSTASES

UNO – Primeira hipóstase

Características próprias do Uno:

- Todo ente é tal por causa de sua unidade.
- Por isso é superior ao ser.
- É infinita potência criadora.
- Se autocria (= autóctise).
- É superior ao Bem, porque é causa do Bem.
- Do Uno pode-se falar ou por via analógica ou por via negativa.

Atividades próprias do Uno

- Atividade do Uno: permite ao Uno criar-se e ser o que é.
- Atividade a partir do Uno: permite ao Uno criar as hipóstases inferiores.
- O Uno é absolutamente livre quando cria a si mesmo, mas, uma vez criado, é forçado a produzir as outras hipóstases.

- As atividades do e as atividades a partir do são próprias de todas as hipóstases.

É uma necessidade que se segue a uma liberdade.

NOUS (ou Intelecto ou Espírito) – Segunda hipóstase

- Enquanto pensamento, rompe a unidade do Uno, introduzindo a dualidade pensamento/pensado, e a multiplicidade das Idéias que pensa. É, portanto, um-muitos.
- As Idéias pensadas pelo Nous em certo sentido correspondem às Idéias platônicas, enquanto são o verdadeiro Ser; em outro sentido se diferenciam delas porque não são puros inteligíveis, mas são também inteligências e, portanto, são forças ativas, elas mesmas criadoras.
- O Nous é, portanto, pensamento por excelência, Ser por excelência (por via das Idéias que contém) e vida por excelência, enquanto a atividade do pensar é a mais alta forma de vida.

O uno devia tornar-se Nous para poder pensar.

ALMA – Terceira hipóstase

- A Alma tem como atividade específica a de criar o mundo. É a última deusa, isto é, a última realidade inteligível.
- A Alma é uma-e-muitos, em sentido horizontal, enquanto se divide nos vários corpos, e em sentido vertical enquanto é hierarquicamente subdividida em:

Alma suprema, que permanece em estreita união com o Espírito.

Alma do Todo, que cria o cosmo físico.

Almas particulares, que descem para animar os corpos.

- A essência da Alma é em todo caso única e, portanto, ela está toda em tudo.

O Uno devia tornar-se Alma para poder criar.

HOMEM

- O homem é, sobretudo, natureza espiritual. Ele, portanto, tende a reunir-se com sua origem, isto é, com o Uno.
- Esta tentativa realiza-se com um processo chamado “via do retorno” e que acontece por meio da virtude, da erótica e da dialética.
- Consiste em uma progressiva simplificação, eliminando tudo o que é múltiplo e material, até o momento do êxtase ou união mística com a Primeira hipóstase.

O homem deve despojar-se de tudo.

MATÉRIA

- É o produto da Alma, mas não tem mais força de contemplar sua fonte e, por isso, é estéril e não cria mais nada.
- A matéria deve ser sustentada pelas almas que nela traduzem as Idéias do Nous.

Conceitos fundamentais da filosofia pagã antiga

Acidente: O termo tornou-se técnico com Aristóteles, que o definiu como aquilo que a uma coisa acontece de ser “não sempre nem no mais das vezes”, ou seja, não estavelmente e, portanto, uma característica que não faz parte da essência da coisa. O ser accidental é, portanto, fortuito e casual. Conseqüentemente, acidente indica o significado mais fraco do ser, vizinho ao não ser (*prope nihil*, dirão os medievais). As causas do acidente não são cognoscíveis, enquanto são cognoscíveis somente as causas daquilo que existe sempre ou no mais das vezes, ou seja, determináveis e necessárias

(enquanto as causas do acidente são indetermináveis, enquanto aleatórias). Mas nem por isso o acidente tem escasso valor do ponto de vista ontológico, porque, se não existisse o acidente, tudo seria necessário.

Afasia: Significa, literalmente, falta de palavra. Do ponto de vista filosófico indica a atitude do não-dizer-nada de definitivo e com valor de verdade. Para os céticos esta atitude se impõe como necessária, porque a natureza indeterminada das coisas não permite exprimir-se sobre elas de maneira veritativa e, portanto, é preciso renunciar tanto a afirmar como a negar qualquer coisa.

Amizade: Para Platão a amizade, de um lado, distingue-se do *Eros* (cf. “Belo”), porque nela prevalece o elemento racional e está ausente o elemento passional; mas, do outro lado, liga-se ao *Eros*, porque ela também vai em busca de algo que falta ao homem, e que lhe é necessário. E isso é o Bem, que, portanto, pode-se considerar como “Primeiro amigo”, em função do qual toda coisa particular é amiga. Com o amigo o homem quer alcançar o Primeiro amigo.

Antilogia: Significa contradição, e, segundo Protágoras, designa o método de aduzir argumentos pró e contra sobre qualquer questão, para tornar mais forte o argumento mais fraco. Protágoras se professava mestre em tal arte.

Ápeiron: Significa “infinito”, “indefinido”, “ilimitado”. Em Platão designa o elemento indeterminado. Este elemento é de-terminado e de-limitado pelo “limite” (péras, princípio limitante). A “mistura”

desses dois princípios constitui o ser de todas as coisas. O ápeiron, em nível originário, é o princípio da Díade; no plano sensível é a chora, ou seja, o princípio material caótico, sobre o qual o Demiurgo age para produzir o mundo, transformando o caos em kosmos, introduzindo na chora o “limite” por meio dos números e das figuras geométricas. Toda a realidade tem, portanto, estrutura bipolar de ápeiron e péras.

Apocatástase: O termo significa “reconstituição” e nos Estóicos tem significado técnico: indica o princípio segundo o qual todo o mundo em períodos regulares se reforma de modo sempre idêntico, depois de ser destruído pelo fogo (cf. conflagração cósmica). Por meio da apocatástase o mundo se reconstitui sempre do mesmo modo, não só em geral, mas também nos mínimos particulares, pois é sempre animado pelo mesmo logos.

Aponía: Significa “ausência de dor”, ou seja, não sofrer dores tanto no corpo como na alma. Em Epicuro coincide com o prazer em repouso (catastemático), que se opõe ao prazer em movimento, ao qual sempre está ligada a perturbação e, portanto, a dor. A aponía coincide com o sumo prazer, que consiste justamente na total ausência de dor. De fato, apenas o prazer catastemático, como ausência de qualquer forma de dor, tem caráter de estabilidade e não pode sofrer nem incremento nem diminuição, e, portanto, jamais nos deixa insatisfeitos.

Átomo: É uma das mais significativas criações do pensamento grego. Significa “indivisível”, e para Leucipo e Demócrito – e a seguir

também para Epicuro – indica o princípio de toda a realidade. O átomo não é visível a não ser pelo olho do intelecto. Não tem qualidade, mas apenas formas geométricas, ordem e posição. É imutável, incorruptível, naturalmente dotado de movimento. Os átomos são infinitos em número. Todas as realidades nascem por agregação de átomos e morrem pela sua desagregação.

Ato (= enérghēia, entelécheia): É um termo originário que não pode ser definido, mas apenas intuído e ilustrado por meio de exemplos. Para Aristóteles é o ser na sua realização completa e na sua perfeição. O ato é oposto à potência, que é o ser na sua capacidade de desenvolver-se (por exemplo, a planta é o ato da semente, enquanto a semente é a planta em potência). Os dois conceitos, tomados juntos no seu nexos estrutural, explicam o movimento em todas as suas formas. Para Aristóteles potência e ato não são eqüipolentes do ponto de vista ontológico, ou seja, no grau de ser, mas o ato goza de prioridade em relação à potência, da qual constitui a condição, o fim e a regra. O ato corresponde à forma, a potência à matéria.

Belo: Para Platão o conceito de Belo corresponde ao de harmonia, medida e proporção, e, do ponto de vista ontológico, está ligado à idéia do Bem e à Verdade. Poder-se-ia dizer que o Belo é o Bem em sua manifestação. Também o amor (Eros) está em estreita relação com o Belo, e como o Belo coincide com o Verdadeiro e com o Bem, segue-se que o verdadeiro amante é o filósofo que aspira à verdade e ao bem. Em particular, a Beleza é, para Platão, como o emergir do inteligível no sensível. No Fedro ele escreve: “A Beleza resplandecia

entre as realidades do alto como Ser. E nós, vindos cá para baixo, a captamos com a mais clara das nossas sensações por meio do corpo. Somente a Beleza recebeu esta sorte de ser aquilo que é mais manifesto e mais amável”.

Bem: Platão foi o primeiro a trazer à baila o conceito de Bem do ponto de vista ontológico, identificando-o com a suma Idéia, e com o princípio primeiro e supremo de Uno (que é a Medida suprema de todas as coisas), do qual depende toda a realidade (recebendo a justa medida e proporção que a faz ser). Do ponto de vista moral, o Bem se identifica com a imitação do divino, ou seja, do Bem metafísico, e consiste na alma ordenada e plasmada segundo a ordem do mundo ideal. Tenhamos presente que Platão ligou de modo estreito o Belo com o Bem, enquanto é o modo em que o Bem se manifesta. No Filebo, com seu estilo irônico com que exprime as coisas importantes, escreve: “E agora o poder do Bem nos fugiu na natureza do Belo: com efeito, a medida e a proporção resultam ser, em tudo, beleza e virtude”.

Categoria: No significado comum do vocábulo grego significava “acusação”, “imputação”. Não tem um correspondente em línguas modernas, e por isso se preferiu, em geral, não traduzir, mas transliterar o termo original. Aristóteles foi o criador do conceito filosófico expresso com este termo. Trata-se de conceito muito importante, que tem três valências precisas estreitamente ligadas entre si. 1) Em sentido ontológico, significa as divisões originárias ou “figuras do ser”, ou seja, aquilo em que o ser originariamente se distingue, tendo no vértice a substância, da qual dependem

qualidade, quantidade, e as outras sete categorias. 2) Em sentido lógico significa os predicados supremos, que exprimem as correspondentes figuras do ser. 3) As categorias têm também um sentido gramatical enquanto exprimem as partes originárias das proposições: a substância se exprime no sujeito, quantidade e qualidade se exprimem com adjetivos, onde e quando em advérbios de tempo e de lugar, as categorias do agir e sofrer se exprimem nos verbos ativos e passivos. Trata-se de um dos conceitos que tiveram maior influência na história do pensamento ocidental, também em tempos modernos, sobretudo de Kant em diante.

Conflagração cósmica (ekpyrosis): Para os estóicos é a combustão geral na qual, ciclicamente, no grande ano em que se conclui o ciclo de desenvolvimento do cosmo, o fogo consome e reabsorve em si toda a realidade. Não, porém, de modo definitivo, porque dessa condição o mundo se regenera e volta a desenvolver-se em formas sempre idênticas (palingênese).

Declinação (clinámen) ou desvio: Trata-se de um conceito que exprime uma das mais significativas novidades na revisão do antigo atomismo feita pelos epicuristas. Representa o deslocamento mínimo e casual da linha de queda (do alto para baixo) dos átomos, graças ao qual os átomos podem se encontrar e assim formar o cosmo. Este conceito tem grande importância também no plano moral, enquanto permite certa liberdade, que em um sistema totalmente vinculado pela absoluta necessidade resultaria de outro modo impossível.

Formas possíveis do Estado segundo Platão: A sistemática reflexão filosófica sobre as diversas formas de governo remonta a Platão. Na República ele distingue, ao lado da forma de governo por ele idealizado, que é uma aristocracia de filósofos, quatro formas que representam progressiva corrupção daquela: 1) a timocracia = forma de governo fundada sobre a honra, considerada como valor supremo; 2) a oligarquia = forma de governo fundada sobre a riqueza; 3) a democracia = forma de governo fundada sobre uma liberdade levada ao excesso; 4) a tirania = forma de governo fundada sobre a violência derivada da licenciosidade em que decaiu a liberdade. Platão afirma (e esta é uma das suas mais conspícuas descobertas) que as formas de governo correspondem exatamente ao nível moral das consciências dos cidadãos. As análises do Político podem resumir-se no seguinte esquema: Tipo de governo – Governo de um só – Se respeita as leis – Monarquia – Se não respeita as leis – Tirania. Governo de poucos – Aristocracia – Oligarquia. Governo de muitos – Democracia – Democracia corrupta (= demagogia). Nas Leis, Platão propõe uma constituição mista, como a que resulta (historicamente) mais adequada, a qual tempera as vantagens da monarquia com as da democracia, procurando eliminar reciprocamente os defeitos.

Formas possíveis do Estado segundo Aristóteles: O esquema das possíveis formas de governo, que encontramos na Política de Aristóteles, deriva do platônico e pode ser representado como segue: Tipo de governo – Governo de um só – Caso se governe em vista do bem público – Monarquia – Caso se governe em vista do interesse próprio – Tirania. Governo de poucos – Aristocracia –

Oligarquia. Governo de muitos – Polítia – Democracia. A polítia, na verdade, tem uma posição um pouco excêntrica em relação ao esquema, sendo, propriamente, uma espécie de média entre a oligarquia e a democracia.

Harmonia: É um conceito tipicamente helênico, que os gregos estendiam não só ao mundo em seu conjunto, mas também à alma humana e aos seus produtos (arte, literatura, política). Por mais que tivesse sido tematizado pela primeira vez por Heráclito como “harmonia dos contrários”, assumiu sua mais completa explicitação nos Pitagóricos, para os quais todo o cosmo é harmonia, porque é ordenado pelos números e por aquilo que a eles está ligado. O pitagórico Filolau dizia: “Tudo nasce da necessidade e da harmonia”.

Hedonismo: É a doutrina que encontra no prazer o sumo bem e na busca do prazer o fim da vida do homem. Doutrina hedonista é a dos Cirenaicos, que, todavia, embora pregando a busca do prazer do momento e até a superioridade dos prazeres do corpo sobre os da alma, condenam os excessos e consideram indispensável manter um domínio de si ao experimentar os prazeres. Muito mais refinado é o hedonismo dos Epicuristas. De fato, Epicuro julga de modo positivo somente os prazeres naturais e necessários, experimentados com grande medida. O prazer supremo, para Epicuro, consiste na ausência de dor (cf. aponía) tanto física como espiritual. Na linguagem comum, geralmente erramos quando chamamos de epicurista o hedonista desenfreado: este corresponde exatamente ao contrário do que o Epicuro histórico prega.

Idéia: Com o termo Idéia se traduzem geralmente os termos gregos idéa e éidos. Infelizmente a tradução (que neste caso é uma transliteração) não é a mais feliz, porque, na linguagem moderna, idéia assumiu um sentido que é estranho ao sentido platônico. A tradução exata do termo seria forma, pelas razões que compreenderemos posteriormente. Com efeito, nós, modernos, com idéia entendemos um conceito, um pensamento, uma representação mental, algo enfim que nos leva ao plano psicológico e noológico; Platão, ao contrário, com Idéia entendia, em certo sentido, algo que constitui o objeto específico do pensamento, ou seja, aquilo a que o pensamento se dirige de modo puro, sem o que o pensamento não seria pensamento. Em resumo, a Idéia platônica não é realmente puro ente de razão, mas é um ser, mais ainda, aquele ser que existe de forma absoluta, o verdadeiro ser, como já vimos com amplitude e como veremos posteriormente. Os termos idéa e éidos derivam ambos de idéin, que quer dizer ver, e na língua grega anterior a Platão empregavam-se sobretudo para designar a forma visível das coisas, ou seja, a forma exterior e a figura que se capta com o olho, portanto, o visto sensível. Sucessivamente, idéa e éidos passaram a indicar, de modo translato, a forma interior, ou seja, a natureza específica da coisa, a essência da coisa. Este segundo uso, raro antes de Platão, torna-se ao invés estável na linguagem metafísica do nosso filósofo. Platão, portanto, fala de idéa e de éidos, sobretudo, para indicar esta forma interior, esta estrutura metafísica ou essência das coisas, de natureza requintadamente inteligível, e usa como sinônimos os termos ousía, isto é, substância ou essência, e até physis, no sentido de natureza das coisas, realidade das coisas.

Indução: É o processo que permite remontar do particular ao universal. Opõe-se à dedução e à demonstração – em particular a silogística – que move em sentido oposto do universal ao particular. Está, porém, estreitamente ligada à própria dedução, porque esta não poderia existir sem aquela. Eis uma passagem significativa de Aristóteles: “Aprendemos ou por indução ou por demonstração. A demonstração procede dos universais, enquanto a indução procede dos particulares. Mas não é possível considerar os universais a não ser por indução”.

Instinto, instinto primário (oikéiosis): Corresponde àquilo que hoje chamamos de instinto de conservação, mas nos estóicos tem aplicação mais vasta e acentuada valência moral. O ser vivo deve buscar aquilo que favorece seu ser, e deve evitar aquilo que o danifica. Como, no caso particular do homem, o verdadeiro ser consiste na razão (= logos), caberá ao homem buscar as coisas que aumentam sua racionalidade – e estas serão os bens – e evitar aquelas que a danificam – e estas são os males.

Metempsicose: É assim chamada a doutrina que admite a transmigração da alma em mais corpos. Subentende em geral uma concepção negativa do corpo (dualismo antropológico) e um ideal ético que tende a purificar a alma e a separa-la o mais possível do corpo. Os Órficos foram os primeiros a introduzir esta crença, e em seguida dos Pitagóricos a tornaram própria. Mas nesta assunção modificaram o conceito de purificação, não mais confiando-a às

práticas rituais, mas à ciência – sobretudo à matemática –, enquanto purifica e eleva a alma.

Niilismo: É a teoria filosófica que se fundamenta sobre a admissão de que não existe o ser, e, portanto, o nada existe. Em geral, do niilismo metafísico segue-se o relativismo gnosiológico e moral, enquanto, na ausência do ser, não é possível fixar uma verdade e um bem absolutos.

Sábio: No período helenístico a figura do sábio constitui uma das fortes idéias sintéticas que dão tom a determinada temperatura cultural. Com efeito, sobretudo para os Estóicos, o sábio representa a encarnação da arte perfeita de viver – isto é, da filosofia –, em formas idealizadas e quase míticas. Embora cada Escola helenística carregasse o termo com conotações próprias, o denominador comum para todas foi o da superioridade do sábio em relação às coisas e aos acontecimentos, que, graças à sua virtude, ele pode perfeitamente dominar.

Vontade: Foi, sobretudo, Sêneca que trouxe para o primeiro plano este conceito, do qual os filósofos gregos não têm correspondente exato. Max Pohlenz, um dos maiores conhecedores do Estoicismo, fornece a melhor explicação: “A vontade tem para os gregos um significado diferente e muito mais restrito que para nós, de modo a passar não só em Sócrates, mas em toda filosofia grega, absolutamente em segundo plano. [...] Dizendo ‘vontade’ pensamos em uma função psíquica igualmente distinta do intelecto e do sentimento, e a sentimos independente também do objeto para o

qual dirige-se. Falamos, por exemplo, de ‘força de vontade’ e de ‘homem volitivo’, sem dar qualquer indicação de direção dessa vontade. Em absoluto esta palavra escapa de uma tradução em grego. [...] De um querer particular, independente do intelecto, a mentalidade grega não percebe a necessidade”. Enquanto para o grego bastava “conhecer” o bem para pratica-lo, nesta nova ótica de Sêneca para praticar o bem é preciso “quere-lo” (podes conhecer o bem e ao mesmo tempo não quere-lo) e, portanto, o “querer” se distingue claramente do “conhecer”.

PATRÍSTICA E ESCOLÁSTICA

“Em verdade, em verdade, vos digo: ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo”. Evangelho segundo João

“Cristo é o mais forte de todos, porque se diz e é a verdade”.
Máximo o Confessor

“Creio para entender e entendo para crer”. Agostinho

“Ninguém pode atravessar o mar deste século, se não for carregado pela cruz de Cristo”. Agostinho

“A verdadeira filosofia não é mais que a religião, e, inversamente, a verdadeira religião não é mais que a verdadeira filosofia”.

“Ninguém entra no céu, a não ser por meio da filosofia”. Escoto Eriúgena

“Eu não tento, Senhor, mergulhar em teus mistérios, porque minha inteligência não é adequada; desejo, porém, entender um pouco da tua verdade, que o meu coração já crê e ama. Não procuro compreender-te para crer, mas creio para poder te compreender”.

Anselmo de Aosta

“Como se alguém cai em um precipício e aí permanece se outro alguém não o ajuda a levantar-se, também nossa alma não teria podido levantar-se das coisas sensíveis até a contemplação de si mesma e da verdade eterna nela refletida, se a própria verdade, assumindo a forma humana em Cristo, não tivesse tornado escada de reparação pela queda da primeira escada de Adão. Por isso, ninguém, por mais que possa ser iluminado pelos dons da natureza e da ciência adquirida, pode reentrar em si mesmo para aí gozar Deus, a não ser pela mediação de Cristo, que disse: Eu sou a porta; quem passar por mim se salvará, entrará e encontrará pastagens eternas”. Boaventura

“Deus está em todas as criaturas enquanto têm uma essência e, ao mesmo tempo, está acima delas. E Ele que está em todas as criaturas é o mesmo que está acima delas, uma vez que aquilo que é um em muitas coisas, deve necessariamente estar acima das coisas”. Mestre Eckhart

AGOSTINHO

A CENTRALIDADE DA TRINDADE DIVINA

TRINDADE:

- Implica a identidade substancial das três Pessoas.
- A diferença é apenas relacional (o Pai tem o Filho, mas não é o Filho; o Filho tem o Pai, mas não é o Pai etc...).

A Trindade é:

SER: Enquanto Sumo Ser, Deus cria.

VERDADE: Enquanto Suma Verdade, Deus ilumina.

AMOR: Enquanto Sumo Amor, Deus beneficia.

Criação:

- O mundo é criado segundo a razão, isto é, segundo as Idéias-paradigma que estão na mente de Deus.
- É ex nihilo et subiecti, isto é, Deus não age sobre uma substância pré-existente (sua ou externa a si), mas cria do nada.
- Deus não cria a totalidade das coisas como já atuadas, mas insere no criado as razões seminais das coisas, que pouco a pouco se desenvolvem.

Iluminação:

- A alma tem critérios de conhecimento imutáveis e necessários que lhe vêm de Deus.
- A mente de Deus tem em si os modelos imutáveis e eternos (= Idéias) de todas as coisas.
- Deus, no momento da criação, participa às coisas a capacidade de manifestar-se pela verdade, e às mentes a capacidade de colhê-las.

Amor:

- No homem, assim como na Trindade, o amor é essencial. A virtude, com efeito, reduz-se à ordo amoris: amar a si mesmos, os outros e as coisas conforme sua dignidade ontológica.
- O amor perfeito é o doador, que tem em Cristo (o Deus feito homem) o vértice supremo.

Mundo:

- Todas as coisas têm unidade, ordem e forma.
- Estas características são vestígios que a Trindade deixou nas coisas.

- Graças a estas podemos remontar do mundo a Deus, a partir dos graus de perfeição que existem no mundo.

Homem:

- O homem é pessoa, isto é, indivíduo irrepetível.
- É imagem das três Pessoas da Trindade e, com efeito, é, conhece e ama.
- Tem em si uma faculdade da vontade que é diferente da faculdade da razão.
- A vontade livre é a que escolhe o bem superior em vez do inferior, isto é, vive para Deus.
- O conjunto dos homens que vivem para Deus forma a Cidade Celeste, o conjunto dos maus forma a Cidade Terrena.
- O mal não tem estatuto ontológico, mas nasce da confusão de um bem inferior com um bem superior.
- O homem encontra, sobretudo, em si mesmo a prova da existência de Deus que se manifesta como verdade.

ANSELMO DEUS E O HOMEM

DEUS: Uma coisa é o problema da existência de Deus, outra coisa é o problema da natureza de Deus. Deus é bondade absoluta, suma grandeza e perfeição, causa das coisas.

PROVAS A POSTERIORI DA EXISTÊNCIA DE DEUS:

- Se as coisas são boas, existe uma bondade absoluta (= Deus).
- Das grandezas qualitativas que existem se remonta a uma suma grandeza (= Deus).

- Tudo o que existe, existe em virtude de algo; deve, portanto, haver um Ser supremo, causa das coisas (= Deus).
- Os diversos graus de perfeição que existem remetem a uma suma perfeição (= Deus).

PROVAS AS PRIORI DA EXISTÊNCIA DE DEUS

- Deus é aquilo a respeito do qual nada se pode pensar de mais perfeito.
- Mas entre as perfeições existe também a da existência.
- Portanto, não se pode pensar Deus, suma perfeição, sem o atributo da existência.

HOMEM: A liberdade humana coincide com a vontade do bem.

O conhecimento humano mede-se pelas coisas, o divino as mede.

A LIBERDADE HUMANA: Não está em contraste com a presciência divina. Deus pensa na eternidade os eventos que se desenvolverão no tempo no modo em que se desenvolverão: segundo a necessidade quando são necessários e segundo a liberdade quando são livres.

CONCEPÇÃO REALISTA DOS UNIVERSAIS: As coisas boas, grandes etc..., não seriam concebíveis se não existissem as Idéias correspondentes na mente divina, como modelos da criação.

FÉ E RAZÃO: Esclarecer com a razão aquilo que se possui com a fé, credo ut intelligam.

DISPUTA SOBRE OS UNIVERSAIS

Os universais podem ser:

Ante rem: Isto é, antes das coisas sensíveis, ou seja, existem em si e por si.

REALISMO EXAGERADO: Foi a tese de Guilherme de Champeaux e em parte de Anselmo. Retoma posições platônicas.

REALISMO MODERADO: Foi a tese de Tomás: os universais existem ante rem na mente de Deus, in re como forma das coisas, e post rem como conceito mental.

Post rem: Ou seja, na mente como conceitos abstratos.

CONCEITUALISMO: Foi a tese propugnada, sobretudo, por Abelardo que, porém, admitia certa relação com a realidade das coisas no que se refere ao status communis.

In re: Ou seja, nas coisas sensíveis, como suas conotações ontológicas.

Como puros nomes: Sem uma relação estrutural com as coisas.

NOMINALISMO: Foi a tese propugnada por Roscelino e também por Ockham. O universal é puramente um nome que se refere a mais indivíduos.

AVERRÓIS

A TEORIA DO INTELECTO

Intelecto:

INTELECTO AGENTE:

- É o intelecto divino.
- Põe em ato os conceitos inteligíveis em potência.

INTELECTO POSSÍVEL:

- É único, separado, supra-individual.

- Recebe na fantasia os conceitos inteligíveis atualizados pelo intelecto agente.
- É o saber coletivo da humanidade que se incrementa com a evolução da consciência.
- Quando todo o intelecto possível for atualizado, ele se identificará (= unio mística) com o intelecto divino em ato.

FANTASIA:

- É individual e sensível.
- Acolhe os universais em potência, apenas enquanto continente e, sendo sensível, não está em grau de compreendê-los.
- Dá a impressão de que o conhecimento seja individual.

HOMEM:

- Está unido, por meio da fantasia, com o intelecto possível.
- O ato de entender é tanto do homem singular (enquanto ligado à fantasia sensível individual), como supra-individual (o saber transcende o sapiente singular e tem carácter cumulativo para toda a humanidade), enquanto o universal em ato não pode ser captado pelo indivíduo.

TOMÁS A ONTOLOGIA

ENTE

ENTE LÓGICO: Nem tudo o que é pensado existe assim como é pensado. O carácter universal dos conceitos é fruto da faculdade abstrativa do Intelecto (= realismo moderado).

ENTE REAL: Tudo o que existe é ente, mas de modo analógico: Deus, p. ex., é o ser, enquanto o criado tem o ser por participação.

O ente real se distingue em:

ESSÊNCIA: É atitude/potência para ser. É universal.

ATO DE SER: É aquilo que existe de fato. Nas criaturas essência e ato de ser são distintos; em Deus coincidem.

TRANSCENDENTAIS: (Verdadeiro, uno, bom) O ser é uno, verdadeiro e bom.

DEUS: Apenas em Deus essência e existência coincidem. Deus tem o ser de forma originária; o mundo por participação.

MUNDO CRIADO: As criaturas, enquanto participam do ser divino, em parte se assemelham a Deus e em parte não. Isto significa que entre Deus e o mundo há analogia, no sentido que aquilo que se predica das criaturas também se pode predicar de Deus, não, porém, do mesmo modo, nem no mesmo grau.

UNO: O ser é uno, ou seja, não é autocontraditório, é indivisível, mas é participável.

BOM: O ser é bom porque desejado pela bondade de Deus.

VERDADEIRO: O ser é verdadeiro porque é inteligível e é inteligível porque Deus o pensou para criá-lo.

TOMÁS

AS CINCO PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

DEUS: As cinco provas (= vias) da existência de Deus.

Primeira via do movimento: Tudo aquilo que se move é movido por outro. É preciso então crer na existência de um primum movens. E este, justamente, é Deus.

Segunda via da causa: Não é possível que exista uma série infinita de causas. Existe uma primeira causa não-causada, e esta é Deus.

Terceira via da contingência: As coisas são contingentes, ou seja, podem existir ou não existir. Mas aquilo que pode existir ou não existir, algum tempo não existiu. Isso implica que houve um tempo em que nada existia. Mas se assim fosse também agora nunca deveria existir nada, porque é impossível que aquilo que não existe comece a existir, a não ser por algo que já existe. É, portanto, necessário que algo seja necessário. E isso é Deus.

Quarta via dos graus de perfeição: Existem diversos graus de perfeição, mas isso implica um grau máximo ao qual referir-se. Esta suma perfeição é Deus.

Quinta via do finalismo: Existe um finalismo no cosmo, e isso implica a existência de uma causa inteligente e finalizante: justamente, Deus.

TOMÁS

O CONHECIMENTO HUMANO DAS LEIS

O HOMEM: O homem, enquanto dotado de razão e de livre-arbítrio, conhece a lei divina, a lei eterna e a lei humana, e peca quando infringe as duas primeiras leis e a terceira, enquanto baseada sobre a lei natural.

Lex humana: Corresponde ao direito positivo; é a ordem promulgada pelo homem. Deriva da lex naturalis; tem função pedagógica.

Ius gentium: Deriva da lei natural por dedução. P. ex.: a proibição do homicídio.

Ius civile: Deriva da lei natural por especificação. P. ex.: aplicar determinada pena aos homicídios.

Lex divina: É a lei revelada, a lei positiva expressa pelo Evangelho; guia à bem-aventurança à qual todo homem aspira.

Lex aeterna: É o plano racional de Deus, é a ordem do universo inteiro. São conhecidos por Deus e por pouquíssimos beatos.

Lex naturalis: É a parte da lex aeterna que é conhecida do homem enquanto racional. P. ex.: “fazer o bem e não fazer o mal”.

BOAVENTURA A CRIAÇÃO

DEUS:

- Está presente e operante em todo ato cognoscitivo nosso e, portanto, não há necessidade de demonstrar sua existência, mas basta mostrar sua presença em nossa interioridade.
- É como um artista que cria, e, portanto, tem um projeto racional que se exprime nas idéias.
- A criação se realiza de duas formas:

Razões seminais: A criação parte de um estado de caos, por meio de diferenciações graduais. Mas isso implica que na matéria exista uma forma intrínseca, aí colocada por Deus desde o início e que esta, como uma semente, se desenvolve no tempo.

Exemplarismo: Deus se serve das Idéias de sua mente como projeto exemplar do mundo que cria.

Criado: O criado é sinal de Deus em vários níveis: Como vestígio (para os entes sensíveis), como imagem (para o homem), como semelhança (para as realidades deiformes). O mundo é, portanto, uma escada que permite ao homem ascender até Deus. Tudo fala de Deus.

Homem: Deus está presente no homem. O homem é a imagem de Deus pelas suas faculdades espirituais da memória, do intelecto, da vontade e do conhecimento.

Conhecimento e co-intuição: O conhecimento, mesmo o sensível, implica o universal e o conceito de perfeição. Isso se explica com o fato de que o homem, no momento em que colhe o exemplificado, ou seja, a coisa criada sobre a base do exemplar ideal, co-intui também o exemplar (= Idéia na mente de Deus). Mas esta co-intuição pode ocorrer apenas por iniciativa de Deus (= iluminação).

DUNS ESCOTO

A UNIVOCIDADE DO ENTE

Lógica: É necessário analisar todos os conceitos complexos para chegar a conceitos simples. Para fazer isso é preciso uma doutrina da distinção (distinção real, formal, modal e de razão). O conceito simples é aquele que não é identificável com nenhum outro.

Distinção real: Como a que existe entre Sócrates e Platão.

Distinção formal: Como a que existe entre inteligência e vontade.

Distinção modal: Entre os diversos graus da mesma qualidade.

Distinção de razão: Refere-se ao campo lógico e serve para esclarecer certos termos.

ENTE UNÍVOCO: É o primeiro conceito simples e unívoco. Estendendo a distinção modal (isto é, prescindindo de todos os modos específicos em que se atua) para todos os entes se obtém o ente unívoco. O homem e Deus são entes, mas o primeiro o é no modo finito e é evidente, o outro é infinito e deve ser demonstrado.

Haecceitas: Depois do esvaziamento do universal, a verdade mais profunda é a do particular (= haecceitas); esta é a realidade última de um ente e não pode ser deduzida nem da matéria nem da forma.

Intelecto: É feito para conhecer o ente unívoco, e, portanto, sua extensão é ilimitada, mas também de uma genericidade ilimitada, porque prescinde da riqueza e variedade específica das coisas. Por isso o conhecimento filosófico tem necessidade das ciências particulares e da teologia.

Bem: Justamente porque o conhecimento filosófico do ente é genérico, não se pode deduzir dele o bonum. E, portanto, o bonum não é um transcendental, mas aquilo que Deus quer e impõe. *Ens et bonum non convertuntur.*

Pessoa: Da revalorização do individual deriva a centralidade da pessoa, ente que não pode ser reduzido a outro. É um universal concreto, ou seja, na pessoa se identificam individual e universal. A pessoa é um todo no todo e não uma parte do todo.

Deus: Se o mundo existe é também possível (= produtivo). Qual é o fundamento desta possibilidade? Não é o nada nem as próprias coisas, mas um ser distinto do ser produtivo (possível) que existe e age por si e não é por sua vez produtivo. Se as coisas são possíveis, também este ente é possível. Mas também é possível ou é também real? É real e em ato, porque se não existisse, nem seria

possível (produtível), porque ninguém está em grau de produzi-lo. O ente primeiro se é possível, é real.

OCKHAM

A TEORIA DO CONHECIMENTO

CONHECIMENTO: A navalha entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem. É o critério do conhecimento. Depois da sua aplicação, cai o conceito de substância (nós conhecemos as qualidades e não a substância), a causa eficiente e a causa final. Por conseguinte, também o universal não é real; mas sinal abreviativo de coisas semelhantes: Nominalismo. O conhecimento se distingue em:

Complexo: Quando se baseia sobre um complexo de elementos.

Não-complexo: Quando se baseia sobre elementos simples.

Intuitivo (diz se uma coisa existe ou não): Sensível, inteligível, perfeito (do presente), imperfeito (do passado).

Abstrativo: Prescinde da existência ou não de uma coisa. No sentido de abstrair dos singulares. No sentido de fazer abstração da existência ou não das coisas.

Conceitos fundamentais da Patrística e Escolástica

Agápe: A doutrina cristã do amor (agápe, charitas) opera uma revolução estrutural em relação à concepção grega do Eros. Para o grego Deus não pode amar porque o amor pressupõe falta e, portanto, imperfeição. Para Platão, por exemplo, o Eros deriva da falta do belo e do desejo de possuí-lo e, portanto, em dimensão aquisitiva e ascensiva, é próprio do homem e não de Deus. Mesmo

para Aristóteles o Motor imóvel é amado e não amante (move como objeto de amor). O amor cristão é, ao contrário, primeiramente próprio de Deus, que ama em dimensão donativa, como superabundância de bem.

Alegoria: É uma imagem que é apresentada como símbolo de um conceito. Interpretação alegórica dos textos é, portanto, a que procura percorrer de novo em sentido inverso esta relação, ou seja, reconduzir as imagens ao sentido filosófico que as inspirou. Mestre e também teórico deste gênero de exegese foi Fílon, que o aplicou de modo sistemático à Bíblia. Segundo Fílon, sob as personagens e os eventos estão precisos significados filosóficos, em vários níveis. A filosofia de Fílon consiste justamente em uma interpretação da Bíblia em chave alegórica. Do método de Fílon depende em grande medida a interpretação da Sagrada Escritura dos primeiros pensadores cristãos.

Analogia: Com este termo indica-se a relação de participação que existe entre o ser infinito de Deus criador e o ser finito dos entes criados: trata-se de uma relação analógica, isto é, de semelhança, intermediária entre a univocidade e a equivocidade, o que significa nem completamente idêntico nem completamente diferente. O ser é o conceito analógico por excelência, enquanto se predica de toda realidade, porém seu modo varia essencialmente de um gênero para o outro.

Apocatástase: Orígenes reelabora em chave cristã a doutrina de origem estóica da recapitulação final do cosmo. No fim tudo será

exatamente igual ao princípio, e Deus será tudo em todos: essa concepção implica a redenção final de toda criatura (também dos demônios e dos danados).

Argumento ontológico: Trata-se de uma prova a priori da existência de Deus, obtida a partir da própria idéia de Deus. Esta prova se baseia no pressuposto de que a existência real é uma perfeição; se Deus é o Ser que por definição possui todas as perfeições, deve necessariamente possuir também a existência. Em outras palavras: não se pode pensar Deus como não-existente, porque de outro modo não pensaríamos Deus, mas um Ser inferior.

Conceitualismo: Trata-se de uma forma de aristotelismo reelaborado, sobretudo por Abelardo: o universal, embora não sendo um arquétipo ideal, é um conceito significativo obtido por abstração.

Criacionismo: A doutrina da criação do mundo a partir do nada é de origem bíblica. No âmbito do pensamento grego, em particular no que se refere a Platão, pode-se falar de semicriacionismo: segundo Platão, com efeito, o Demiurgo não cria do nada, mas plasma e ordena uma matéria caótica e informe preexistente.

Ente e essência: Com estes termos se distinguem a realidade concreta e existente (por exemplo, o homem individual) e o universal abstrato (por exemplo, a idéia de humanidade). O ente existe de fato (de modo necessário caso se trate de Deus, de modo contingente caso se trate das criaturas), enquanto a essência exprime o “o que é” de cada coisa singular, isto é, o conjunto de suas determinações.

Fé e razão: O problema do equilíbrio entre fé e razão é constante no arco do pensamento medieval. A solução de Agostinho, para usar uma expressão da teoria gnosiológica moderna, é um círculo hermenêutico: este significa que todo conhecimento pressupõe pré-conhecimento apreendidos por outro caminho, que podem depois ser confirmados, desmentidos ou modificados. A fé é, portanto, um pré-conhecimento em relação à razão (*credo ut intelligam*); mas a razão depois pode e deve transpor criticamente as verdades de fé (*intelligo ut credam*).

Haecceitas: Com este termo Duns Escoto indica o princípio de individuação, que para a Escolástica era, ao invés, a matéria *quantitate signata*.

Iluminação: A doutrina de Agostinho sobre a iluminação substitui a doutrina platônica da anamnese ou reminiscência. Para Platão, as almas humanas contemplaram as Idéias antes de encarnar-se nos corpos, e depois se recordam delas na experiência concreta. Para Agostinho, ao contrário, a suprema Verdade de Deus é uma espécie de luz que ilumina a mente humana no ato do conhecimento, permitindo-lhe captar as Idéias, entendidas como as verdades eternas e inteligíveis presentes na própria mente divina.

Intelecto possível e intelecto agente: Averróis reformula a teoria aristotélica da inteligência divina e da inteligência humana de modo original e paradoxal: a única inteligência ativa (agente) seria a de Deus; a inteligência humana é apenas potencial (possível), ou seja,

tem necessidade da inteligência divina para passar da potência ao ato, mas também ela é única para toda a humanidade.

Logos: Provavelmente deduzindo-o do texto bíblico, onde a palavra (em grego logos) de Deus é criadora do mundo, e talvez também com a intenção de interpor entre Deus e o mundo hipóstases para lhe garantir a transcendência, o judeu Fílon apresentou pela primeira vez o Logos como Deus segundo, ou Filho primogênito do Pai, criador do mundo. Remetendo-se também à imagem da Sabedoria bíblica, ele concebeu o Logos como mente de Deus, na qual Deus traça, sob a forma das Idéias platônicas, o projeto do cosmo, ao ato de criação. Como é fácil imaginar, os primeiros pensadores cristãos, já a partir do evangelista João, encontraram neste conceito uma poderosa prefiguração de Cristo, e o assumiram de modo estável em sua bagagem cultural e teológica.

Monoteísmo: A doutrina da unicidade de Deus é especificamente judaico-cristã, enquanto todo o mundo helênico é condicionado pelo politeísmo. No âmbito do pensamento grego, todavia, Platão, Aristóteles, e, sobretudo Plotino haviam antecipado alguns aspectos com orientação monoteísta. Platão, com efeito, no Timeu fala da unicidade do divino Demiurgo ordenador do cosmo e, nas doutrinas não escritas, põe o Uno no vértice do mundo supra-sensível (mesmo admitindo uma série de divindades criadas pelo Demiurgo). Aristóteles, embora admitindo uma multiplicidade de inteligências motoras divinas, colocava um primeiro Motor imóvel único, que pensa a si mesmo. Plotino faz toda a realidade derivar do absoluto e

transcendente princípio do Uno. Em todo caso, o Ocidente ganhou o conceito de monoteísmo apenas da mensagem bíblica.

Navalha de Ockham: Com esta metáfora Ockham quer exprimir um princípio antiplatônico, segundo o qual não é necessário multiplicar os entes e construir um mundo ideal de essências: de fato, não é preciso ir além dos indivíduos.

Nominalismo: Trata-se de uma posição ceticizante que rejeita completamente toda forma de platonismo. O universal seria simples nome que indica uma multiplicidade de indivíduos e nada mais. Não apenas não tem um status ontológico, mas também não tem um status lógico fundativo da palavra.

Realismo exagerado: Trata-se da posição platônica levada às extremas conseqüências. Os universais seriam entes reais, subsistentes em si, Idéias eternas e transcendentais que têm função de arquétipo e paradigma em relação aos indivíduos concretos.

Realismo moderado: Trata-se de uma posição mediana entre a concepção platônica e a aristotélica. Os universais têm tríplice valência: 1) se considerados como transcendentais e anteriores às coisas (na mente de Deus) correspondem às Idéias platônicas; 2) se considerados como imanentes e presentes nas coisas (nos corpos individuais) correspondem às formas aristotélicas; 3) se considerados como abstratos e posteriores às coisas (na mente humana) correspondem aos conceitos lógicos.

Teologia apofática: A teologia do Pseudo-Dionísio Areopagita é fortemente inspirada no Neoplatonismo, para o qual o Princípio primeiro e supremo do Uno está acima de tudo, absolutamente transcendente e separado de todas as outras realidades que dele derivam. Isso implica que qualquer nome que se possa atribuir a Deus é fortemente inadequado: é muito melhor dizer aquilo que Deus não é, do que aquilo que é; em outras palavras, é mais correto predicar de Deus atributos negativos (não-gerado, incorruptível, imóvel, não-causado etc...), do que atributos positivos (bom, belo, santo etc...).

Transcendentais: Com este termo indicam-se as propriedades que competem a todo ser, e que, portanto, transcendem (vão além) as categorias singulares. Os principais são o uno, o verdadeiro e o bom (mas poderíamos acrescentar o belo):

- O uno indica a simplicidade e a não contraditoriedade do ente;
- O verdadeiro indica a cognoscibilidade e a racionalidade do ente;
- O bom indica a amabilidade e o grau de perfeição do ser.

Universais: O termo universal deriva da expressão *unum in diversis*: indica, portanto, aquilo que unifica uma diversidade, ou seja, as propriedades comuns de uma multiplicidade de indivíduos. Na tradição platônica os universais são as Idéias, o ser no mais alto grau, isto é, as essências transcendentais das quais participam as realidades concretas. Na tradição aristotélica, o universal é, ao contrário, o conceito, que se obtém da mente por abstração. O problema medieval consiste em estabelecer qual seja o estatuto

ontológico dos universais: se são Idéias transcendentais, pensamentos de Deus etc..., ou se são apenas conceitos mentais, ou até mesmo apenas palavras insignificantes, ou se existe uma solução que medeia as várias posições.

Univocidade: Para o Tomismo o conceito de ser é analógico, enquanto para Duns Escoto é unívoco: isto significa que ele é predicável da mesma forma de tudo aquilo que existe.

DO HUMANISMO À DESCARTES

“Magnum miraculum est homo”. Hermes Trismegisto, Asclepius

“Ó suprema liberalidade de Deus Pai! Ó suprema e admirável felicidade do homem! Homem ao qual foi concedido obter aquilo que deseja e ser aquilo que quer. Ao nascerem, os brutos levam consigo, do seio materno, tudo aquilo que terão. Os espíritos superiores, desde o início ou pouco depois, já são aquilo que serão nos séculos dos séculos. No homem nascente, o Pai depositou sementes de toda espécie e germes de toda vida. E, à medida que cada um os cultivar, eles crescerão e nele darão seus frutos. E se forem vegetais, será planta; se forem sensíveis, será bruto; se forem racionais, se tornará animal celeste; se forem intelectuais, será anjo e filho de Deus. Se, contudo, não contente com a sorte de nenhuma criatura, se recolher no centro de sua unidade, tornando-se um só espírito com Deus, na solitária névoa do Pai, aquele que foi posto sobre todas as coisas estará sobre todas as coisas”. Pico della Mirandola

“Mas, senhor Simplício, vinde com razões, vossas ou de Aristóteles, e não com textos e fúteis autoridades, porque nossos discursos se

dão acerca do mundo sensível, não sobre um mundo de papel”.
Galileu Galilei

“[...] e não invento hipóteses. Com efeito, tudo aquilo que se deduz dos fenômenos deve ser chamado hipótese. E as hipóteses, tanto metafísicas como físicas, seja de qualidades ocultas ou mecânicas, não encontram nenhum lugar na filosofia experimental”. Isaac Newton

“A natureza e as leis da natureza estavam ocultas na noite. Deus disse: faça-se Newton! E tudo tornou-se luz”. Alexander Pope

“Essas três coisas (a arte da impressão, a pólvora e a bússola) mudaram a situação do mundo todo, a primeira nas letras, a segunda na arte militar, a terceira na navegação; provocaram mudanças tão extraordinárias que nenhum império, nem seita, nem estrela parece ter exercido maior influência e eficácia sobre a humanidade do que essas três invenções”. Francis Bacon

“Se me abstenho de dar meu juízo sobre uma coisa, quando não a concebo com suficiente clareza e distinção, é evidente que faço ótimo uso do juízo e não me deixo enganar; mas, se me determino a negá-la ou a afirmá-la, então não estou mais me servindo como devo de meu livre-arbítrio”. René Descartes

BRUNO

A DERIVAÇÃO DO UNIVERSO DE DEUS E O “HERÓICO FUROR”

Deus: Uno todo e totalmente infinito em toda sua parte, Princípio supremo e Causa incognoscível do Todo: Mente **acima** das coisas.

Intelecto universal: Força divina, faculdade da Alma do mundo. Mente **nas** coisas da qual provêm:

Todas as formas (as estruturas dinâmicas perenemente em renovação da matéria) = Universo uno, imóvel, esferiforme, todo, mas não totalmente infinito: Contém inumeráveis mundos infinitos, mas em toda sua parte é finito.

O tornar-se-uno do homem com o Todo é HERÓICO FUROR, endeusamento (igualação com a Divindade), ânsia de ser-uno com a coisa ansiada que culmina na assimilação do homem ao Todo. Retorno a Deus.

CAMPANELLA

OS FUNDAMENTOS DA METAFÍSICA

Deus é:

Ente por essência, de modo eminentíssimo:

1. Potência suprema
2. Sabedoria suprema
3. Amor supremo

= As três primalidades divinas.

Da superabundância divina emana o Amor que é causa do Bem, e das idéias eternas de Deus deriva assim:

O ente criado (essenciado), constituído intrinsecamente de:

1. potência de ser
2. saber de ser
3. amor de ser

= as três primalidades imanentes uma na outra.

O homem, além da alma-espírito (substância corpórea sutilíssima), também possui a mente incorpórea e divina, capaz de assimilar-se ao inteligível que existe nas coisas.

Toda coisa é animada e, segundo o próprio grau de ser, possui:

- a) conhecimento de si: sapientia indita (“inata”: sensus sui)
- b) conhecimento das outras coisas: sapientia illata (addita)

Com efeito, enquanto nas outras coisas o sensus sui permanece prevalentemente escondido (sensus abditus), o homem pode chegar a conhecer a si mesmo e as outras coisas segundo as idéias mediante as quais Deus criou o universo.

BACON

A INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA

O NOVO ORGANUM DA GRANDE RESTAURAÇÃO DAS CIÊNCIAS E DAS ARTES OU PRINCÍPIOS DA INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA.

PONTO DE PARTIDA: Refutação das antecipações da natureza, isto é, dos:

1. Ídolos da tribo
2. Ídolos da caverna
3. Ídolos do foro ou do mercado
4. Ídolos do teatro

MÉTODO DEMONSTRATIVO: Primeira parte: derivação dos axiomas a partir da experiência.

A) CLASSIFICAÇÃO:

- a. Tábuas da presença
- b. Tábuas da ausência
- c. Tábuas dos graus

B) MÉTODO:

Indução por eliminação da hipótese falsa na explicação do fenômeno.

C) OBJETIVO:

Primeira vindima (ou interpretação inicial), isto é, primeira hipótese coerente com os dados experimentados.

Segunda parte: Derivações de novos fenômenos da primeira vindima por meio de técnicas experimentais (instâncias prerrogativas, retificações da indução etc.).

FIM DA CIÊNCIA:

COGNOSCITIVO: Descoberta da forma de uma natureza dada (interpretação final completa dos fenômenos), isto é, compreensão da estrutura (esquematismo latente) de um fenômeno e da lei (processo latente) que regula seu processo.

OPERATIVO: Geração de uma ou mais novas naturezas em um corpo dado, isto é, transformação dos corpos materiais por meio da introdução neles de uma ou mais qualidades sensíveis.

DESCARTES O COGITO

O MÉTODO PARA A DESCOBERTA DA VERDADE

REGRAS FUNDAMENTAIS:

1. Evidência: Acolher como verdadeiro apenas aquilo que é tal de modo evidente para a razão.
2. Análise: Decompor cada problema em seus elementos últimos.
3. Síntese: Remontar dos objetos mais simples e mais fáceis até os objetos mais complexos.
4. Controle: Enumerar todos os elementos analisados e rever todas as operações sintéticas.

REGRA APLICATIVA: No exame dos princípios do saber tradicional é preciso rejeitar como falso tudo aquilo de que se possa duvidar, para chegar a algo absolutamente indubitável.

PRINCÍPIO PRIMEIRO DA NOVA FILOSOFIA: COGITO, ERGO SUM (existência da alma): Do próprio fato de duvidar (= pensar), segue-se do modo mais evidente e certo que eu sou, isto é, existo.

Faculdades da alma:

Cognoscitivas: sensibilidade, imaginação e intelecto (ou razão).

Idéias: Inatas (inerentes desde sempre na alma), adventícias (vindas do exterior) e factícias (inventadas pela alma).

Eletiva: Vontade (ou livre-arbítrio). Afeições.

FUNDAMENTO ÚLTIMO:

Deus (Ser perfeito, Substância infinita e eterna): A idéia inata de substância infinita pode ter sido posta na alma (que é substância finita) apenas por uma substância verdadeiramente infinita. A certeza e a verdade de toda ciência dependem apenas do conhecimento do verdadeiro Deus.

Conceitos fundamentais do Humanismo a Descartes

Antecipação da natureza: É o processo temerário e prematuro da razão, de que o homem comumente faz uso em relação à natureza. Trata-se de um procedimento muito útil para induzir ao consenso, porque suas noções típicas são tiradas de poucos exemplos muito familiares e imediatamente agarram o intelecto e preenchem a fantasia; porém, justamente por isso, suas noções são em primeiro lugar falsas, e chegam a constituir os ídolos, os preconceitos errados dos quais todo intelecto que queira ser científico deve

absolutamente se libertar. Mediante as antecipações, não se pode obter nenhum progresso nas ciências.

Anticopernicanos: Jean Bodin: “Nenhum homem em plena posse de suas faculdades mentais, ou então dotado das mais elementares noções de física, jamais poderá crer que a terra, pesada e lenta por seu próprio peso e pela sua massa, se agite para cima e para baixo em redor de seu centro e do sol, pois, ao mínimo abalo da terra, veríamos desmoronar as cidades e fortalezas, aldeias e montanhas”. Martinho Lutero: “As pessoas deram ouvidos a um astrólogo de quatro vinténs, que se empenhou em demonstrar que é a terra que gira, e não os céus e o firmamento, o sol e a lua [...]. Este louco pretende abalar toda a ciência astronômica; mas a Sagrada Escritura nos diz (Josué 10, 13) que Josué ordenou ao sol e não à terra que parasse”. Filipe Melanchton: “Os olhos nos mostram com toda evidência que os céus realizam uma revolução no espaço de vinte e quatro horas. Todavia, alguns, por causa de novidades ou para dar prova de engenho, sustentaram que a terra se move [...]. É falta de honestidade e de dignidade sustentar publicamente tais conceitos, e o exemplo é perigoso”. João Calvino: “Quem terá a ousadia de antepor a autoridade de Copérnico à do Espírito Santo?”. Roberto Belarmino: “Digo que [...] o Concílio proíbe expor as escrituras contra o consenso comum dos santos Padres; e se V. Sa. Quiser ler não digo apenas os santos Padres, mas os comentários modernos sobre o Gênesis, sobre os salmos, sobre o Eclesiastes, sobre Josué, encontrará que todos convêm em expor ad litteram que o sol está no céu e gira ao redor da terra com suma velocidade, e que a terra encontra-se afastadíssima do céu e está no centro do

mundo, imóvel. Considere então senhor, com sua prudência, se a Igreja pode suportar que se dê às Escrituras um sentido contrário aos santos Padres e a todos os expositores gregos e latinos”.

Cogito, ergo sum: É o princípio teórico primeiro da filosofia cartesiana, originado da dúvida radical: Do próprio fato de duvidar das outras coisas, diz Descartes, segue-se do modo mais evidente e certo que eu existo, porque se vê claramente que para pensar é preciso existir. A proposição Eu sou, eu existo é uma verdade sem nenhuma mediação; embora seja formulada como um silogismo qualquer, a proposição penso, logo existo não é um raciocínio, mas intuição pura, ato intuitivo graças ao qual percebo minha existência como ser pensante. Esta existência é uma *res cogitans*, sem nenhuma ruptura entre pensamento e ser: a substância pensante é o pensamento em ato, e o pensamento em ato é uma realidade pensante.

Evidência: É o princípio metódico fundamental, a primeira regra do método cartesiano. A evidência consiste na clareza e na distinção, as quais são os sinais da verdade das coisas, e deriva do *lúmen naturale* que existe em todo homem; mais precisamente, a evidência é alcançada mediante um ato intuitivo, que é um conceito não dúbio da mente pura e atenta que nasce apenas da luz da razão e é mais certo que a própria dedução. Em tal sentido, a evidência se autofundamenta e se autojustifica, porque sua garantia deposita-se não em uma base argumentativa qualquer, e sim unicamente na mutua transparência entre razão e conteúdo do ato intuitivo.

Experiência (papel da experiência na pesquisa científica): Entre as maneiras seguras para chegar à verdade está antepor a experiência a qualquer discurso, permanecendo seguros de que neste, ao menos disfarçadamente, estará contida a falácia, não sendo possível que uma experiência sensata seja contrária ao verdadeiro; e este é também um preceito estimadíssimo por Aristóteles e há muito tempo anteposto ao valor e à força da autoridade de todos os homens do mundo, a qual Vossa Senhoria mesma admite que não devemos creditar às autoridades de outros, mas devemos negá-la a nós mesmos, todas as vezes que descobrimos que o sentido nos mostra o contrário. Assim escrevia, entre outras coisas, Galileu em 15 de setembro de 1640 a Fortúnio Liceti em Pádua.

Fé religiosa (finalidade da fé): Não tendo desejado o Espírito Santo ensinar-nos se o céu se move ou se está parado, nem se sua forma seja a de esfera ou de disco ou estendida no plano, nem se a terra esteja contida no centro dele ou de um lado, não terá tido nem mesmo a intenção de tornar-nos certos de outras conclusões do mesmo gênero, e ligadas de algum modo com as agora citadas, que sem determinação delas não se pode asserir esta ou aquela parte; como, por exemplo, determinar o movimento e o repouso de uma terra e do sol. E se o próprio Espírito Santo prudentemente omitiu ensinar-nos tais proposições, com nada atinentes à sua intenção, ou seja, para nossa salvação, como se poderá agora afirmar, que manter delas esta parte, e não aquela, seja tão necessário que uma seja de fide, e a outra errônea? Poderá, então, haver uma opinião herética, e em nada referente à salvação das almas? Ou poderemos

dizer que o Espírito Santo tenha desejado não ensinar-nos uma coisa que se refere à salvação? Eu diria aqui algo que ouvi de uma pessoa eclesiástica em eminentíssimo grau [cardeal Barônio], isto é, a intenção do Espírito Santo é nos ensinar como se vai ao céu, e não como vai o céu [...]. Assim escrevia Galileu, em 1615, à senhora Cristina de Lorena.

Idéia: Descartes dá o nome de idéias propriamente às imagens das coisas, e as distingue das afeições (que se fundamentam sobre necessidades, desejos, temores, esperanças etc.) e dos juízos (que põem discursivamente em confronto duas ou mais idéias entre si e a partir daqui movem para afirmar ou negar). Além disso, ele distingue as idéias em três categorias: 1) idéias adventícias, isto é, estranhas e vindas de fora, como a idéia que vulgarmente se tem do sol; 2) idéias factícias, isto é, idéias feitas e inventadas pelo homem, entre as quais se pode pôr a que os astrônomos fazem do sol com seus raciocínios; 3) idéias inatas, que nascem com o homem, inerentes à sua consciência, como a idéia de Deus, da mente, do corpo, do triângulo e, em geral, as idéias que representam as essências verdadeiras, imutáveis e eternas. A idéia inata de Deus, em particular, é a mais evidente e contém em si mais realidade objetiva que qualquer outra: ela garante a objetividade de todas as outras idéias inatas e das adventícias.

Indução por eliminação: O método indutivo tradicional, que remonta a Aristóteles, caracteriza-se segundo Bacon pela simples enumeração dos fenômenos, razão pela qual se julga com base a um número de fenômenos inferior ao necessário e apenas em base aos

que se têm ao alcance da mão: este método, que procede silogisticamente do mais particular ao mais universal, saltando os anéis intermediários, leva a conclusões precárias e constantemente expostas ao perigo de teses contraditórias. A verdadeira indução científica, que faz “uso de muitas coisas às quais até o momento nenhum mortal jamais pensou”, deve ao contrário analisar os fenômenos da natureza a partir dos experimentos, mediante as devidas eliminações e exclusões dos casos em que o fenômeno em questão esta ausente ou não está presente de modo pleno, para chegar às causas e aos axiomas sempre mais gerais que expressamente a ele se referem. A indução por eliminação é a própria chave da interpretação, e nela sem dúvida é depositada a maior esperança.

Interpretação da natureza: É o processo racional que se desenvolve, conforme o método adequado, a partir da luz da natureza e da experiência. As interpretações da natureza são tiradas de modo esparso de exemplos bastante variados e distantes entre si, e parecem necessariamente difíceis e estranhas para a opinião comum, quase como os mistérios da fé; elas, porém, justamente mediante o autêntico processo indutivo, se desenvolvem coerentemente ao longo de uma escala contínua de axiomas, até chegar aos princípios mais gerais da natureza. Todas as proposições da nova ciência são interpretações da natureza.

Res cogitans e res extensa: Para Descartes existem apenas dois tipos de substâncias, claramente distintas e irreduzíveis uma à outra: a substância pensante (res cogitans) e a substância extensa (res

extensa). A res cogitans é a existência espiritual do homem sem nenhuma ruptura entre pensar e ser, é a alma humana como realidade pensante que é pensamento em ato, e como pensamento em ato que é realidade pensante. A res extensa é o mundo material (compreendendo obviamente o corpo humano), do qual, justamente, se pode predicar como essencial apenas a propriedade da extensão.

A sorte do De revolutionibus: Copérnico morreu em 1543, no mesmo ano em que foi publicado o De revolutionibus, e a tradição conta que ele recebeu sobre o leito de morte a primeira cópia impressa da obra que o empenhara a vida inteira. O livro teve, portanto, de combater suas batalhas sem poder contar com a posterior ajuda do autor. Mas para aquelas batalhas Copérnico tinha fabricado uma arma quase ideal. Ele, com efeito, escrevera o livro de modo que resultasse incompreensível a todos com exceção dos astrônomos eruditos de seu tempo. Fora de seu mundo, o De revolutionibus produziu inicialmente muito pouco fermento. Depois, quando começou a desenvolver-se a máxima oposição leiga e eclesiástica, grande parte dos mais eminentes astrônomos europeus, aos quais se dirigia o livro, já admitiam que não se podia deixar de lado um ou outro procedimento matemático de Copérnico. Resultou, portanto impossível suprimir completamente a obra, tanto mais que se tratava de um livro impresso e não um manuscrito, como fora ao invés o caso da obra de Nicolau Oresme e Buridano. Estivesse ou não nas intenções de seu autor, a vitória final do De revolutionibus foi obtida por infiltração. Assim escreve Thomas Kuhn em A revolução copernicana.

DE SPINOZA A KANT

“Deus está no mundo apenas porque o mundo está nele, pois Deus está apenas em si mesmo, está somente em sua imensidade”.

Nicolas Malebranche

“Tudo aquilo que existe, existe em Deus, e nada pode existir ou ser concebido sem Deus”. Baruch Spinoza

“Toda substância é como um mundo inteiro e como um espelho de Deus ou então de todo o universo, que ela expressa em seu modo particular. (...). Desse modo, podemos dizer que o universo se multiplica tantas vezes quantas são as substâncias, e a glória de Deus se multiplica por igual, graças a tantas representações diversas de sua obra”. Gottfried Wilhelm Leibniz

“O mundo de Spinoza é uma transparência incolor da divindade, ao passo que o mundo de Leibniz é um cristal que reflete a luz dela em uma riqueza de cores infinitas”. Ludwig Feuerbach

“O fim da ciência é a potência (...). Toda especulação, em suma, foi instituída por ação ou trabalho concreto”. Thomas Hobbes

“A razão deve ser nosso juiz último e nosso guia em cada coisa”. John Locke

“Sem o pensamento, o mundo é nec quid nec quantum nec quale”. George Berkeley

“A razão é – e deve ser – escrava das paixões, e em nenhum caso pode reivindicar uma função diferente da de servir e obedecer a elas”. David Hume

“É uma doença natural do homem acreditar que possui diretamente a verdade; daí resulta que está sempre disposto a negar tudo o que

lhe é incompreensível”. Blaise Pascal

“Naquela densa noite de trevas que encobre a primeira e de nós tão distante antiguidade, aparece a luz eterna desta verdade, que nunca se apaga e da qual de modo nenhum se pode duvidar: que este mundo civil certamente foi feito pelos homens, cujos princípios podem, porque devem, ser encontrados dentro das modificações de nossa própria mente humana”. Giambattista Vico

“O Iluminismo é a saída do homem do estado de minoridade que ele deve imputar a si mesmo. Minoridade é a incapacidade de valer-se do próprio intelecto sem a guia de outro. (...) Sapere aude! Tem a coragem de servir-te de tua própria inteligência! Esse é o lema do Iluminismo”. Immanuel Kant

“A metafísica, da qual tenho o destino de estar enamorado...[...]”. Kant

“Tive de suprimir o saber para dar lugar à fé”. Kant

“Sapere aude! Tem a coragem de servir-te de tua inteligência”. Kant

“Duas coisas encham o espírito de admiração e de reverência sempre novas e crescentes, quanto mais freqüentemente e longamente o pensamento nelas se detém: o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim”. Immanuel Kant

SPINOZA

A DERIVAÇÃO NECESSÁRIA DO TODO A PARTIR DA SUBSTÂNCIA DIVINA

Deus: É a única substância, eterna e infinita, Causa sui e Natura naturans: necessidade absoluta de ser e causa imanente da qual

tudo (atributos, modos, coisas) procede necessariamente e intemporalmente.

SUBSTÂNCIA: Aquilo que existe em si e é concebido por si.

ATRIBUTO: Aquilo que existe na substância e é concebido por si.

MODO: Aquilo que existe na substância e é concebido para a substância.

Dos infinitos atributos de Deus, (dos quais o homem conhece apenas o pensamento e a extensão) deriva:

A Natura naturata, isto é, o universo que é o conjunto dos modos infinitos e dos modos finitos.

Pensamento (res cogitans): Intellecto infinito, vontade infinita etc.

Extensão (res extensa): Movimento, mundo como totalidade etc.

As idéias (ordo et connexio idearum) idênticas aos corpos (ordo et connexio rerum).

CONHECIMENTO HUMANO:

1. Empírico (sensação e imaginação): idéias confusas e vagas.
2. Racional (razão): idéias adequadas comuns a todos os homens
3. Intuitivo (intellecto = vontade): idéias adequadas das coisas em seu proceder de Deus do qual deriva o amor Dei intellectualis.

LEIBNIZ

A DOCTRINA DA MÔNADA

Mônada originária, Substância suprema, **Deus**. É o único Ser necessário e perfeito, no qual essência e existência coincidem: Razão suficiente última do universo e região das verdades racionais eternas.

MÔNADA: Substância simples, ativa e imaterial.

ESSÊNCIA (ou POSSÍVEL): Aquilo que não é contraditório.

EXISTÊNCIA: Atuação da essência.

RAZÃO SUFICIENTE: O fundamento que determina aquilo que acontece.

VERDADES RACIONAIS: Aquelas cujo oposto é impossível (baseadas sobre os princípios de identidade, não-contradição, terceiro excluído).

Segundo o princípio da conveniência (escolha do melhor entre os possíveis), DEUS CRIA MEDIANTE FULGURAÇÕES O SISTEMA DA HARMONIA PREESTABELECIDADA, isto é, as regiões das verdades factuais.

VERDADES FACTUAIS: Aquelas cujo oposto é possível (baseadas sobre o princípio de conveniência).

O UNIVERSO METAFÍSICO (MORAL): Reino da graça, governado com as leis das causas finais por Deus como monarca. Existências monádicas (incorpóreas), dotadas de percepção (representação) e apetição (vontade).

O UNIVERSO FÍSICO (NATURAL): Reino da natureza, governado com as leis das causas eficientes por Deus como arquiteto. Existências mecânicas (corpóreas), espelhos do universo natural.

HARMONIA

1. MÔNADAS NUAS (percepção e apetição) + corpo = viventes simples.
2. ALMAS (percepção + memória e apetição) + corpo = animais, espelhos vivos do universo das criaturas.
3. ESPÍRITOS (percepção + razão e apetição) + corpo = homens, espelhos vivos do próprio Deus. O conjunto dos espíritos constitui a **Cidade de Deus**, o Estado mais perfeito

dirigido pelo monarca mais perfeito, universo moral no universo natural.

HOBBS

O CORPOREÍSMO MECANICISTA

OS FUNDAMENTOS DE TODA REALIDADE SÃO:

MOVIMENTO: A causa da qual nascem necessariamente todos os corpos naturais e todos os processos cognitivos da mente humana.

CORPOREIDADE: Tudo aquilo que não depende do pensamento humano e que é causa das sensações, de que deriva enfim todo conhecimento humano. Há três tipos de corpo:

1. Corpo natural inanimado
2. Corpo natural animado
3. Corpo artificial

O SISTEMA DA CIÊNCIA E A CIÊNCIA DO ESTADO

CIÊNCIA: Conhecimento de conseqüências = FILOSOFIA, como conhecimento dos corpos, de suas causas e de suas propriedades; serve-se da:

Filosofia natural, que tem como objetos: O corpo em geral; O homem.

Filosofia política, que tem como objeto: O corpo artificial: o Estado, que tem dois pressupostos: A vida e sua conservação: Instinto de evitar a guerra contra todos (Egoísmo); A justiça, convenção humana: leis naturais que permitem realizar racionalmente o instinto de autoconservação (Convencionalismo).

Pacto social, com o qual todos os homens deputam um único homem ou uma assembleia para representa-los com poder indiviso e absoluto (Absolutismo).

LEVIATÃ, deus mortal ao qual os homens devem sua paz e sua defesa.

LÓGICA: Ciência do correto raciocinar, que consiste em calcular (somar ou subtrair) nomes, proposições e definições segundo regras convencionais (Nominalismo).

LOCKE

O EMPIRISMO CRÍTICO

O programa do empirismo lockiano é: EXAMINAR AS CAPACIDADES, AS FUNÇÕES E OS LIMITES DO INTELECTO HUMANO, A FIM DE ESTABELECEER A GÊNESE, A NATUREZA E O VALOR DO CONHECIMENTO HUMANO.

O objeto do intelecto humano quando pensa é **a idéia**: a consciência a respeito de uma idéia coincide com a própria presença da idéia na mente.

A fonte de todo o nosso conhecimento é **a experiência**: a observação tanto dos objetos externos sensíveis, como das operações internas do espírito.

Todas as idéias derivam da experiência: a mente é uma tabula rasa sobre a qual apenas a experiência escreve os conteúdos.

Experiência externa: IDÉIAS SIMPLES DE SENSAÇÃO (produzidas em nós pelas qualidades dos objetos externos)

Qualidades primárias e reais dos corpos (extensão, movimento etc.), das quais as idéias correspondentes são cópias exatas.

Qualidades secundárias (cores, sabores etc.), em parte subjetivas, porque não se assemelham perfeitamente às qualidades primárias.

Experiência interna: IDÉIAS SIMPLES DE REFLEXÃO (operações do espírito)

Volição (vontade)

Percepção (intelecto)

1. Retenção
2. Distinção
3. Confronto
4. Composição
5. Abstração

IDÉIAS COMPLEXAS:

1. Modos: idéias de afecções das substâncias (espaço, duração, ações morais).
2. Substâncias: idéias de um substrato comum a idéias relacionadas (corpóreas, espirituais).
3. Relações: idéias de relações (causalidade, identidade, idéias morais).

A total idéia complexa de uma coisa, designada pelo nome desta última, é a essência da própria coisa.

IDÉIAS GERAIS: não pertencem às coisas, mas são invenções do intelecto e se referem apenas aos sinais lingüísticos.

O conhecimento é a percepção da ligação e do acordo, ou desacordo e do contraste, entre as idéias.

GRAUS DE PERCEPÇÃO E DE CERTEZA:

1. Intuição, evidência imediata (conhecimento da própria existência): modo mais claro e mais certo de conhecimento.
2. Demonstração, por meio do raciocinar (conhecimento de Deus).

3. Sensação (conhecimento das coisas externas).

A aparência do acordo ou do desacordo entre as idéias é a probabilidade (cuja forma mais elevada é a fé).

BERKELEY

ESSE EST PERCIPI

Deus, Espírito onipotente, é a mente e a vontade das quais dependem: As leis da natureza, isto é, a estabilidade, a ordem e a coerência das idéias impressas nos sentidos no momento atual; O espírito humano, única substância ou suporte no qual possam existir entes que não pensam, isto é, as idéias; Suas faculdades são: A vontade: Produção de idéias formadas com o auxílio da memória e da imaginação. O intelecto: Percepção de:

1. Idéias impressas nos sentidos no momento atual
2. Idéias de emoções e de atos da mente
3. Idéias formadas com o auxílio da memória e da imaginação

Da combinação constante ou da coexistência habitual de algumas idéias se produzem as coisas que consistem apenas em seu ser-percebidas.

ESSE EST PERCIPI: EXISTE APENAS AQUILO QUE é ENQUANTO é PERCEBIDO.

Conseqüências diretas:

- 1) Não existem as idéias abstratas
- 2) Não existem as qualidades primárias dos corpos
- 3) Não existe a substância material, e é vão falar da existência de coisas externas à mente.

HUME

FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA DO HOMEM

Todos os conteúdos da mente humana são percepções: Derivadas, imagens produzidas pela memória a partir das impressões: IDÉIAS – idéias simples; Originárias, presentes com maior força (sensações, emoções): IMPRESSÕES: impressões simples – idéias simples.

Impressões complexas, devidas a:

1. Combinações
2. Associações (semelhança; contigüidade; causalidade)
3. Relações

Idéias complexas:

Dados de fato: proposições que não implicam uma necessidade lógica, baseadas sobre o hábito e sobre a crença. DISSO DERIVA A INCONSISTÊNCIA ONTOLÓGICA:

- 1) Da relação de causalidade, que não é uma relação necessária.
- 2) Do conceito de substância corpórea e de substância espiritual: tanto as coisas externas quanto o eu são apenas feixes de impressões, objetos não de conhecimento, mas de crença.

Relações de idéias: proposições baseadas sobre o princípio de não-contradição.

Prazer e dor: vontade e paixões: diretas (desejo, aversão, tristeza, alegria etc.); indiretas (orgulho, humildade, amor, ódio etc.).

PASCAL

A DIGNIDADE DO HOMEM E O DOM DA FÉ

O objeto por excelência da filosofia é **o homem**. A grandeza e a dignidade do homem consistem no **pensamento**, cujas duas dimensões mais elevadas são:

O ESPÍRITO MATEMÁTICO (esprit de géométrie), que tem como objeto:

As verdades racionais e as verdades empíricas, que são progressivas. O método que melhor garante seu contínuo progresso é:

O método persuasivo, baseado sobre o método geométrico e constituído por três partes com suas regras:

1. Definições claras de todos os termos dos quais nos servimos
2. Axiomas evidentes postos como fundamento da demonstração
3. Demonstrações nas quais os termos definidos devem sempre ser mentalmente substituídos pelas definições

O ESPÍRITO INTUITIVO (esprit de finesse) que tem como objeto:

As verdades éticas e religiosas, que são eternas e reveladas, e em relação às quais a razão científica é impotente, porque apenas Deus pode revelá-las.

O espírito intuitivo, servindo-se da razão filosófica, pode captar:

A **Razão** filosófica poder ser útil para a fé porque está em grau de:

1. Servir de eixo para o divertimento
2. Iluminar a miséria humana
3. Avaliar em que medida a fé cristã dá sentido à existência humana
4. Apostar em Deus

A MISÉRIA ONTOLÓGICA DO HOMEM, seu ser entre o todo e o nada. A salvação do homem está apenas na:

Fé, dom de Deus, que comporta o reto uso da razão e ensina apenas dois princípios:

1. A corrupção da natureza humana
2. A obra redentora de Jesus Cristo

VICO

A FUNDAÇÃO DA CIÊNCIA HISTÓRICA

A CIÊNCIA NOVA é a ciência dos fatos humanos, isto é, da história.

As disciplinas fundamentais da ciência nova são:

FILOSOFIA, sabedoria ideal, ciência do verdadeiro (da idéia), cujos núcleos temáticos são:

1. A idéia eterna da justiça
2. A incidência de tal idéia na mente humana
3. A reconstrução da gênese dos fatos históricos relevantes

FILOLOGIA, sabedoria vulgar, ciência do fato (do certo), cujos núcleos temáticos são:

1. As tradições dos povos
2. As línguas dos povos

VERUM ET FACTUM CONVERTUNTUR, na nova ciência se encontram o fato no verdadeiro e o verdadeiro no fato, a história na idéia e a idéia na história.

Além de obra do homem, a história é também obra da **Providência Divina**, artífice da história ideal eterna, do projeto ideal divino que corre sob as histórias de todas as nações e se esclarece aos poucos nos séculos. Em virtude da Providência:

1. Os efeitos das ações humanas vão sempre além da intencionalidade explícita dos homens (heterogênese dos fins)

2. A presença do projeto ideal eterno se faz sentir também quando a razão humana, entrando em crise (pela lei dos ciclos), se corrompe e faz regredir seu mundo institucional

A HISTÓRIA é a série dos eventos por meio dos quais os homens realizaram ou desviaram a HISTÓRIA IDEAL ETERNA que corre sob as histórias das nações.

ROUSSEAU

O CAMINHO DO RETORNO À NATUREZA

Do ESTADO DE NATUREZA, dimensão ideal de uma humanidade originariamente íntegra, biologicamente sadia e moralmente reta:

Em primeiro lugar pela instituição da *propriedade*:

Chegamos ao ESTADO CIVIL, à CULTURA, em que predomina o espírito competitivo e conflitivo, e as letras, as ciências e as artes são fruto dos vícios da arrogância e da soberba. O **homem** seguiu por isso uma curva de decadência, tornando-se sempre mais sujeito à maldade e à injustiça: O homem nasceu livre, e, todavia em todo lugar se encontra em cadeias.

O caminho da salvação da humanidade é, portanto, o caminho da RENATURALIZAÇÃO do homem mediante um redelineamento global da vida social. Isso pode se dar unicamente por um novo:

CONTRATO SOCIAL, pacto de união instituído entre iguais que permanecem sempre tais: ele dá lugar a um corpo moral e coletivo (o Estado) regulado pela:

VONTADE GERAL, amante do bem comum: a realidade que brota da renúncia de cada um dos componentes da sociedade aos próprios interesses particulares em favor da coletividade. Este é o

verdadeiro princípio que legitima o poder e garante a transformação social: a vontade geral, encarnada no e pelo Estado, é tudo.

KANT

A CRÍTICA DA RAZÃO PURA

OBJETIVO PRINCIPAL: Estabelecer de que modo a METAFÍSICA possa tomar, como a matemática e a física, o caminho seguro da CIÊNCIA.

O conhecimento científico é SÍNTESE A PRIORI, cujas características essenciais são:

- (1) universalidade, (2) necessidade e (3) incremento de conteúdo

Garantidos pelos:

TRANSCENDENTAL: A condição da experienciabilidade e cognoscibilidade dos objetos: é aquilo que o sujeito põe nos objetos no próprio ato de experienciá-los e de conhecê-los.

FENÔMENO: O objeto não em si, mas como aparece aos sentidos (na experiência) e como tal é pensado pelo intelecto.

Os juízos sintéticos a priori versam, portanto apenas sobre os fenômenos, e são possíveis por via das ESTRUTURAS TRANSCENDENTAIS (FORMAS PURAS) presentes no sujeito humano, isto é:

Na SENSIBILIDADE, por via das intuições puras: espaço e tempo (objetos da Estética transcendental).

No INTELECTO, por via dos conceitos puros: as 12 categorias, unificadas com o múltiplo da sensibilidade pela Apercepção

transcendental ou EU PENSO, princípio supremo do conhecimento humano (objetos da Analítica transcendental).

O CONHECIMENTO CIENTÍFICO É, PORTANTO FUNDAMENTALMENTE FENOMÊNICO. A matemática e a física são ciências porque e enquanto permanecem no horizonte do fenômeno, isto é, do condicionado.

Quando o intelecto se lança para além dos fenômenos, ele é RAZÃO, e versa sobre coisas em si (sobre númenos), caindo assim em ilusões estruturais. As formas transcendentais são aqui as três Idéias:

- 1) Psicológica (alma)
- 2) Cosmológica (mundo como unidade metafísica)
- 3) Teológica (Deus) (objetos da Dialética transcendental)

NÚMENO: Entidade apenas pensável, não cognoscível: a coisa em si, abstraída do modo humano de intuí-la.

Diversamente das precedentes, estas formas são REGULADORAS, não CONSTITUTIVAS, do conhecimento.

RESPOSTA AO PROBLEMA INICIAL: A METAFÍSICA jamais pode ser CIÊNCIA, e todavia ela nasce da necessidade, inadiável para o homem, de pensar algo incondicionado, absoluto.

KANT

A CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA

OBJETIVO PRINCIPAL: Mostrar que e como a RAZÃO PURA está em grau de determinar sozinha (livremente) a VONTADE, sem intervenção de impulsos sensíveis: apenas neste caso podem existir LEIS MORAIS (universais).

Podem ser leis morais (deveres universais) apenas os IMPERATIVOS CATEGÓRICOS: regras práticas objetivas que valem independentemente de todas as condições subjetivas acidentais que podem ser encontradas em um ser racional.

Enquanto a matéria de um imperativo categórico é o objeto da vontade, a essência do próprio imperativo (do dever) consiste em seu valer em virtude da FORMA DE LEI, e sua formulação mais apropriada é:

“Age de modo que a máxima (a regra prática subjetiva) de tua vontade possa valer sempre, ao mesmo tempo, como princípio de uma legislação universal (regra prática objetiva)” (Proposição sintética a priori em grau de determinar objetivamente a vontade).

A ESSÊNCIA DA MORAL É, PORTANTO, A ADEQUAÇÃO DA VONTADE À FORMA DA LEI MORAL (DO DEVER) E O RESPEITO PELO PRÓPRIO DEVER.

RESPEITO: único sentimento racional puro, cognoscível a priori.

A existência da lei moral, que determina o conceito de bem, é um fato da razão, e se explica apenas se se postula a **liberdade**: nós adquirimos consciência da liberdade porque temos antes de tudo consciência do dever.

LIBERDADE: Em sentido negativo: independência da vontade em relação à lei natural dos fenômenos. Em sentido positivo: capacidade da vontade independente de autodeterminar-se (AUTONOMIA).

As três Idéias da razão teórica pura tornam-se, portanto, na razão prática pura, três POSTULADOS: 1) liberdade, 2) existência de Deus e 3) imortalidade da alma, pressupostos práticos necessários que não ampliam o conhecimento especulativo, mas conferem realidade objetiva às Idéias da razão especulativa pura.

RESPOSTA AO PROBLEMA INICIAL: A RAZÃO pode e deve determinar a VONTADE de modo puro segundo a LEI MORAL, isto é, segundo a proposição sintética a priori do imperativo categórico fundado sobre a LIBERDADE.

KANT

A CRÍTICA DO JUÍZO

OBJETIVO PRINCIPAL: Individuar o possível fundamento de MEDIAÇÃO entre o MUNDO FENOMÊNICO (domínio da razão especulativa) e o MUNDO NUMÊNICO (domínio da razão prática).

Diversamente dos juízos determinantes, nos JUÍZOS REFLEXIVOS dá-se apenas o particular (conceitos já determinados), enquanto o universal a ser encontrado funda-se não sobre uma função a priori, e sim sobre uma Idéia reguladora, análogo às Idéias da razão especulativa pura.

JUÍZO DETERMINANTE: proposição que opera a subsunção do particular (dado pela intuição sensível) no universal (dado pelas estruturas transcendentais): é o juízo constitutivo do conhecimento.

REFLEXÃO: comparação e conjunção de representações, entre si e com as faculdades cognoscitivas humanas baseadas em um conceito.

A IDÉIA DA FINALIDADE DA NATUREZA SEGUNDO UMA UNIDADE COMO UM INTELECTO DIVINO PODERIA TER PODIDO ESTABELECE-LA.

O finalismo da natureza pode-se encontrar de dois modos:

No objeto (finalidade com escopo):

Refletindo sobre a ordem da natureza: JUÍZO TELEOLÓGICO: no homem há uma tendência irrefreável de considerar a natureza como finalisticamente organizada.

No sujeito (finalidade sem escopo):

Refletindo sobre a beleza: JUÍZO ESTÉTICO:

Se funda sobre o livre jogo e a harmonia que o objeto produz entre a fantasia e o intelecto do sujeito

Versa sobre a limitação da forma (prazer positivo):

O BELO, entendido como objeto de prazer:

- 1) Desinteressado
- 2) Não conceitual
- 3) Sem escopo
- 4) Necessário

Versa sobre o informe, o ilimitado (prazer negativo):

O SUBLIME, no qual o espírito é alternativamente atraído e rejeitado pelo objeto. Duas espécies:

- 1) O sublime matemático, dado pelo infinitamente grande.
- 2) O sublime dinâmico, dado pelo infinitamente poderoso.

RESPOSTA AO PROBLEMA INICIAL: O conceito regulador do FIM é intermediário entre o conceito constitutivo de NATUREZA e o conceito prático de LIBERDADE: a finalidade faz com que a natureza (o mundo fenomênico) perca a sua rigidez mecanicista e torna possível seu acordo com a liberdade (com o mundo numênico).

Conceitos fundamentais de Spinoza a Kant

Abstração: A abstração, que para as metafísicas clássicas era o processo fundamental para captar a essência das coisas, para

Locke é, ao contrário, a operação da mente por meio da qual as idéias depreendidas de seres particulares tornam-se representações gerais de todas as da mesma espécie, e seus nomes tornam-se nomes gerais, aplicáveis a todos os objetos existentes que podem se conformar a tais idéias abstratas; daqui derivam os universais, como as essências que, portanto, não pertencem à existência real das coisas, mas são invenções do intelecto e se referem apenas aos sinais, sejam eles palavras ou idéias.

Atributo: O atributo é aquilo que o intelecto percebe na substância como constitutivo de sua essência e que deve ser concebido por si. A substância divina tem infinitos atributos, e todo atributo é por si infinito, mas a mente humana conhece apenas dois: o pensamento e a extensão.

Belo: É aquilo que se expressa no juízo estético. Para Kant o belo não é uma propriedade objetiva das coisas, mas é uma propriedade que nasce da relação entre o objeto e o sujeito, a partir da relação dos objetos equacionados com nosso sentimento de prazer e que nós atribuímos aos próprios objetos. Com base nas quatro classes de categorias (qualidade, quantidade, relação, modalidade), o belo, enquanto é aquilo que agrada segundo o juízo de gosto, implica quatro características; com efeito, o belo é: a) aquilo que agrada sem interesse, não ligado ao prazer dos sentidos nem ao útil econômico, nem muito menos ao bem moral; b) aquilo que agrada universalmente (subjetivamente) e não conceitualmente: ele vale para todos os homens, mas sua universalidade não é de caráter conceitual e cognoscitivo; c) a forma da finalidade de um objeto,

enquanto este é percebido sem a representação de uma finalidade: trata-se da própria idéia da finalidade em seu aspecto formal e subjetivo, entendida como idéia de um acordo quase intencional das partes em um todo harmônico; d) aquilo que é não conceitualmente reconhecido como objeto de um prazer necessário, no sentido de uma necessidade subjetiva, que se impõe não logicamente a todos os homens.

Categoria (conceito puro): Para Aristóteles as categorias eram *leges entis*, modos do ser, enquanto em Kant elas se tornam *leges mentis*, modos de funcionar do pensamento: são as estruturas transcendentais do intelecto, as funções ou conceitos puros segundo os quais o intelecto pensa, isto é, desenvolve o próprio trabalho de unificação do material sensível. Kant enumera doze categorias, correspondentes aos doze tipos de juízo elencados pela lógica tradicional: com efeito, uma vez que pensar é julgar, há tantos conceitos puros ou categorias quantas são as formas do juízo. Kant justifica depois seu valor por meio da dedução transcendental, isto é, por meio da justificação da pretensão de sua validade cognoscitiva.

Conhecimento humano: O conhecimento humano para Berkeley resulta de duas coisas totalmente distintas e heterogêneas: os espíritos, que são substâncias ativas, indivisíveis, incorruptíveis, e as idéias, que são paixões inertes, transitórias, perecíveis, isto é, entidades dependentes das substâncias espirituais. O espírito é propriamente o sujeito que percebe as idéias, as quais “não podem existir a não ser em uma mente que as percebe”; ora, para Berkeley todas as idéias nada mais são que sensações, e nossos sentidos

nos informam apenas das sensações, mas de modo nenhum da existência de coisas fora da mente: portanto, não existe nada fora daquilo que é percebido pelo espírito, e o esse (ser) do que chamamos coisas é simplesmente um percipi (ser percebidas).

Contrato social: O único caminho para remediar a decadência da humanidade e a relativa falta de liberdade é, para Rousseau, a estipulação de um novo contrato social, em vista de um renovado estado civil, contrato que se exprime nos seguintes termos essenciais: Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo seu poder, sob a direção suprema da vontade geral. Trata-se da alienação total de cada associado, com todos os seus direitos, a toda a comunidade, por meio da qual se produz imediatamente um corpo moral e coletivo unitário, cujos associados tomam coletivamente o nome de povo, e singularmente se chamam cidadãos, enquanto participantes da autoridade soberana, e súditos, enquanto submissos às leis do Estado.

Corpo e movimento: São para Hobbes os dois elementos fundamentais de toda a realidade. Corpo é tudo aquilo que não depende do pensamento humano e que é causa das sensações, de que deriva enfim todo o conhecimento humano. Há três tipos de corpos: a) naturais inanimados; b) naturais animados (como o homem); c) artificiais (como o Estado). O movimento é a causa principal da qual nascem necessariamente todos os corpos naturais (neste caso ele é movimento local, matematicamente mensurável) e todos os processos cognitivos da mente humana.

Divertissement: O divertimento, o divertissement, é fuga diante da visão lúcida e consciente da miséria humana, é aturdimento que nos faz divagar e chegar inadvertidamente à morte. O divertimento é fuga de nós mesmos, de nossa miséria, mas é ele próprio a maior de nossas misérias, porque nos proíbe pensar a nós mesmos; sem ele, desembocaríamos na náusea, e esta nos impeliria a procurar um meio mais seguro para dela sair; ao contrário, o divertimento nos faz chegar à morte sem que disso nos apercebamos.

Esprit de géométrie e esprit de finesse: O esprit de géométrie, o espírito matemático, refere-se aos princípios tangíveis que, porém, estão distantes do modo comum de pensar; dada a falta de hábito, é fatigante ocupar-se deles com a mente, mas logo que os consideramos com atenção, é possível capta-los plenamente. O esprit de finesse, o espírito intuitivo, ao contrário, tem o que fazer com os princípios do uso comum que estão diante dos olhos de todos; trata-se, porém, de princípios tão sutis e numerosos que é quase impossível que nenhum deles nos escape: é preciso, portanto, uma mente vigilante e atenta, não obscurecida por desejos e paixões, em grau de alcançar assim os domínios e as realidades que são inatingíveis pelo esprit de géométrie: as verdades ético-religiosas, das quais depende nosso destino e às quais está ligado o sentido de nossa existência.

Estado de natureza: É a famosa categoria filosófica em base à qual Rousseau condena a estrutura histórico-social que mortificou a riqueza passional do homem e a espontaneidade de seus sentimentos mais profundos. Segundo a hipótese do estado de

natureza, sobre o qual influi o mito quinhentista do bom selvagem, o homem é originariamente íntegro, biologicamente sadio e moralmente reto, e mau e injusto apenas depois, por um desequilíbrio de ordem social: a natureza humana, deixada a seu livre desenvolvimento, leva ao triunfo dos instintos, dos sentimentos e da autoconservação, e não da reflexão, da razão e da aniquilação. O estado de natureza é, portanto, um mítico estado originário, posto aquém do bem e do mal, do qual o homem progressivamente decaiu por causa da cultura, responsável pelos males sociais da época atual, a passagem do estado natural para o estado civil marcou para Rousseau um verdadeiro regresso.

Estado: Além de todo poder comum que os mantenha em sujeição, os homens se encontram na condição da guerra de todos contra todos. Para Hobbes, o único caminho para erigir um poder comum é aquele por meio do qual os homens conferem todos os seus poderes e toda a sua força a um homem ou a uma assembléia de homens, em grau de reduzir todas as vontades deles a uma só vontade. Se uma multidão de homens se une deste modo, nasce o Estado, o grande Leviatã, ou deus mortal, ao qual devemos, sob o Deus imortal, nossa paz e nossa defesa.

Eu penso (apercepção transcendental): O Eu penso, ou Apercepção transcendental, é a unidade transcendental originária e suprema da autoconsciência, que é comandada por doze categorias: ela é a autoconsciência que, enquanto produz a representação Eu penso, constitui a possibilidade do conhecimento a priori que deriva

do Eu penso: é o princípio da unidade sintética originária, a própria forma do intelecto.

Experiência: Indica propriamente a observação tanto dos objetos externos sensíveis, como das operações internas de nosso espírito que percebemos e sobre as quais refletimos. A experiência é tudo aquilo que fornece a nosso intelecto todos os materiais do pensar. A experiência externa e a interna são para Locke as duas únicas fontes do conhecimento, das quais emergem todas as idéias que temos ou podemos ter.

Fenômeno: O fenômeno (do grego phainómenon, que significa aparição, manifestação) é o objeto da intuição sensível, na qual jamais captamos o objeto tal como é em si, mas como ele aparece a nós. O fenômeno tem uma matéria e uma forma: a matéria é dada pelas sensações singulares e pode existir apenas a posteriori; a forma, ao contrário, não vem das sensações e da experiência, mas vem do sujeito; é, portanto, a priori e permite ordenar sistematicamente os dados sensoriais em determinadas relações.

Filosofia: É a ciência por excelência, entendida como ciência das conseqüências, cujos objetos são os corpos, suas causas e suas propriedades. A filosofia deve ser distinguida do conhecimento dos fatos e se divide em: filosofia natural, que considera as conseqüências dos acidentes dos corpos naturais, e filosofia política, que se ocupa das conseqüências dos acidentes dos corpos políticos.

Filosofia e filologia: São as duas colunas da ciência nova proposta por Vico. A filosofia, que é a sabedoria ideal, tem por objeto o verdadeiro, enquanto a filologia, a sabedoria vulgar, ocupa-se do certo, isto é, do fato. Ora, segundo Vico, verdade e certeza, idéia e fato, devem se compenetrar até sua convertibilidade (*verum et factum convertuntur*). O verdadeiro que a filosofia elabora e oferece à filologia se articula precisamente em três núcleos teóricos: a) a idéia eterna, resultante do conjunto de valores (justiça, verdade, etc...) tematizados por Platão; b) a incidência de tal idéia na mente humana, à qual as pesquisas empíricas devem finalmente chegar; c) a reconstrução da gênese que permitiu o nascimento de um fato histórico importante, nele indicando as modificações provocadas sobre os mesmos homens que foram seu atores. O certo que a filologia elabora e oferece à filosofia move-se em dois âmbitos: a) as tradições, entendidas como expressão do vulgo, de seus costumes, crenças e instituições; b) a linguagem, uma vez que o nexos entre língua e vida é constante e radical, razão pela qual não é possível entender uma sem a outra.

Finalidade da natureza: A finalidade para Kant é em geral o acordo formal entre a existência de uma coisa e seu escopo (material) possível; não se trata, portanto, de uma propriedade do objeto, mas de um conceito a priori que tem origem apenas no juízo reflexivo. Ora, segundo a estrutura particular da faculdade cognoscitiva humana, pode-se julgar possível um fim intencional de toda a natureza apenas pensando em uma causa que esteja intencionalmente em ação e, portanto, pensando em um ser que produz de modo análogo à causalidade de um intelecto: este é um

princípio subjetivo que serve simplesmente para um juízo reflexivo, que em particular é o juízo teleológico (de télos, fim, escopo).

Hábito: É aquilo que procede de uma repetição antecedente, sem nenhum novo raciocínio ou inferência, e do qual emerge toda opinião ou crença humana. O princípio do hábito é para Hume um dos fenômenos mais extraordinários da mente humana, e ele o evoca eficazmente sobretudo em sua famosa crítica à relação entre causa e efeito: o hábito é, com efeito, o princípio com base no qual, da simples constatação da contigüidade e sucessão entre dois fenômenos, se infere também a necessidade de conexão entre os dois fenômenos, considerando-os um como causa e o outro como efeito; uma vez formado, o hábito gera em nós uma crença, que justamente nos dá a impressão de implicação com a conexão necessária entre uma causa e um efeito.

Harmonia preestabelecida: É a hipótese metafísica com a qual Leibniz coroa seu sistema especulativo. Em geral, o princípio da harmonia preestabelecida se refere à conexão ou harmonia universal entre todas as mônadas, as quais, por força de sua simplicidade e impenetrabilidade, não agem fisicamente sobre a outra; portanto, a influência entre as mônadas é apenas ideal, e pode ter sua eficácia apenas mediante a intervenção de Deus. Para explicar em particular o acordo da alma com o corpo, Leibniz serve-se do exemplo de dois relógios de pêndulo, cuja perfeita sincronia ocorre porque suas estruturas foram construídas desde o princípio com perfeita correspondência.

História ideal eterna: Vico afirma que a história é obra do homem e também de Deus, cuja Providência é o artífice da história ideal eterna que corre sob as histórias de todas as nações. A história ideal é propriamente um projeto divino ideal, que se esclarece pouco a pouco nos séculos, do qual os homens percebem a presença desde os primórdios, porém sem poder domina-la; ao contrário, são por ela dominados: é o veículo de comunicação dos homens com Deus, é a ponte entre o eterno e o tempo, é o sentido da história empírica a ela imanente e ao mesmo tempo transcendente.

Idéia: Reportando-se a Descartes, Locke emprega o termo idéia para designar tudo aquilo que é objeto do intelecto quando um homem pensa, portanto tudo aquilo que pode ser entendido por imagem, noção, espécie ou tudo aquilo em torno do qual o espírito pode ser empregado no pensar. O fundamento do empirismo lockiano é que todas as idéias derivam da experiência. Locke contribui assim para impor definitivamente este significado de idéia, que marca o total esquecimento da antiga problemática metafísica da idéia lançada por Platão e que, por meio dos médio-platônicos, neoplatônicos, padres da igreja e escolásticos, chegou até a renascença.

Idéia: Assim como os conceitos puros do intelecto são as categorias, analogamente os conceitos puros da razão são as idéias, entendidas em sentido técnico. Diversamente das idéias platônicas, que eram transcendentais em relação à razão, em Kant as idéias tornam-se justamente os conceitos supremos da razão, no sentido de formas supremas ou exigências estruturais da razão. São três a

idéias, correspondendo aos três tipos de silogismo (a. categórico; b. hipotético; c. disjuntivo): a) idéia psicológica (alma); b) idéia cosmológica (mundo como unidade metafísica); c) idéia teológica (Deus). Ora, as idéias não têm um uso constitutivo (como o têm, ao contrário, as categorias), mas seu reto uso é o regulativo: elas valem autenticamente como esquema para ordenar a experiência e para dar-lhe a maior unidade possível, como regras para sistematizar os fenômenos de maneira orgânica. Valem, portanto, como princípios heurísticos: não alargam nosso conhecimento dos fenômenos, mas unificam o conhecimento, regulando-o de modo orgânico. Todavia, as idéias da razão especulativa recebem realidade objetiva graças aos postulados da razão prática.

Intuição pura: Diversamente da intuição empírica, que é o conhecimento sensível em que as sensações estão concretamente presentes, a intuição pura constitui a estrutura transcendental da sensibilidade, considerada enquanto prescindindo da matéria (isto é, prescindindo das sensações concretas). As intuições puras ou formas da sensibilidade são apenas duas: o espaço e o tempo.

Lei moral (o dever): As leis morais são imperativos categóricos, isto é, imperativos que determinam a vontade não em vista de obter determinado efeito desejado, mas simplesmente como vontade, prescindindo dos efeitos que ela possa obter. As leis morais são universais e necessárias, mas não do mesmo modo que as leis naturais; com efeito, enquanto as leis naturais não-podem-não-atuar-se, as leis morais podem também não se atuar (em alemão o ser-necessário em sentido naturalista se diz müssen, enquanto a

necessidade e o dever moral se diz sollen): a necessidade da lei natural consiste, portanto, em seu inevitável realizar-se, a necessidade da lei moral consiste, ao contrário, no valer para todos os seres racionais sem exceção. A fórmula mais adequada para a lei moral, isto é, para o imperativo categórico fundamental, é para Kant a seguinte: Age de modo que a máxima (subjativa) de tua vontade possa valer sempre, ao mesmo tempo, como princípio de uma legislação universal (objetiva); esta é uma proposição sintética a priori que determina a priori, de modo objetivo e puro, a vontade. Em um ser perfeito, a lei moral é lei de santidade, em um ser finito é dever.

Liberdade: A liberdade é o único postulado em grau de explicar a existência da lei moral, do dever. Nós conhecemos em primeiro lugar a lei moral (o dever) como fato da razão, e depois desta inferimos como seu fundamento e sua condição a liberdade: o dar-se do dever me diz, com efeito, por si mesmo que eu sou livre (de outro modo o dever não teria sentido) e, portanto, me diz a dimensão não fenomênica da liberdade, embora sem fazer com que eu a colha cognoscitivamente em sua essência. A liberdade é a independência da vontade em relação à lei natural dos fenômenos, ou seja, do mecanismo causal; esta liberdade, que não explica nada no mundo dos fenômenos e que na dialética da razão pura dá lugar a uma antinomia insuperável, ao contrário, explica tudo na esfera moral.

Modo: O modo é aquilo que existe em outro e que apenas mediante este outro é concebido. Os modos são especificações particulares dos atributos da substância divina, e podem ser: infinitos (como por

exemplo, o movimento, que é modificação do atributo divino extensão, ou o intelecto divino, que é modificação do atributo divino pensamento; ou finitos (por exemplo, os movimentos singulares e os pensamentos singulares).

Mônada: Mônada é a expressão com que Leibniz traduz o termo grego monas, que significa a unidade ou aquilo que é uno, a palavra, de origem pitagórica, fora retomada pelos neoplatônicos e depois por Giordano Bruno. A mônada é propriamente uma substância simples, isto é, uma entidade indivídua capaz de ação, e os princípios de suas ações são as percepções (representações) e as apetições (vontade). Por via de sua unidade e simplicidade, diz Leibniz, as mônadas são representáveis como os átomos de Demócrito, porém com a diferença de que não se trata de átomos materiais ou físicos, e sim de átomos formais, não extensos. Leibniz designa a mônada também com o termo aristotélico enteléquia, que indica a substância simples enquanto tem em si a própria determinação e perfeição essencial, ou seja, a própria autonomia e finalidade interior. Deus é a mônada originária e suprema, da qual todas as outras são criadas segundo uma hierarquia que, espelhando o grau de clareza e distinção das representações, vai das mônadas espirituais às simples mônadas-almas, até as mônadas nuas ou inferiores.

Númeno (coisa em si): As coisas, em si, não são objetos dos sentidos, mas podem apenas ser pensadas pelo intelecto: a coisa em si é, por isso, um ser inteligível, um númeno (de noumenon), que para Kant tem apenas o sentido negativo de não ser fenomênico. O

conceito do númeno é um conceito problemático, no sentido de que é um conceito que não contém nenhuma contradição e que, portanto, como tal nós o podemos pensar, mas não efetivamente conhecer; mas é também um conceito necessário, a fim de que a intuição sensível não se estenda até as coisas em si, e seja assim limitada a validade objetiva do conhecimento sensível.

Percepção: Como para Berkeley, também pra Hume a palavra percepção indica tudo aquilo que se apresenta à mente humana e constitui seu conteúdo. Em particular, Hume distingue as percepções em duas grandes classes: 1) impressões (simples ou complexas), isto é, as percepções originárias, que se apresentam com maior força e violência (sensações, paixões e emoções quando aparecem na mente pela primeira vez): ter impressões significa sentir; 2) idéias (simples ou complexas), isto é, as imagens enfraquecidas que a memória produz a partir das impressões: ter idéias significa pensar. As impressões, por sua vez, se subdividem em duas espécies: 1) impressões de sensação, que nascem na alma originariamente, de causas desconhecidas; 2) impressões de reflexões, que derivam em grande parte das idéias.

Postulados da razão prática: Os postulados são pressupostos de um ponto de vista necessariamente prático; portanto, não ampliam o conhecimento especulativo, mas dão às idéias da razão especulativa em geral uma realidade objetiva, e autorizam conceitos dos quais de outro modo não se poderia sequer afirmar a possibilidade. Estes postulados, sem os quais se poderia fazer jus à lei moral, correspondem, portanto, às três idéias da razão pura, e são: 1) a

liberdade, postulada pelo fato de que é possível conceber a vontade pura como causa livre: uma mesma ação pode ser produzida por uma causa livre e, portanto, numênica, e desdobrar-se depois segundo as leis da necessidade fenomênica; 2) a existência de um Deus onisciente e onipotente, postulada para adequar a felicidade do homem a seus méritos e ao grau de sua virtude; 3) a imortalidade da alma, postulada no sentido de um aproximar-se-sempre-mais-da-santidade, pois a santidade requerida pelo sumo bem, sendo a perfeita adequação da vontade à lei moral, pode encontrar-se apenas em um processo ao infinito.

Princípio de razão suficiente: O princípio de razão suficiente é o princípio especulativo por excelência do sistema leibniziano: ele tem valência lógica e metafísica, porque em virtude dele consideraremos que qualquer fato poderia ser verdadeiro ou existente, e qualquer enunciado não poderia ser verídico, caso não existisse uma razão suficiente do porquê a coisa é assim e não de outro modo. A formulação leibniziana do princípio é exatamente a seguinte: Nada acontece sem razão suficiente (*nihil est sine ratione*), isto é, nada acontece sem que seja possível, para quem conhece suficientemente as coisas, dar uma razão suficiente para explicar por que a coisa é assim e não de outro modo. A razão suficiente última do universo é o próprio Deus.

Sublime: O sublime é afim ao belo, porque também ele agrada por si mesmo. A diferença fundamental consiste no fato de que o belo se refere à forma do objeto, caracterizada pela limitação, enquanto o sublime se refere também àquilo que é informe e que implica a

representação do ilimitado. Além disso, enquanto o belo produz um prazer positivo, o sublime dele suscita um negativo, porque o espírito é alternadamente atraído e rejeitado pelo objeto: o prazer do sublime não é alegria positiva, mas contínua maravilha e estima. Quando o sublime é representado, o espírito tende à comoção, ao passo que quando o belo é representado, ele goza de uma contemplação repousante. O sublime não está nas coisas, e sim no homem, e é de duas espécies: a) sublime matemático, dado pelo infinitamente grande; b) sublime dinâmico, dado pelo infinitamente poderoso. Diante do infinitamente grande (oceano, céu etc...) ou do infinitamente poderoso (terremotos, vulcões etc...), o homem se descobre pequeno e como que esmagado, mas também superior a ele, porque traz em si as idéias da razão que são as idéias da totalidade absoluta. No sentimento sublime, o espírito é impelido a abandonar a sensibilidade e a ocupar-se de idéias que contêm uma finalidade superior.

Substância: A concepção spinoziana da substância é a mais radical que já se propôs em campo filosófico. Aristóteles dizia: A substância é aquilo que não existe em outro e não se predica de outro. Para a metafísica antiga, além disso, as substâncias eram múltiplas e hierarquicamente ordenadas, e o próprio Descartes havia-se pronunciado a favor da existência de uma multiplicidade de substâncias. Spinoza prossegue nessa linha, mas dela tira as conseqüências extremas. A substância é aquilo que existe em si e existe concebido por si mesmo e, uma vez que todas as coisas ou existem em si ou existem em outro, então além de Deus não pode haver nem se conceber nenhuma substância. Tudo aquilo que existe,

com efeito, existe em Deus, e nada pode existir nem ser concebido sem Deus.

Transcendental: O transcendental indica tanto as estruturas ou formas a priori que, inerentes ao sujeito, tornam possível qualquer experiência, quanto os conhecimentos relativos a estas estruturas (as quais são a priori justamente porque próprias do sujeito e não do objeto). É, portanto, a condição da cognoscibilidade (da intuibilidade e da pensabilidade) dos objetos, é aquilo que o sujeito coloca nas coisas no próprio ato de conhece-las. Deve ser distinguido do transcendente, que indica aquilo que ultrapassa qualquer possibilidade de experiência.

Vontade geral: É o princípio que legitima o poder e garante a transformação social inaugurada pelo novo contrato. Enquanto a vontade particular tem sempre como objeto o interesse privado, a vontade geral é, ao contrário, amante do bem comum, e se propõe o interesse comum: ela não é, portanto, a soma das vontades de todos os componentes, mas uma realidade que brota da renúncia de cada um aos próprios interesses em favor da coletividade.

DO ROMANTISMO AO EMPIRIOCRITICISMO

“Um Deus é o homem quando sonha, um mendigo quando reflete”.

Friedrich Hölderlin

“Sucedeu que alguém levantou o véu da deusa de Sais. E o que viu?

Viu – maravilha das maravilhas – a si mesmo”. Novalis

“Em todas as coisas está presente o eterno”. Wolfgang Goethe

“Pode ser artista apenas aquele que tem uma religião própria, ou seja, uma intuição do infinito”. Friedrich Schlegel

“Às perguntas que a filosofia não responde, deve-se responder que elas não devem ser postas daquele modo”. Georg Wilhelm Friedrich Hegel

“Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, ao contrário, é seu ser social que determina sua consciência”. Karl Marx

“Marx não se deteve no materialismo do século XVIII, mas levou à frente a filosofia. Ele a enriqueceu com as conquistas da filosofia clássica alemã, principalmente com o sistema de Hegel [...]. A principal destas conquistas é a dialética [...]”. Lênin

“Desde que Marx escreveu que todas as coisas têm a sua morte, como poderemos dizer que isso não é aplicável ao próprio marxismo?” Mao Tse-Tung

“Hegel, investido do alto, pelas forças do poder, foi um charlatão de mente obtusa, insípido, nauseabundo, iletrado que chegou ao cúmulo da audácia, garatujando e dizendo as mais loucas e mistificadoras coisas sem sentido”. Arthur Schopenhauer

“E Hegel! Aqui tenho necessidade da linguagem de Homero. A que objetivos de riso devem ter-se entregue os deuses! Um tão desgraçado professorzinho que pretende simplesmente ter descoberto a necessidade de cada coisa [...]”. Sören Kierkegaard

“A liberdade é república; e república é pluralidade, ou seja, federação”. Carlo Cattaneo

“Empregar a força externa para obrigar alguém a uma crença religiosa, embora verdadeira, é um absurdo lógico, e é uma clara lesão de direito”. Antonio Rosmini

“Entre o Maistre e eu corre esta grande diferença: ele faz do papa um instrumento de barbárie e de servidão, e eu me esforço para dele fazer um instrumento de liberdade e cultura”. Vincenzo Giobert

“Ciência, logo previsão; previsão, logo ação: tal é a fórmula simplicíssima que expressa de modo exato a relação geral entre a ciência e a arte, tomando estes dois termos em sua acepção total”.
Auguste Comte

“A ciência, e apenas a ciência, pode tornar a humanidade aquilo sem o que ela não pode viver, um símbolo e uma lei”. Ernest Renan

“A evolução pode terminar apenas com o estabelecimento da maior perfeição e da mais completa felicidade”. Herbert Spencer

FICHTE

O EU PURO E OS TRÊS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA DOCTRINA DA CIÊNCIA

O fundamento do sistema do saber, em grau de transformar a filosofia em doutrina da ciência, é o **Eu puro**, atividade auto-intuitiva pura que, por meio da imaginação produtiva, livremente se autopõe e, autopondo-se, cria toda a realidade.

Portanto, **os três princípios fundamentais da doutrina da ciência são:**

1. O Eu põe absolutamente a si mesmo (TESE)
2. O Eu opõe absolutamente a si, dentro de si, um não-eu (ANTÍTESE)
3. No Eu absoluto, o eu limitado e o não-eu limitado limitam-se reciprocamente (SÍNTESE)

Atividade cognoscitiva: O eu é determinado pelo não-eu.

Atividade prática: O eu determina o não-eu, por meio da **liberdade** que é poder absoluto de determinar a ação real, que constitui nosso ser-no-mundo-sensível segundo a lei moral, que constitui nosso ser no mundo inteligível.

SHELLING

A FILOSOFIA DA IDENTIDADE

O Absoluto é Uno-Todo, identidade originária de:

Consciente: ideal (atividade teórica); espírito.

Inconsciente: natureza; real (atividade prática).

Atividade estética, ao mesmo tempo consciente e inconsciente (filosofia da arte).

A CONCEPÇÃO DO ABSOLUTO NA ÚLTIMA FASE DO PENSAMENTO DE SHELLING

No Absoluto, isto é, no próprio Deus, existe a luta entre:

Um princípio obscuro e irracional, do qual derivam, como queda originária de Deus, a Natureza; a luta entre bem e mal, entre liberdade e necessidade, no homem.

Um princípio positivo e racional, que em Deus vence eternamente e se revela pouco a pouco em todas as religiões, até a religião cristã, que é a mais perfeita.

Na história humana o princípio positivo destina-se a vencer.

A FILOSOFIA POSITIVA é a especulação baseada na religião e na revelação, e refere-se à existência efetiva das coisas. Ela deve necessariamente integrar a FILOSOFIA NEGATIVA, que é a

especulação baseada apenas na razão e refere-se à essência (o que-coisa) das coisas.

HEGEL

NECESSIDADE DA CIÊNCIA DO ABSOLUTO

A intenção fundamental de Hegel é TRANSFORMAR A FILOSOFIA DE AMOR DO SABER (PHILO-SOPHIA) EM SABER REAL (SOPHIA). A época pós-kantiana exige que a ciência seja **ciência do Absoluto** em duplo sentido:

1. O próprio Absoluto chega a ter ciência de si.
2. A ciência tem como objeto o Absoluto.

O Absoluto é essencialmente sujeito (automovimento), é **Espírito** que se autogera, realizando-se como infinito que põe e ao mesmo tempo retoma dentro de si o finito: **Idéia** que se reflete circularmente em si mesma, dando lugar a três momentos dialéticos paradigmáticos:

1. O SER-EM-SI
2. O SER-OUTRO OU SER-FORA-DE-SI
3. A VOLTA A SI OU SER-EM-SI-E-POR-SI

Que se repetem:

Em geral (em Deus):

1. Idéia em si: Logos divino como racionalidade pura.
2. Idéia fora de si, alienada: Natureza.
3. Idéia que volta a si e se torna em si e por si: Espírito.

Em particular (em todos os aspectos do universo): Todo momento do real é momento necessário do Absoluto, que se realiza

progressivamente em cada um e em todos estes momentos, e apenas no fim do autoprocesso existe em sua verdade.

A ciência, portanto, tem como características essenciais:

1. A sistematicidade (ciência do absoluto em cada um e em todos os momentos necessários de seu desenvolvimento).
2. A dialeticidade, que repete os três momentos paradigmáticos do automovimento do Absoluto e dá lugar a um método que se escalona em:
 - a) TESE: Momento abstrato ou intelectual, em que o intelecto está fechado às determinações do finito;
 - b) ANTÍTESE: Momento dialético em sentido estrito ou negativamente racional, em que a razão evidencia as contradições do finito;
 - c) SÍNTESE: Momento especulativo ou positivamente racional, em que a razão recompõe as contradições e opera a síntese dos opostos, mostrando a si mesma como totalidade concreta.

HEGEL

O SISTEMA DA CIÊNCIA

INTRODUÇÃO: FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Ciência da automanifestação temporal do Espírito, que da consciência sensível se eleva dialeticamente até o saber absoluto.

Dois planos se entrecruzam:

1. O caminho percorrido pelo Espírito para chegar a si por meio de todas as vicissitudes da história do mundo.

2. O caminho do espírito do homem singular, que deve percorrer de novo aquele caminho, para dele se apropriar.

A meta do itinerário fenomenológico é o ser como puro pensar, o absolutamente mediato e, ao mesmo tempo, o absolutamente imediato, com o qual tem início a:

1. LÓGICA: CIÊNCIA DA IDÉIA EM SI COMO LOGOS DIVINO PURO:

A Lógica é a auto-estruturação ideal do Todo, e expõe Deus antes da criação do mundo e de todo espírito finito. Articula-se na três esferas:

- a) Ser: o pensar em sua imediatez.
- b) Essência: o pensar em sua mediação.
- c) Conceito: o pensar que volta para dentro de si como totalidade.

2. FILOSOFIA DA NATUREZA: CIÊNCIA DA IDÉIA FORA DE SI, ALIENADA:

A Natureza é a Idéia na forma da alteridade e da exterioridade. Seus três momentos fundamentais são:

- a) Matéria e movimento em geral (objeto da mecânica)
- b) Corpos inorgânicos e processos físico-químicos (objetos da física)
- c) Corpos orgânicos (objeto da física orgânica)

3. FILOSOFIA DO ESPÍRITO: CIÊNCIA DA IDÉIA EM SI E POR SI:

O Espírito em geral é a verdade e fim último da Natureza: é a verdadeira realidade da Idéia, que se desdobra em três estágios:

- a) ESPÍRITO SUBJETIVO: espírito do indivíduo, ainda ligado ao finito.

b) ESPÍRITO OBJETIVO: espírito coletivo que se realiza progressivamente:

A) Na família; B) Na sociedade civil; C) No Estado.

O Estado é a racionalidade em si e por si, em que a liberdade chega a seu direito absoluto. A dialética dos Estados dá lugar à História do mundo: nela o Espírito do mundo se desdobra, servindo-se dos vários povos e das grandes individualidades históricas para tecer seus próprios desígnios (astúcia da razão).

c) ESPÍRITO ABSOLUTO, CUJOS TRÊS MOMENTOS PROGRESSIVOS SÃO:

A) Arte; B) Religião; C) Filosofia.

Na Filosofia, a Idéia eterna existente em-si-e-por-si se produz e goza de si mesma eternamente como Espírito absoluto.

MARX

MATERIALISMO E COMUNISMO

A tarefa principal da filosofia a serviço da história é o de *desmascarar a alienação do homem*:

Na religião: quando a sociedade classista proíbe o desenvolvimento e a realização de sua humanidade, os homens alienam seu ser projetando-o em um Deus imaginário: a religião é o ópio do povo.

E, antes ainda, no trabalho: o trabalho é externo ao operário, é apenas um meio para satisfazer necessidades estranhas, e o operário torna-se tanto mais pobre quanto maior é a riqueza que produz.

A verdadeira filosofia é, por isso, **materialismo histórico**: Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, ao contrário, é

seu ser social que determina sua consciência. A verdadeira *história* é a dos indivíduos reais, de sua ação para transformar a natureza e de suas condições materiais.

A ESTRUTURA *econômica* (o modo de produção da vida material condiciona em geral):

A SUPERESTRUTURA *ideológica* (o processo social, político e espiritual da vida: direito, moral, filosofia, arte, religião etc...).

O materialismo histórico é também **materialismo dialético**: todo momento histórico gera em seu seio a contradição entre opressores e oprimidos, contradição em que o resultado inevitável é pouco a pouco a *superação do estado de coisas existente*. A história de toda sociedade é sempre história de luta entre classes, e a época atual mostra o antagonismo fundamental entre:

A BURGUESIA, classe dos modernos capitalistas: surgida de dentro da sociedade feudal, era sua contradição e a superou.

O PROLETARIADO, classe dos assalariados modernos: para viver são reduzidos a vender sua força-de-trabalho, mas destinam-se a substituir a burguesia no poder.

O capitalista investe dinheiro (D): a) capital constante; b) capital variável.

Para a aquisição de mercadoria (M): meios produtivos e matérias-primas; força-de-trabalho.

A força-de-trabalho do proletário, vendida ao capitalista em troca do salário, contribui para determinar:

O VALOR DE TROCA da mercadoria, da qual vem o proveito em dinheiro (D'): $D - M - D'$, de onde $D' > D$ [fórmula geral do processo de produção capitalista].

Portanto, a MAIS-VALIA: isto é, a diferença entre o valor de troca da mercadoria e o salário pago pelo capitalista ao operário.

A mais-valia é reinvestida pelo capitalista para não sucumbir à concorrência, e assim se geram a tendência ao monopólio e a centralização dos meios de produção.

Vai crescendo a rebelião da classe operária, que aumenta sempre mais e está unida e organizada no sentido da socialização do trabalho.

Disso tudo derivarão inevitavelmente a explosão da revolução operária e, depois de uma primeira fase de ditadura do proletariado, o advento do **comunismo**: sociedade sem propriedade privada e, portanto, sem classes e sem Estado.

SCHOPENHAUER

O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO, ISTO É, COMO FENÔMENO

Tudo o que existe para o conhecimento, isto é, o mundo inteiro, é **fenômeno**, ilusão que vela a realidade das coisas em sua essência primigênia e autêntica: é **representação**, que tem duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis:

O SUJEITO: aquilo que tudo conhece, sem ser conhecido por ninguém, fora do tempo e do espaço. O sujeito ordena as representações (sensações, percepções, pensamentos) em um cosmo cognoscitivo por meio da causalidade.

O OBJETO: aquilo que é conhecido e condicionado pelas formas a priori do tempo e do espaço. Toda realidade do objeto (da matéria) se esgota em sua causalidade.

CAUSALIDADE (princípio de razão suficiente), cujas quatro formas determinam as categorias dos objetos cognoscíveis.

1. Objetos naturais (necessidade física = tornar-se)
2. Juízos e silogismos (necessidade lógica = conhecer)
3. Entes aritméticos e geométricos (necessidade matemática = ser)
4. Ações e seus motivos (necessidade moral = agir)

O MUNDO COMO VONTADE, ISTO É, COMO NÚMENO

A essência íntima de toda universalidade dos fenômenos, o **númeno** que se capta depois de ter rasgado o véu de Maya, é a **vontade**: o ímpeto cego e irresistível que penetra e se estende por todo o universo. A vontade é única e irracional, insatisfação insaciável e eterna, conflito e laceração.

Daí segue-se que A VIDA NO UNIVERSO É DOR E A HISTÓRIA HUMANA É ACASO CEGO. A VIDA HUMANA É necessidade e dor. Se a necessidade é satisfeita, então se tem saciedade e tédio.

Mas quando o homem chega a compreender que a realidade é vontade, então está pronto para a REDENÇÃO, cujas etapas ascensionais são:

1. A arte: a experiência estética (principalmente a música) torna objetiva a vontade, e é sua anulação temporária.
2. A justiça: o reconhecimento dos outros como iguais a nós.
3. A bondade: a com-paixão para com os seres que vivem nosso mesmo destino trágico (fundamento da ética).
4. A ascese: primeiro como livre e perfeita castidade, que arranca o homem da vontade de viver.

5. A noluntas: cessação completa do querer.

KIERKEGAARD

A FILOSOFIA EXISTENCIAL

A categoria por meio da qual devem passar o tempo, a história e a humanidade é o **indivíduo**, original, irreduzível, insubstituível, superior a todo o gênero humano.

Enquanto a existência é própria do animal, ao indivíduo é peculiar a existência, cujo modo de ser é a POSSIBILIDADE. Na possibilidade tudo é possível, ela é a ameaça do nada, e disso brota:

A condição fundamental da existência humana: a ANGÚSTIA: o puro sentimento do possível (isto é, do futuro), o sentido daquilo que pode acontecer e que pode ser muito mais terrível do que a realidade.

Pela angústia, o homem pode chegar:

Por meio de saltos (escolhas livres como aut-aut) aos estágios:

Estético; ético; religioso.

A ESSÊNCIA é o reino do necessário, de que a ciência procura as leis.

A CIÊNCIA como forma de vida é existência inautêntica: não compreende a si própria.

A EXISTÊNCIA é o reino da LIBERDADE, de que se ocupa a filosofia.

A FILOSOFIA SISTEMÁTICA se interessa pelos conceitos, não pela existência.

A verdadeira FILOSOFIA é filosofia cristã.

Ao desespero: DOENÇA MORTAL, um eterno morrer sem porém morrer, que consiste no não querer aceitar-se das mãos de Deus.

A vida da FÉ é a forma autêntica da existência finita: é encontro do indivíduo com a individualidade de Deus:

CRISTO, irrupção do eterno no tempo, fato absoluto que não deve ser demonstrado, mas testemunhado, reduplicando a revelação na fé.

O princípio do cristianismo é a GRAÇA: o homem não pode absolutamente nada e é Deus quem dá tudo, inclusive a fé.

COMTE O POSITIVISMO SOCIOLOGICO

A crise em que se encontram as nações mais civilizadas pode ser vencida apenas mediante uma reorganização social, em cuja base deve estar a **física social (a sociologia científica)**: construir tal ciência é a tarefa da filosofia positiva.

A FILOSOFIA POSITIVA é essencialmente metodologia científica, descobre as relações entre as diversas ciências, reassume seus princípios próprios em número mínimo de princípios comuns, e determina exatamente o espírito de cada uma das seis ciências fundamentais, que são (em ordem decrescente por generalidade e crescente por complicação):

1. Matemática; 2. astronomia; 3. física; 4. química; 5. biologia; 6. sociologia.

Como verdadeira ciência consiste de leis controladas sobre os fatos, e da ciência deriva a previsão e, portanto, a ação, A SOCIOLOGIA DEVE ESTABELECEER AS LEIS DOS FENÔMENOS SOCIAIS, MEDIANTE A OBSERVAÇÃO, A EXPERIÊNCIA E O MÉTODO HISTÓRICO-COMPARATIVO, PARA PODER PREVER

RACIONALMENTE O DESENVOLVIMENTO FUTURO DA CONVIVÊNCIA SOCIAL. A sociologia divide-se em:

ESTÁTICA SOCIAL: estuda as condições de existência comuns a todas as sociedades em todos os tempos. Sua lei fundamental é a **conexão orgânica** entre os diversos aspectos da vida social.

DINÂMICA SOCIAL: estuda as leis do desenvolvimento da sociedade. Sua lei fundamental é a **lei dos três estágios**, segundo a qual se desenvolve a evolução humana, individual e coletiva: Toda nossa concepção principal e cada ramo de nossos conhecimentos passa necessariamente por três estágios teóricos diferentes:

1. ESTÁGIO TEOLÓGICO, ou fictício [infância do homem e da humanidade]: os fenômenos são vistos como resultados da ação de entidades sobrenaturais.
2. ESTÁGIO METAFÍSICO, ou abstrato [juventude do homem e da humanidade]: os fenômenos são explicados como obras de essências abstratas.
3. ESTÁGIO CIENTÍFICO, ou positivo [maturidade do homem e da humanidade]: renuncia-se a perguntar quais sejam as causas últimas dos fenômenos, e procura-se apenas descobrir, mediante o raciocínio e a observação, suas leis efetivas (relações invariáveis).

A REGENERAÇÃO TOTAL DA SOCIEDADE PASSA, ATRÁVES DA RELIGIÃO DEVOTADA À HUMANIDADE, AO GRANDE SER QUE TRANSCENDE OS INDIVÍDUOS: OS DOGMAS DESSA RELIGIÃO SÃO A FILOSOFIA POSITIVA E AS LEIS CIENTÍFICAS.

J. S. MILL
LÓGICA

A LÓGICA, enquanto ciência da inferência correta de proposições de outras proposições, mostra que toda inferência ocorre de particulares a particulares.

Todos os conhecimentos, todas as verdades (compreendendo as proposições das ciências dedutivas, como a geometria), são de natureza empírica, e se fundam, portanto, não sobre o silogismo, mas sobre a **indução**: operação mental com a qual se infere que aquilo que é verdadeiro sobre certos indivíduos de uma classe, é verdadeiro de toda a classe, ou que aquilo que é verdadeiro em certos momentos, será sempre verdadeiro em circunstâncias semelhantes.

O princípio fundamental da indução é o **princípio de uniformidade**: O curso da natureza é uniforme, e todo evento depende sempre de alguma lei. Este princípio é a premissa maior última de toda indução.

CIÊNCIAS MORAIS

A LIBERDADE DA VONTADE HUMANA é a capacidade de agir sobre as causas das ações.

É conciliável com as ciências da natureza humana (psicologia, etologia), as quais versam sobre a necessidade não mecânica nem imodificável da índole do homem.

O princípio ético supremo é o **utilitarismo** ou princípio da máxima felicidade: As ações são justas à medida que tendem a promover a felicidade; são injustas, à medida que tendem a produzir o contrário da felicidade.

A LIBERDADE CIVIL é a maior liberdade possível de cada um para o bem-estar de todos e implica:

- a) Liberdade de pensamento, religião, expressão.
- b) Liberdade dos gostos, de projetar nossa vida segundo nosso caráter.
- c) Liberdade de associação.

SPENCER

O POSITIVISMO EVOLUCIONISTA

O **Absoluto**, a realidade última, existe e permanece incognoscível para o homem: o universo é um mistério.

Pela RELIGIÃO, cuja tarefa é manter sempre intacto o sentido do mistério.

Pela CIÊNCIA, cuja tarefa é estender sempre além o conhecimento do relativo, porém sem jamais captar o Absoluto.

RELIGIÃO E CIÊNCIA SÃO, PORTANTO, CONCÍLIAVEIS: ambas reconhecem a existência do Absoluto, mas não o conhecem.

A ciência mostra que:

- 1) A biologia: a vida consiste na adaptação contínua dos organismos ao ambiente, e a seleção natural favorece a sobrevivência do mais hábil;
- 2) A psicologia: na consciência humana há elementos a priori, independentes da experiência singular e temporária do indivíduo; mas aquilo que é a priori no indivíduo é a posteriori na espécie em seu desenvolvimento e transmitida por hereditariedade na estrutura orgânica do sistema nervoso;

- 3) A sociologia: a sociedade gradualmente se desenvolveu do regime militar (em que o Estado domina sobre os indivíduos) para o regime industrial (caracterizado pela atividade independente dos indivíduos);
- 4) A ética: a evolução fornece aos indivíduos a priori morais (a posteriori para a espécie), instrumentos de sempre melhor adaptação do homem às condições de vida.

Isso é atestado:

Pela FILOSOFIA, que é a ciência dos primeiros princípios, em que se leva ao limite extremo o processo de unificação do conhecimento. Sendo superior ao conhecimento comum (que é não unificado) e à própria ciência (que é parcialmente unificada), a filosofia parte do princípio científico mais geral: a redistribuição contínua da matéria e do movimento segundo a lei da evolução do universo e de suas partes.

A EVOLUÇÃO é uma integração de matéria acompanhada pela dispersão de movimento, em que a matéria passa de uma homogeneidade incoerente e indefinida para uma heterogeneidade coerente e definida, enquanto o movimento contido sofre uma transformação paralela.

A EVOLUÇÃO DO UNIVERSO É UM PROCESSO NECESSÁRIO QUE PROGRIDE PARA O MELHOR.

Conceitos fundamentais do Romantismo ao Empiriocriticismo

Alienação do trabalho: O homem não é alienado; ele vive humanamente, quando pode humanizar a natureza, junto com os outros, conforme uma idéia sua própria. O que distingue o pior

arquiteto em relação à melhor abelha – assim lemos em O Capital – é o fato de que o arquiteto construiu o casulo em sua cabeça antes de construí-lo de cera. O capitalismo, que se funda sobre a propriedade privada, faz do operário uma mercadoria nas mãos do proprietário. A alienação do trabalho consiste antes de tudo no fato de que o trabalho é externo ao operário, ou seja, não pertence a seu ser e, portanto, em seu trabalho ele não se afirma, mas se nega, sente-se não satisfeito, mas infeliz, não desenvolve livre energia física e espiritual, mas desgasta seu corpo e destrói seu espírito.

Dialética: O único método em grau de garantir o conhecimento científico do absoluto, e de elevar assim a filosofia a ciência, é, segundo Hegel, o método dialético, por meio do qual a verdade pode finalmente receber a forma rigorosa do sistema da cientificidade. A dialética nascera no ambiente da Escola de Eléia, principalmente com Zenão, e na grecidade havia alcançado seus vértices com Platão; na era moderna fora retomada por Kant, que, porém a privara de verdadeiro valor cognoscitivo. Hegel se remete à dialética clássica, mas conferindo movimento e dinamicidade às essências e aos conceitos universais que, já descobertos pelos antigos, haviam, porém permanecido com eles em uma espécie de repouso rígido, quase solidificados. O coração da dialética se torna assim o movimento, e precisamente o movimento circular ou em espiral, com ritmo triádico. Os três momentos do movimento dialético são: 1) a tese, que é o momento abstrato ou intelectual; 2) a antítese, que é o momento dialético (em sentido estrito) ou negativamente racional; 3) a síntese, que é o momento especulativo ou positivamente racional.

Especulativo: O especulativo, que constitui uma descoberta tipicamente hegeliana, é o terceiro momento da dialética e consiste no conhecimento dos opostos em sua unidade: ele é a reafirmação do positivo que se realiza mediante a negação do negativo próprio das antíteses dialéticas e, portanto, é a elevação do positivo da tese a um nível mais alto. Para Hegel, com efeito, a negação especulativa não é de modo nenhum uma aniquilação total, nem uma reserva definitiva, mas é propriamente uma conservação daquilo que é negado, e sua elevação a um nível superior é um seu enverdadeiramento e uma sua positivação. Ele usa a propósito os termos, que se tornaram muito famosos, *aufheben* e *aufhebung*, que em alemão têm o duplo significado de erguer, pôr a parte e de conservar. O especulativo constitui, portanto, o vértice a que chega a razão, a dimensão do absoluto.

Espírito: O espírito é a idéia que voltou a si da alienação e se tornou em si e para si: ele é a mais alta manifestação do absoluto, o auto-realizar-se e o autoconhecer-se de Deus. Nesta ótica, idéia lógica e natureza são vistas como pólos dialéticos dos quais o espírito é a síntese viva. Também a esfera do espírito estrutura-se de modo triádico, e divide-se, portanto em três momentos: espírito subjetivo, espírito objetivo e espírito absoluto. No vértice do espírito absoluto, que é constituído pela filosofia, a idéia eterna sendo em-si-e-por-si se ativa, se produz e goza de si mesma eternamente.

Eu: O Eu de Fichte é o princípio originário e absoluto de toda a realidade, e se qualifica essencialmente como atividade que antes de tudo põe a si mesma e, portanto, põe todas as coisas; desse modo,

o Eu é condição incondicionada de si mesmo e da realidade. Na metafísica anterior a Fichte, a atividade, o agir, era sempre considerado consequência do ser (*operari sequitur esse*), o ser era condição do agir; o idealismo de Fichte inverte, ao contrário, o antigo axioma e afirma que *esse sequitur operari*: a ação precede o ser, o ser é produto do agir. E, assim, o Eu penso kantiano, que era a estrutura transcendental fundamental do sujeito, torna-se em Fichte atividade, auto-intuição (a intuição intelectual que o próprio Kant considerava impossível para o homem), autoposição da qual são deduzidas todas as coisas. O Eu absoluto não é o eu do homem individual, ao qual pertence um eu sempre e em todo caso limitado pelo não-eu.

Filosofia negativa e filosofia positiva: A distinção entre filosofia positiva e filosofia negativa pertence à última fase do pensamento de Schelling. A filosofia negativa é a especulação construída apenas sobre a razão e que versa sobre o que-coisa universal sobre a essência das coisas, sobre sua possibilidade lógica. A filosofia positiva, ao contrário, é a especulação que se funda, além de sobre a razão, também sobre a religião e sobre a revelação, e se refere à existência efetiva das coisas: a filosofia positiva deve necessariamente integrar a negativa.

Idéia: A idéia é para Hegel o termo mais idôneo para exprimir em geral o absoluto, isto é, o Deus uno e trino do cristianismo, em sua totalidade. A idéia absoluta se autogera, gerando ao mesmo tempo a própria determinação e superando-a completamente: ela se atua e se realiza sempre como infinito que põe e ao mesmo tempo supera o

finito. A idéia absoluta hegeliana é assim como um círculo em que princípio e fim coincidem de modo dinâmico, ou melhor, como um movimento em espiral em que o particular é sempre posto e sempre dinamicamente resolvido no universal. O automovimento da idéia absoluta é, com efeito, o movimento do refletir-se dentro de si mesma, é uma reflexão circular em que Hegel distingue três momentos: 1) o ser-em-si; 2) o ser-outro ou ser-fora-de-si; 3) o retorno a si ou ser-em-si-e-por-si. O movimento autoprodutivo da idéia absoluta tem, portanto, um ritmo triádico, que se repete estruturalmente em todos os níveis do real e que na própria idéia absoluta dá lugar a três momentos originários e paradigmáticos: 1) a idéia em si, que é logos como racionalidade pura; 2) a natureza, que é a idéia fora de si, isto é, objetiva e alienada; 3) o espírito em geral, que é a idéia que retorna a si a partir da alienação e se torna em si e por si. Tudo é, portanto, desenvolvimento da idéia, e a famosa frase de Hegel segundo a qual tudo aquilo que é real é racional e tudo aquilo que é racional é real indica justamente que a realidade é o próprio desenvolver-se da idéia, e vice-versa.

Identidade absoluta: Partindo do Eu absoluto de Fichte, que é $Eu = Eu$, o jovem Schelling elabora sua concepção do absoluto como identidade originária de Eu e não-eu, sujeito e objeto, consciente e inconsciente, espírito e natureza. O absoluto é esta identidade originária de ideal e real, e a filosofia é saber absoluto do absoluto, ao qual nos elevamos apenas com uma intuição originária. A identidade absoluta é infinita e não sai nunca fora de si, e tudo aquilo que existe, existe, de algum modo, nela e é identidade: a identidade absoluta é definitivamente o Uno-Todo, fora do qual nenhuma coisa

existe por si mesma. A existência das coisas e sua gênese supõem uma queda originária, uma separação em relação a Deus; em Deus, com efeito, há um princípio obscuro e cego, que é vontade irracional, e um princípio positivo e racional, e a vida de Deus se explica como vitória do positivo sobre o negativo.

Incognoscível: O termo foi usado primeiro por William Hamilton (1788-1856), um filósofo que fizera conhecer na Inglaterra a filosofia alemã do romantismo. Para Hamilton, dizer incognoscível equivale a dizer absoluto ou infinito, um absoluto que pode ser objeto de fé, mas não de conhecimento. Spencer retoma o termo de Hamilton e, substancialmente de acordo com ele, afirma que a realidade última é incognoscível. Toda teoria religiosa – escreve Spencer – é uma teoria a priori do universo; e todas as religiões reconhecem que o mundo é um mistério que pede uma explicação, e que a potência da qual o universo é uma manifestação é totalmente impenetrável. Por outro lado, o cientista que avança de generalizações em generalizações sempre mais amplas, sabe muito bem – precisa Spencer – que a verdade fundamental permanece mais inacessível que nunca [...]. Mais do que qualquer outro, o cientista sabe com segurança que nada pode ser conhecido em sua essência última. Portanto: religião e ciência são correlatas. E enquanto a tarefa da religião é a de manter vivo o sentido do absoluto, a tarefa da ciência é a de levar sempre mais à frente a pesquisa do relativo, com sempre mais acentuada consciência de jamais captar o absoluto. Apenas em tal perspectiva se atenuarão os contrastes entre religião e ciência, e quando a ciência estiver convicta de que suas explicações são próximas e relativas, e a religião estiver convicta de que o

mistério que ela contempla é absoluto, reinará entre elas uma paz permanente.

Indivíduo: Mediante a categoria do indivíduo, Kierkegaard ataca o sistema hegeliano; descartando o hegelianismo e o panteísmo, ele consegue por a salvo a causa do cristianismo; e dentro do cristianismo o filósofo adquire um valor absoluto. O indivíduo é a categoria pela qual deve passar – do ponto de vista religioso – o tempo, a história, a humanidade [...]. Com esta categoria o indivíduo quando aqui tudo era sistema sobre sistema, eu tomei como mira o sistema, e a agora não se fala mais de sistema [...]. O indivíduo com esta categoria subsiste ou cai a causa do cristianismo. A existência, diz Kierkegaard – corresponde à realidade singular, ao indivíduo: um homem singular não tem certamente uma existência conceitual. A filosofia se interessa pelos conceitos, ela não se preocupa com o existente concreto que somos eu, ele, tu, em nossa irrepetível singularidade; a filosofia ocupa-se do conceito de homem, do homem em geral, mas a minha ou a tua existência não é um conceito. E se no mundo animal a espécie é superior ao indivíduo, no mundo humano – justamente por causa do cristianismo – o indivíduo é superior à espécie. A lei da existência (que por sua vez é graça) que Cristo instituiu para ser homem é: relaciona-te como indivíduo com Deus. A esta categoria Kierkegaard ligava a sua importância de pensamento: o indivíduo é e permanece a âncora que deve frear a confusão panteísta; é e permanece o peso com o qual podemos reprimi-la. E ainda: Se eu – confessa Kierkegaard – tivesse de pedir um epitáfio para minha sepultura, pediria apenas: aquele indivíduo.

Mesmo que agora esta categoria não seja comprometida, ela o será a seguir.

Lei dos três estágios: Comte denomina sua proposta da lei dos três estágios minha grande lei, lei que se refere ao conjunto da evolução humana, individual e coletiva. A humanidade, como também a psique dos indivíduos particulares, passa através de três estágios: a) o teológico; b) o metafísico; c) o positivo ou científico. No curso de filosofia positiva Comte afirma: Estudando o desenvolvimento da inteligência humana [...] desde sua primeira manifestação até hoje, creio ter descoberto uma grande lei fundamental [...]. Esta lei consiste no seguinte: cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos passa necessariamente por três estágios teóricos diferentes: o estágio teológico ou fictício; o estágio metafísico ou abstrato; o estágio científico ou positivo [...]. Daí três tipos de filosofia, ou de sistemas conceituais gerais, sobre o conjunto dos fenômenos, que se excluem reciprocamente. O primeiro é um ponto de partida necessário da inteligência humana; o terceiro é seu estágio fixo e definitivo; o segundo destina-se unicamente a servir como etapa de transição. No estágio teológico os fenômenos são explicados como produtos da ação direta de agentes sobrenaturais; no estágio metafísico os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, essências; é no estágio positivo que o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter conhecimentos absolutos, renuncia a perguntar-se qual seja a origem e o destino do universo, quais sejam as causas íntimas dos fenômenos, para procurar apenas descobrir, com o uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, isto é,

suas relações invariáveis de sucessão e de semelhança. Esta é, portanto, a lei dos três estágios, a pedra angular do edifício filosófico de Comte; lei que, a seu ver, valeria – como se repete – para o desenvolvimento de toda a história da humanidade, como também para o desenvolvimento da vida dos indivíduos particulares: todo homem é teólogo em sua infância; é metafísico em sua juventude; é físico em sua maturidade.

Lógica: A lógica de Hegel não é puro instrumento ou método, como a lógica tradicional, e sim o estudo da estrutura do todo, no sentido de que a própria lógica, enquanto idéia-em-si, é a auto-estruturação do quadro do todo. A lógica começa e se desenvolve inteiramente no plano definitivamente ganho da fenomenologia do espírito, isto é, no plano do saber absoluto, em que desapareceu toda a diferença entre certeza (que implica subjetividade) e verdade (que é sempre objetividade), entre saber como forma e saber como conteúdo. A tese de fundo da lógica hegeliana, que se remete à antiga posição de Parmênides, é que pensar e ser coincidem: o pensamento, em seu processo, realiza a si mesmo e o próprio conteúdo, e esta mesma realização dialética é ao mesmo tempo, de modo cada vez renovado, um pensar o ser e o ser do pensamento. A lógica coincide assim com a ontologia (ou seja, com a metafísica), e nesse sentido constitui a síntese especulativa dos conteúdos que se encontram no organon e na metafísica de Aristóteles. Em seu conjunto, portanto, a lógica é o reino do pensamento puro; é a verdade como ela é em si e por si sem véu, é a exposição de Deus como ele é em sua eterna essência antes da criação da natureza e de cada espírito finito. O logos da lógica deve ser concebido também como desenvolvimento e

processo dialético, a idéia lógica é a totalidade de suas determinações conceituais em seu desdobramento dialético. A três esferas fundamentais da lógica são: o ser, a essência e o conceito.

Mais-valia: O de mais-valia é um dos conceitos fundamentais da economia marxista e um eixo de toda construção teórica de Marx. O capitalista adquire sobre o mercado, além do capital constante (maquinários, matérias-primas etc...), também o capital variável, isto é, a força de trabalho. O valor da força-de-trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários para a conservação do possuidor da força-de-trabalho. O uso da força-de-trabalho é o próprio trabalho. O produto do trabalho é propriedade não do trabalhador, mas do capitalista. Ora, se o proletário trabalha doze horas, em seis horas produz o tanto para cobrir o quanto o capitalista despende para o salário, o produto das outras seis horas de trabalho é valor do qual o capitalista se apropria. Este valor que passa para as mãos do capitalista é a mais-valia.

Materialismo dialético: Marx inverte a dialética hegeliana, pondo-a em pé. Hegel aplicava o movimento dialético ao processo do pensamento; Marx o remete ao mundo da história real e concreta – a das necessidades econômicas e sociais – dos homens. Toda realidade histórica (governos, estados etc...) gera em seu seio contradições que necessariamente levam à sua superação: a burguesia nasce dentro da sociedade feudal, e será justamente a burguesia que, com a revolução francesa, despedaçará os vínculos feudais, doravante sufocantes e não mais suportáveis; por sua vez, a burguesia não pode sequer existir sem o proletariado que a levará à

sepultura. A dialética é a lei de desenvolvimento da realidade histórica e exprime a inevitabilidade da passagem da sociedade capitalista para a comunista.

Materialismo histórico: É a teoria segundo a qual a estrutura econômica determina a superestrutura das idéias. O moinho movido à água vos dará a sociedade com o senhor feudal, e o moinho a vapor a sociedade com o capitalista industrial. Ou ainda: Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas é, ao contrário, seu ser social que determina sua consciência. Isto escreveu Marx no prefácio a para a crítica da economia política. E, por último, as idéias dominantes de uma época – afirmam Marx e Engels – sempre foram apenas as idéias da classe dominante.

Não-eu: É a natureza em geral, compreendida como reino dos limites. O não-eu é posto (produzido, criado) inconscientemente pelo eu absoluto por meio da imaginação produtiva, a qual, enquanto em Kant era apenas determinadora a priori da intuição pura do tempo, em Fichte torna-se justamente criadora inconsciente dos objetos. A imaginação produtiva é assim a atividade infinita do eu que, delimitando-se continuamente, produz aquilo que constitui a matéria do conhecimento humano.

Natureza: A natureza é a idéia em sua alienação, em seu estar-fora-de-si, a qual em sua existência não mostra nenhuma liberdade, mas apenas necessidade e acidentalidade. A criação da natureza é propriamente uma queda da idéia a partir de si. A verdade e o fim da

natureza, cujos graus ascendentes são a mecânica, a física e a orgânica, é o espírito.

Possibilidade: Com o conceito de indivíduo, o de possibilidade é fundamental no pensamento de Kierkegaard. O animal tem uma essência, é determinado por aquilo que é, é máquina guiada pelos instintos; a essência é o reino da necessidade. A existência, ao contrário, é o modo de ser do indivíduo. O homem é aquilo que escolhe ser, a existência é possibilidade, obriga a escolher, implica risco, gera angústia. A possibilidade – lemos no Diário – é a mais importante de todas as categorias. Frequentemente se ouve dizer na verdade o contrário, que a possibilidade é tão leve e a realidade, ao contrário, tão pesada. Mas de quem ouvimos tais discursos? De alguns homens miseráveis, que jamais souberam o que seja a possibilidade. Em geral a possibilidade da qual se diz que é tão leve compreende-se como possibilidade de felicidade, de fortuna etc... Mas esta não é, de fato, a possibilidade; esta é a invenção falaz que os homens, em sua corrupção, embelezam, para ter ao menos um pretexto para se lamentar da vida e da providência, e para ter uma ocasião de se tornarem importantes aos próprios olhos. Não, na possibilidade tudo é igualmente possível, e quem realmente foi educado mediante a possibilidade compreendeu tanto o lado terrível quanto o agradável. Para Kierkegaard, se alguém sai da escola da possibilidade não pode pretender absolutamente nada e sabe que o lado terrível, a perdição, a aniquilação, habita com todo homem de porta em porta; e se tirou proveito da angústia que daí segue, dará à realidade outra explicação; exaltará a realidade e também quando

esta pesa gravemente sobre ele, se recordará que ela é muito mais leve do que a possibilidade poderia ser.

Utilitarismo: Este termo indica a concepção em que o bem é identificado com o útil. O termo é usado primeiro por Jeremiah Bentham, o qual definiu utilidade como tudo aquilo que produz ou traz vantagem. Útil, em outras palavras, é o que minimiza a dor e maximiza o prazer. Por conseguinte, a moral, na perspectiva de Bentham, configura-se como espécie de hedonismo calculado, escrupulosamente atento à avaliação das características do prazer: duração, intensidade, certeza, proximidade, capacidade de produzir prazeres ulteriores, ausência de conseqüências dolorosas. E sábio será, então, quem renunciar a um prazer imediato para um bem futuro cujo balanço seja melhor. O princípio de fundo do utilitarismo é o formulado por César Beccaria (1738-1794) em seu célebre livro *Dos delitos e das penas* (1764): a felicidade máxima dividida pelo maior número de pessoas. Em tal princípio está implícita a idéia de que a utilidade privada coincide com a pública. E foi esta a idéia que ligou à concepção utilitarista os representantes da economia clássica, então em statu nascenti, ou seja, Adam Smith e David Ricardo. James Mill foi utilitarista, e também seu filho John Stuart Mill, cujo ensaio com o título *Utilitarismo* apareceu em 1861. A idéia cardeal do trabalho de Mill é a de Bentham: Conforme o princípio da máxima felicidade, o fim último e a causa de todas as coisas serem desejáveis é uma existência isenta o quanto possível de dores e o maior possível rica de prazeres. Diversamente de Bentham, Mill não olha apenas a quantidade do prazer, mas também para a qualidade: É preferível ser um Sócrates doente do que um porco satisfeito. E,

por fim, o conselho de Mill: para saber qual será a mais aguda entre duas dores ou o mais intenso entre dois prazeres, é preciso confiar-se ao sufrágio universal de todos os que têm prática de umas e outros.

Vontade (vontade de viver): O de vontade é o conceito central da filosofia de Schopenhauer. Diversamente de Kant, para o qual o númeno (ou coisa em si) era e permanecia incognoscível e apenas o fenômeno é a única realidade cognoscível, Schopenhauer afirma que o fenômeno é a ilusão que vela a realidade das coisas em sua essência autenticamente originária, essência que é cognoscível como vontade. Por meio do corpo – que cada um sente como anseio de viver e vontade de autoconservação – conseguimos compreender que vivemos imersos e somos parte de uma vontade única, de um cego e irresistível impulso que se identifica com e agita o universo inteiro. E aquele que compreendeu tudo isso, vontade verá [...] na força que faz crescer e vegetar a planta; naquela que dá forma ao cristal; na que dirige a agulha imantada para o norte; na comoção que experimenta ao contato de dois metais heterogêneos; na força que se manifesta nas afinidades eletivas da matéria em forma de repulsão e atração, de combinação e decomposição; e até na gravidade, que age com tanta força em toda matéria e atrai tanto a pedra para o chão como a terra para o céu. Ou ainda: A vontade é substância íntima, o núcleo de cada coisa particular e do todo, é a que aparece na força natural, cega, e a que se manifesta na conduta racional do homem; a enorme diferença que separa os dois casos refere-se apenas ao grau de manifestação, a essência daquilo que se manifesta aí permanece absolutamente intacta.

DE NIETZSCHE À ESCOLA DE FRANKFURT

“Sócrates foi um equívoco: toda moral do perfeccionismo, até mesmo a cristã, foi um equívoco [...]”. Friedrich Nietzsche

“Estamos abertos à possibilidade de que o sentido e o significado surjam apenas no homem e em sua história. Mas não no homem individual, e sim no homem histórico. Porque o homem é um ser histórico”. Wilhelm Dilthey

“Seremos superados no plano científico é [...] não só nosso destino, de todos nós, mas também nosso escopo”. Max Weber

“O homem não vive mais em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são parte deste universo, são os fios que constituem o tecido simbólico, a emaranhada trama da experiência humana. Todo progresso no campo do pensamento e da experiência reforça e aperfeiçoa esta rede”. Ernst Cassirer

“Uma hipótese está, para a mente científica, sempre em prova”. Charles S. Peirce

“Todo erro nos indica um caminho a evitar, ao passo que nem toda descoberta nos indica um caminho a seguir”. Giovanni Vailati

“A vida é o critério para julgar a verdade”. Miguel de Unamuno

“O homem de ciência deve continuamente tentar duvidar de suas próprias verdades”. José Ortega y Gasset

“Na miséria de nossa vida [...] esta ciência não tem nada a nos dizer. Ela exclui de princípio problemas mais candentes para o homem, o qual, em nossos tempos atormentados, sente-se em poder do destino”. Edmund Husserl

“A última questão [...] é saber se do fundo das trevas um ser pode brilhar”. Karl Jaspers

“A liberdade consiste na escolha do próprio ser. E tal escolha é absurda”. Jean-Paul Sartre

“A revolução é progresso quando a comparamos ao passado, mas desilusão e aborto quando a comparamos ao futuro que ela deixou entrever e depois sufocou”. Maurice Merleau-Ponty

“O próprio mundo tende [...] a aparecer por vezes como simples canteiro de obras de desfrutamento, outras como um escravo adormecido”. Gabriel Marcel

“Quem quer compreender um texto deve estar pronto a deixar que ele diga algo de si”. Hans Georg Gadamer

“Sensus non est inferendus, sed efferendus”. Emílio Betti

“A filosofia não pode ser fecunda se estiver separada da ciência”. Bertrand Russell

“[...] ainda que todas as possíveis perguntas da ciência recebessem uma resposta, os problemas de nossa vida não seriam sequer tocados”. Ludwig Wittgenstein

“O que é característico da filosofia é a penetração na crosta esclerosada que é constituída pela tradição e pela convenção, rompendo os laços que nos vinculam a heranças precedentes, de modo a chegar a um modo novo e mais poderoso de ver as coisas”. Friedrich Waismann

“Nenhuma conclusão imperativa pode ser validamente deduzida de um conjunto de premissas que não contenham ao menos um imperativo”. Richard M. Hare

“O presente e o futuro, a experiência e a esperança se contradizem na escatologia cristã, que não leva o homem a resignar-se e pôr-se

em acordo com a realidade dada, mas o envolve no conflito entre esperança e experiência”. Jürgen Moltmann

“Nosso passado inteiro nos segue em cada momento [...]; o que ouvimos, pensamos e quisemos desde a primeira infância está lá, inclinado sobre o presente, que está para absorver em si, premente à porta da consciência”. Henri Bergson

“Cristo não auxilia em virtude de sua onipotência, mas em virtude de sua fraqueza, de seu sofrimento: aqui reside a diferença determinante em relação a qualquer outra religião”. Dietrich Bonhoefer

“O personalismo é um esforço integral para compreender e superar a crise do homem do século XX em sua totalidade”. Emmanuel Mounier

“Não esqueçamos que queremos fazer do indivíduo, e não da coletividade, o valor supremo”. Simone Weil

“Tenho origem exatamente de minha relação com o Tu; quando eu me torno Eu, então digo Tu”. Martin Buber

“O termo Eu significa eis-me aqui, respondendo sobre tudo e sobre todos”. Emmanuel Lévinas

“Todo ser finito – e a humanidade é finita – que se pavoneia como o valor último, supremo e único, torna-se um ídolo, que tem sede de sacrifícios de sangue”. Max Horkheimer

“Nem sequer o advento definitivo da liberdade pode redimir aqueles que morrem sofrendo”. Hebert Marcuse

“O que importa é aprender a esperar”. Ernst Bloch

NIETZSCHE

DO DIONISÍACO AO SUPER-HOMEM

A **vida** é irracionalidade cruel e cega, dor e destruição. Seus dois instintos fundamentais são:

O DIONISÍACO: imagem da força instintiva e da saúde, embriaguez criativa e paixão sensual: Dionísio é o símbolo da humanidade que diz sim à vida, em pleno acordo com a natureza.

O APOLÍNEO: visão de sonho, tentativa de expressar o sentido das coisas com medida e moderação: Apolo é o símbolo da humanidade que se explicita em figuras equilibradas e límpidas.

Considerando a história sob o perfil crítico, o dionisíaco e o apolíneo milagrosamente se ligaram apenas na época da Grécia pré-socrática, na TRAGÉDIA ÁTICA: a arte trágica foi um corajoso e sublime dizer sim à vida, expressão do autêntico pessimismo trágico. São três os pontos de vista sobre a história: MONUMENTAL, de quem procura no passado modelos e mestres; ANTIQUÁRIO, de quem entende o passado como fundamento da vida presente, conservando seus valores constitutivos; CRÍTICO, de quem olha o passado sob o ponto de vista do juiz que abate e condena todos os elementos que obstaculizam a realização dos próprios valores.

Dois tipos de pessimismo: ROMÂNTICO, o pessimismo dos que renunciam, dos falidos e dos vencidos (como Schopenhauer e Wagner, em um primeiro tempo considerados por Nietzsche como artífices do renascimento do dionisíaco na modernidade); TRÁGICO, o pessimismo de quem aceita a vida, embora conhecendo sua dolorosa tragicidade: este leva adiante a bandeira de um novo iluminismo.

Mas com SÓCRATES o apolíneo prevaleceu: com a louca presunção socrática de entender e dominar a vida com a razão começou a

verdadeira decadência da humanidade.

O CRISTIANISMO contribuiu para, posteriormente, envenenar a humanidade: considerou pecado todos os valores e prazeres da terra, fazendo de Cristo, verdadeiro espírito livre, um símbolo de ressentimento contra tudo aquilo que é nobre.

Daqui a imposição, sobre a moral aristocrática dos fortes, da moral dos escravos, legitimada pela METAFÍSICA, que pretendeu dar-lhe uma presumida base objetiva, inventando um mundo superior para reduzir a mera aparência este mundo, o único que existe.

A MORAL é em geral máquina construída para dominar os outros. A moral aristocrática dos fortes nasce de uma triunfal afirmação de si. A moral dos escravos opõe desde o princípio um não àquilo que é diferente de si: é o ressentimento contra a força, a saúde, o amor pela vida.

A decadência da civilização ocidental culmina com a MORTE DE DEUS, com a eliminação de todos os valores que foram fundamento da humanidade: evento cósmico pelo qual os homens são responsáveis, esta morte os liberta das cadeias daquele sobrenatural que eles próprios haviam criado, mas os deixa sem outros pontos de referência.

Conseqüência necessária é o NIILISMO: não há valores absolutos, não há nenhuma providência, nenhuma ordem cósmica: resta apenas o abismo do nada (nihil): o ETERNO RETORNO do universo e da vida.

ZARATUSTRA é o profeta do amor fati como aceitação do eterno retorno das coisas e transvalorização de todos os valores, e anuncia: O advento do SUPER-HOMEM, que ama a vida e cria o sentido da terra: nele reemerge o dionisíaco como vontade de poder.

WEBER

METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS HISTÓRICO-SOCIAIS

O objetivo da CIÊNCIA é a verdade e único é o critério de cientificidade das várias ciências (tanto naturais, como histórico-sociais): chegar a produzir explicações causais dos fenômenos.

Como a regressão causal vai ao infinito, é preciso realizar sobre os fenômenos e sobre as teorias mediante as quais os estudamos uma seleção em relação aos valores.

A REFERÊNCIA AOS VALORES é um princípio de escolha que serve para estabelecer o campo de pesquisa em que sucessivamente a pesquisa se procederá de modo cientificamente objetivo, em vista da explicação causal dos fenômenos.

A variação dos valores condiciona a variação dos pontos de vista, suscita novos problemas, descobre novos aspectos: garante, portanto, o progresso científico.

Instrumento metodológico fundamental é o TIPO IDEAL: modelo de realidade obtido com a acentuação unilateral de um ou de alguns pontos de vista, e mediante a conexão de uma quantidade de fenômenos particulares correspondentes àqueles pontos de vista em um quadro conceitual unitário em si.

A AVALIABILIDADE DAS CIÊNCIAS garante a liberdade da ciência em relação às avaliações ético-político-religiosas.

O DESENCANTAMENTO DO MUNDO

O ponto de partida da humanidade é um mundo povoado pelo sagrado, pelo ELEMENTO MÁGICO desenvolvido por meio das profecias judaicas e continuado pelo pensamento grego. Por meio:

Do progresso científico.

E da ÉTICA CALVINISTA que produz de modo não intencional o espírito do capitalismo.

O ponto de chegada em nossa época é o DESENCANTAMENTO DO MUNDO: a fé de que toda coisa, em linha de princípio, pode ser dominada pela razão; mas essa fé não pode ser justificada cientificamente. O destino nos impõe viver em uma época sem Deus e sem profetas, e a fé religiosa se configura apenas como SACRIFÍCIO DO INTELECTO: a tensão entre a esfera dos valores da ciência e a da salvação religiosa é incurável.

DEWEY

MÉTODO CIENTÍFICO

A EXPERIÊNCIA é história voltada para o futuro: não é consciência, nem conhecimento, mas existência, cujas características fundamentais são: a precariedade, a periculosidade, a adaptação ao ambiente.

Para enfrentar a instabilidade e o acaso do mundo e da existência é preciso desmascarar os sistemas metafísicos, consoladores e ilusórios, e PROMOVER O CONHECIMENTO não como contemplação, mas como processo de pesquisa, a qual é uma forma de adaptação ao ambiente.

A PESQUISA parte de problemas, formula hipóteses (idéias) de solução e, por meio do raciocínio, dirige e articula o experimento,

que dirá se a solução proposta deve ser aceita ou rejeitada.

INSTRUMENTALISMO: as idéias são instrumentos de nossa pesquisa para resolver os problemas e é sempre a prática que decide seu valor.

A **VERDADE** é o comprovado poder de guia de uma idéia: sua garantia não é absoluta nem eterna, porque os resultados da pesquisa humana sempre são corrigíveis e aperfeiçoáveis em relação às novas situações em que o homem vem a encontrar-se em sua história.

ÉTICA, POLÍTICA, PEDAGOGIA

Todo **SISTEMA ÉTICO** é relativo ao ambiente em que se formou e foi funcional.

Como também as idéias morais devem ser submetidas ao controle de suas conseqüências sobre a prática, a filosofia deve promover uma contínua revisão crítica dirigida ao enriquecimento dos valores de direito.

VALORES DE FATO: os bens que são imediatamente desejados.

VALORES DE DIREITO: os bens que são razoavelmente desejáveis em determinada situação.

NÃO EXISTEM FINS ÚLTIMOS: TODO FIM ALCANÇADO É UM MEIO PARA OUTROS FINS.

É preciso constituir uma **DEMOCRACIA** como sociedade que se planifica constantemente, em que a inteligência se liberte em um intercâmbio cooperativo que trabalhe sobre metas concretas, realizáveis nas condições históricas efetivas, e em que se atue.

A EDUCAÇÃO como reconstrução e reorganização contínua da experiência, em grau de aumentar a consciência dos vínculos entre as nossas atividades e as dos outros, e de aumentar a capacidade dos indivíduos de dirigir o curso da experiência futura.

CROCE AS FORMAS DO ESPÍRITO

ESPÍRITO = RACIONALIDADE IMANENTE AO REAL.

TEORIA:

[belo/feio] atividade estético-intuitiva: conhecimento do individual.

ARTE: intuição e expressão, caracterizada pelo sentimento universal e cósmico da liricidade. INDIVIDUALIDADE.

Atividade lógico-intelectiva: conhecimento do universal [verdadeiro/falso]. LÓGICA: ciência do conceito puro, isto é, do universal concreto. UNIVERSALIDADE.

PRÁXIS:

[útil/nocivo] atividade econômica: volição do individual. ECONÔMICA: relativa apenas às condições de fato em que o indivíduo se encontra. INDIVIDUALIDADE.

Atividade ética: volição do universal [bem/mal]. ÉTICA: relativa a fins universais que vão além do homem individual. UNIVERSALIDADE.

O FIM DO REAL CONSISTE NA TOTALIDADE CIRCULAR DESTAS QUATRO FORMAS, OU SEJA, APENAS O ESPÍRITO É O FIM DO ESPÍRITO.

O HISTORICISMO ABSOLUTO

Como pensamento autêntico é pensamento do universal concreto, e como o juízo definitivo coincide com o juízo individual, filosofia e história coincidem.

UNIVERSAL CONCRETO: a realidade do espírito em sua seiva vital universal e em toda a sua riqueza: síntese de opostos, unidade na distinção.

O juízo individual nos faz concretamente conhecer e possuir o mundo, e seu predicado não é mais que o juízo definitivo.

A HISTÓRIA É O VERDADEIRO CONHECIMENTO DO UNIVERSAL CONCRETO, e o conhecimento histórico é todo o conhecimento.

E como o juízo histórico responde sempre a uma necessidade prática atual:

TODA HISTÓRIA É HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA que revive e se realiza no presente do espírito.

O conhecimento histórico é catártico, é estimulador de ação e, ao mesmo tempo, estimulado pela ação: é uma ligação de pensamento e ação que se explica de modo circular como o espírito.

GENTILE

O PENSAMENTO COMO AUTOCONCEITO E FORMA ABSOLUTA

O espírito é **autoconceito**, verdadeiro único conceito da realidade múltipla.

Toda a matéria é absorvida totalmente na **forma absoluta**, que é ato espiritual, é o positivo que põe a si próprio (autóctise).

O autoconceito se auto-realiza e se autoconhece segundo uma dialética triádica (monotriade): 1. realidade do sujeito; 2. realidade do objeto; 3. realidade do espírito.

DIALÉTICA: ciência das relações. A dialética antiga era dialética do pensado. A dialética moderna é dialética do pensar.

A verdadeira realidade é a realidade do pensamento que se autopenza, ou seja, do espírito: bem e verdade, síntese viva eterna, que tem como seu momento essencial a própria negação (a natureza), o erro contra o verdadeiro, o mal contra o bem.

A história do mundo é a representação empírica e exterior da imanente vitória eterna do espírito sobre a natureza, da imanente resolução da natureza no espírito.

A VERDADEIRA HISTÓRIA É HISTÓRIA IDEAL ETERNA que se reúne no eterno ato do pensar.

Conceitos fundamentais de Nietzsche à escola de Frankfurt

Abdução: Na antiguidade Aristóteles indicava com abdução – apogoghé – o tipo de silogismo no qual a premissa maior é certa, a premissa menor é incerta e, portanto, a conclusão tem uma certeza ou inferior ou igual à da premissa menor. Em Peirce a abdução é usada para um tipo de raciocínio onde, a fim de encontrar uma explicação de um fato surpreendente – isto é, de um fato problemático, de um problema – inventa-se uma hipótese como tentativa de solução, de cuja idéia ou hipótese se deduzem as conseqüências que devem ser submetidas ao controle empírico ou indutivo dos fatos. Peirce esquematiza do seguinte modo o raciocínio abduativo. 1) Observamos C, um fato surpreendente. 2) Mas, se A fosse verdadeiro, C seria natural. 3) Há, portanto, razão de suspeitar que A seja verdadeiro. O raciocínio abduativo liga dentro de si a dedução e a indução: - a dedução é utilizada para forçar as

conseqüências da hipótese A proposta como tentativa de solução do fato surpreendente C; - a indução funciona como verificação experimental do conteúdo da hipótese A, isto é, como controle factual de suas conseqüências. Digno de nota é que aquilo que Peirce chama de fato surpreendente é o problema. Um fato é surpreendente quando se choca contra alguma nossa idéia ou teoria ou expectativa precedente, criando assim o problema.

Amor fati: Esta expressão é usada por Nietzsche para indicar a atitude do super-homem que, com espírito dionisíaco, aceita a vida entusiasticamente em todos os seus aspectos, até nos cruéis. O super-homem não apenas suporta aquilo que é necessário, mas o aceita e o ama. O amor fati é aceitação da vida e do eterno retorno.

Angústia: Por meio da experiência da angústia Heidegger escancara uma característica fundamental da existência autêntica: o ser-para-a-morte, ou seja, a aceitação da morte enquanto possibilidade absolutamente própria, incondicionada e intransponível do homem. A angústia é a experiência que revela ao homem a presença do nada, do nada de sentido, ou, como escreve Heidegger em *Ser e tempo*, da impossibilidade possível de sua existência. A angústia não é medo de perigos e sequer medo da própria morte; ela, muito mais, permite ao homem compreender a impossibilidade da própria existência. Não é lícito, em suma, confundir a angústia com o medo: o medo encontra seu ponto de apoio no ente do qual se toma cuidado dentro do mundo. A angústia, ao contrário, brota do próprio ser-aí. O medo chega repentinamente do intramundano. A angústia ergue-se do ser-no-mundo enquanto ser-para-a-morte. Temos medo

de alguma coisa; angustiamo-nos de nada. E na angústia se ergue a voz da consciência que convoca à aceitação da própria finitude; enquanto a existência anônima e banal não tem a coragem da angústia diante da morte.

Auto-conceito (conceptus sui): É o verdadeiro único conceito da realidade múltipla, o conceito do sujeito centro de todas as coisas, enquanto a multiplicidade de conceitos das coisas não pode ser senão o esboço superficial de um núcleo que é um conceito só. O autoconceito é atividade, entendida como formalismo absoluto, que absorve inteiramente toda a matéria; em sua auto-realização e autoconhecimento implica três momentos dialéticos: 1) a realidade do sujeito, puro sujeito; 2) a realidade do objeto, puro objeto; 3) a realidade do espírito, como unidade ou processo do pensamento, e a imanência do sujeito e do objeto no espírito.

Círculo hermenêutico: O intérprete é um indivíduo que no decorrer de sua vida absorveu (da linguagem comum, das leituras, de conversas, do que ouviu de outros, dos professores etc...) um patrimônio cultural, talvez reelaborando-o aqui e ali. Este patrimônio é aquilo que Gadamer chama de Vor-verständnis ou pré-compreensão; pré-compreensão entendida como tecido das idéias, pressuposições, teorias, mitos, etc..., tecido, portanto, de Vor-urteile ou pré-conceitos (entendendo este último termo sem a conotação depreciativa atribuída pelos iluministas). Pois bem, o intérprete coloca-se diante do texto com sua pré-compreensão e, com base no sentido mais imediato que o texto lhe exhibe, ele esboça preliminarmente um significado do todo, ou seja, esboça uma

primeira interpretação sua. Este projeto inicial, porém, pode ser revisto se não encontrar confirmação no texto e no contexto, isto é, caso se choque com alguma parte de texto ou de contexto. Com efeito, quem procura compreender está exposto aos erros derivados de pré-suposições que não encontram confirmação no objeto. E se é isso que ocorre, será preciso então propor outro projeto de sentido, que, por sua vez, será criado sobre o texto e sobre o contexto. E assim por diante, uma vez que a tarefa hermenêutica é tarefa possível e infinita. Tarefa permanente da compreensão é a elaboração e a articulação de projetos corretos, adequados, os quais, como projetos, são antecipações que podem comprovar-se apenas em relação ao objeto [...]. O que é que distingue as pré-suposições inadequadas senão o fato de que, desenvolvendo-se, estas se revelam inconsistentes? O procedimento descrito é, exatamente, o círculo hermenêutico: a compreensão de um texto realiza-se propondo hipóteses sobre aquilo que o texto diz, sobre seu significado ou mensagem; hipóteses a serem colocadas no crivo sobre o texto e o contexto; e se nossa interpretação se choca com o texto ou o contexto, isto é, se for contradita por alguma parte do texto ou do contexto, devemos propor outra, e assim por diante, teoricamente ao infinito, mesmo que na prática nos detenhamos, vez por outra, na interpretação que parece adequada, de acordo com os fatos conhecidos.

Conhecimento intuitivo: É o conhecimento do individual e é objeto da estética de Croce. O conhecimento intuitivo é perfeitamente autônomo, não redutível às outras três categorias do espírito (lógica, econômica, ética), e é constitutivo da arte. A arte, portanto, é

intuição em que todo outro elemento presente é subsumido no elemento intuitivo geral como parte integrante. A atividade intuitiva, além disso, é essencialmente e necessariamente expressão.

Dejeção: Com este conceito Heidegger entende a queda do homem no plano das coisas do mundo, ou seja, a queda da existência ao nível da inautenticidade e da banalidade das vicissitudes quotidianas. O estado da dejeção é aquele em que a existência se distancia de si, esconde a si mesma sua possibilidade própria (que é a da morte) e se abandona ao modo de ser anônimo que se caracteriza pela tagarelice, pela curiosidade e pelo equívoco.

Demitização: É um termo que o pensamento teológico contemporâneo deve a Rudolf Bultmann, para o qual a mítica é uma narração de acontecimentos em que intervêm forças ou pessoas sobrenaturais ou sobre-humanas. Ora, a mensagem cristã é, segundo Bultmann, mensagem sempre atual, mas que tem necessidade de ser demitizada, no sentido de que ela, para captar sua autenticidade, deve ser despojada das representações mitológicas nas quais foi expressa na pregação primitiva, e que chocam a mentalidade científica dos homens de nossos dias.

Dialética: A dialética é definida por Gentile como ciência das relações conceituais. Há duas formas de dialética, absolutamente inconciliáveis: a) a dialética antiga, de tipo platônico, que é a dialética do pensado, porque considera as idéias como objetos que são diferentes em relação ao pensamento e o condicionam; b) a dialética moderna, nascida da reforma kantiana, que é a dialética do pensar,

isto é, da própria atividade do pensamento que pensa. E enquanto a dialética antiga é dialética da morte, porque a realidade aí se encontra como determinada para a eternidade, a dialética moderna, que encontra em Hegel sua expressão mais madura, mas ainda não perfeita, é a dialética da vida, porque constitui o processo do real e o processo do real não é mais concebível a não ser como a história do pensamento. Para Gentile a dialética é a dialética do autoconceito.

Desencantamento do mundo: O desencantamento do mundo é, para Max Weber, o resultado do processo de intelectualização ao qual estivemos submetidos há séculos. O significado profundo desta progressiva intelectualização e racionalização consiste, na opinião de Weber, na consciência ou na fé que basta apenas querer para poder; toda coisa, em linha de princípio, pode ser dominada pela razão. O que significa o desencantamento do mundo. Não é preciso mais recorrer à magia para dominar ou para agradar os espíritos, como faz o selvagem, para o qual existem tais poderes. A isso suprem a razão e os meios técnicos. Em um mundo assim desencantado, a tensão entre a esfera dos valores da ciência e a da salvação religiosa é incurável.

Duração: Este é o conceito fundamental da filosofia de H. Bérgrson. O tempo mensurável da ciência é o tempo da mecânica, ou seja, um tempo espacializado, como o tempo do relógio, que é um conjunto de posições dos ponteiros sobre o quadrante; este é um tempo reversível, no sentido de que em um fenômeno mecânico é possível voltar atrás e partir novamente do início; no tempo da mecânica cada momento é externo ao outro, é igual ao outro: um instante segue o

outro e nenhum instante é diferente, mais intenso ou mais importante que o outro. O tempo da experiência concreta é uma coisa bem diferente do tempo da mecânica. E isso porque o tempo concreto é uma duração vivida, irreversível, nova a cada instante [...] (V. Mathieu). A consciência capta imediatamente o tempo como duração. E duração quer dizer que o eu vive o presente com a memória do passado e a antecipação do futuro. A imagem adequada do tempo concreto da consciência é a de um novelo de fio que cresce, conservando a si próprio na vida da consciência; com efeito, nosso passado nos segue e aumenta sem trégua com o presente que recolhe ao longo da estrada. E isso enquanto a concepção espacializada do tempo encontra uma boa comparação na imagem de um colar de pérolas, todas iguais e externas umas às outras.

Epoché: É um termo grego que quer dizer suspensão de consentimento: suspensão do consentimento ou do juízo típica atitude do ceticismo antigo e, particularmente, de Pirro. Dentro do pensamento contemporâneo, a epoché é conceito fundamental da fenomenologia de Husserl. A epoché é a suspensão, a colocação entre parênteses, das convicções científicas ou filosóficas, ou também das crenças do senso comum que não resistem à dúvida, que não são indubitáveis, que não exibem a marca da certeza incontestável. Tais idéias e crenças atacáveis pela dúvida são colocadas entre parênteses no sentido de que uma filosofia rigorosa não pode basear-se sobre elas. Em cada caso, o procedimento da epoché entra em função com o objetivo de atingir uma fonte de certeza qualquer. E isso Husserl encontra na consciência, na subjetividade. A consciência não pode ser posta entre parênteses.

Sua existência brilha com a mais inabalável evidência. Ela é a realidade que nulla re indiget ad existendum (= não precisa de nada para existir); a consciência constitui o mundo.

Escatologia: O termo (do grego éschata = as coisas últimas) indica, no pensamento cristão, a parte da teologia dogmática em que se tratam os novíssimos: morte, juízo, inferno e paraíso. No antigo testamento as expectativas escatológicas foram expressas nos livros de Isaías, Daniel, Ezequiel e Zacarias. No cristianismo a ressurreição de Cristo se tornou o evento escatológico que marca a vitória sobre a morte, na espera do advento do reino com a segunda vinda de Cristo. Os primeiros cristãos acreditavam que a segunda vinda de Cristo seria iminente. E, dado que isso não aconteceu, os trechos escriturísticos que falam de um fim dos tempos muito próximo foram reinterpretados diversamente, em chave alegórica, por exemplo. Na tradição teológica, a escatologia foi identificada, como dissemos, com a tratação dos novíssimos. Na teologia contemporânea o interesse pela questão escatológica é muito vivo, especialmente entre os teólogos da esperança. O tema foi estudado principalmente por Jürgen Moltmann.

Existensivo – existencial: Este par de conceitos heideggerianos é explicado da maneira seguinte por Gianni Vattimo, fino intérprete de Heidegger: Os adjetivos existensivo e existencial (existenziell e existenzial) aludem à distinção entre o problema da própria existência (são existensivos os problemas concretos que encontramos para resolver dia a dia em todos os níveis [...]) e o problema da existência que se põe em nível reflexo, poderemos dizer o problema sobre a

existência. Nas palavras de Heidegger: O problema da existência não pode ser posto claramente a não ser no próprio existir. A compreensão de si mesmo que serve de guia neste caso nós a chamamos de existensiva. [...] O problema a respeito dela [a existência] focaliza, ao contrário, a discussão daquilo que constitui a existência. Ao conjunto dessas estruturas damos o nome de existencialidade. A analítica dela não tem o caráter de uma compreensão existensiva, mas o de uma compreensão existencial.

Falibilismo: Este é um termo que freqüentemente se usa para indicar a concepção da ciência de Peirce. É o próprio Popper – o teórico por excelência do falibilismo em nosso século – que afirma: Esta expressão (falibilismo), pelo que eu saiba, encontra-se pela primeira vez em Charles Sanders Peirce. E Peirce diz: O falibilismo é a doutrina segundo a qual nosso conhecimento jamais é absoluto, mas nada sempre, por assim dizer, em um continuum de incerteza e de indeterminação. Não podemos estar absolutamente certos de nada. Há três coisas que jamais podemos esperar obter por meio do raciocínio, isto é, a certeza absoluta, a exatidão absoluta, a universalidade absoluta. É interessante notar que, bem antes de Popper, Peirce usou não só o termo falibilismo e o conceito de refutação, mas também o termo-conceito da falsificação como oposto de verificação: a proposição hipotética pode, portanto, ser falsificada por um estado de coisas particular.

Filosofia das formas simbólicas: Eis como Cassirer, no Ensaio sobre o homem, esclarece a tarefa de uma filosofia das formas simbólicas. A característica principal do homem, aquilo que o

distingue, não é sua natureza física ou metafísica, e sim sua obra. É essa obra, isto é, o sistema das atividades humanas, que decifra e determina a esfera da humanidade. A linguagem, o mito, a religião, a arte e a história são os elementos constitutivos dessa esfera, os setores que ela compreende. Assim, uma filosofia do homem deveria ser uma filosofia que faça conhecer a fundo a estrutura fundamental de cada uma destas atividades humanas e que ao mesmo tempo forneça o modo de entendê-las como um todo orgânico. Nas formas simbólicas – linguagem, arte, religião, ciência – o homem descobre e demonstra um novo poder, o poder de construir um mundo próprio, um mundo ideal. Nas formas simbólicas a análise filosófica é chamada a descobrir o homem: pelos seus produtos o reconheceréis.

Hassidismo: Com este termo (de hassid, hebraico, que significa piedoso) indica-se o movimento místico-popular judaico que, embora presente em séculos anteriores em outros países, teve influência notável e amplo seguimento na Europa oriental – Podólia, Volínia, Galícia, Ucrânia – a partir do século XVIII. Na Podólia o movimento foi iniciado por Israel Ben Eliezer (ca. De 1700-1760), chamado de Baal Shem Tov (senhor de nome bom). A mística difundida pelo Baal Shem é mística popular, compreensível a homens e mulheres comuns, e centrada sobre a figura carismática do *çaddiq* (o santo ou o justo), que leva consigo os pecadores até a união com Deus. Ênfase sobre a salvação pessoal, apego a Deus em toda ação da vida, oposição à fuga do mundo: são estas algumas características do hassidismo. Existem em nossos dias grupos hassídicos, e o mais conhecido deles é o hassidismo Kabod que, ao lado do aspecto

especulativo, de modo nenhum descurou a atividade educativa e social.

Hegemonia (teoria da hegemonia): Com esse conceito Gramsci denota a capacidade de direção que – graças à própria organização, à sua própria superioridade moral e intelectual – uma classe que aspira ao poder fará valer com o fim de obter o necessário consenso, que fará com que ela se torne classe dominante. E uma classe jamais poderá ser dirigente e depois dominante sem organizar-se; e não há organização sem intelectuais, ou seja, sem organizadores e dirigentes, isto é, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas especializadas na elaboração conceitual e filosófica. Essas pessoas especializadas na elaboração conceitual e filosófica são os intelectuais orgânicos, os quais dão ao proletariado a consciência de sua missão histórica e, ao mesmo tempo, as armas que permitirão a ele conquistar as várias instituições da sociedade civil (imprensa, escola, sindicatos etc...), até que a cidadela de comando caia em mão socialista.

História: A história não é crônica, nem arte, nem retórica, mas é o verdadeiro conhecimento do real, ou seja, a síntese a priori entre intuição e categoria, e a síntese a priori, que é a concretude do juízo individual e da definição, é ao mesmo tempo a concretude da filosofia e da história. Para Croce, portanto, filosofia e história coincidem, a história é o verdadeiro conhecimento do universal concreto, e não só todo juízo histórico é conhecimento, mas o conhecimento histórico é todo o conhecimento. As características fundamentais da história

são: a) a atualidade, razão pela qual toda história é história contemporânea, juízo histórico que revive e se atua no presente do espírito; b) a necessidade, mas não em sentido mecanicista nem em sentido transcendente, e sim como racionalidade imanente; c) o efeito catártico, porque conhecer historicamente o passado significa resgatar-se e libertar-se dele; d) a relação de pensamento e ação, porque o conhecimento histórico é, ao mesmo tempo, estimulador de ação e estimulado pela ação.

História dos efeitos (Wirkungsgeschichte): Este é um conceito de importância fundamental na teoria da hermenêutica proposta por Gadamer. Escreve Gadamer: Uma hermenêutica adequada deveria esclarecer a realidade da história também no próprio compreender. Uma obra de arte, um romance, uma teoria científica têm sua sorte, produzem seus efeitos, proíbem algumas direções de pesquisa, desenvolvem outras, entrecruzam-se com algumas outras tradições etc... Isso nos faz entender que um objeto a interpretar não nos é dado em sua imediatez, mas o enfrentamos à luz da história dos efeitos. A *Ilíada* e a *Odisséia* são obras pesquisadas dentro dos desenvolvimentos da questão homérica, ou seja, dentro de interpretações e discussões doravante imprescindíveis da pesquisa sobre Homero. Por seus frutos os reconheceréis: está é uma idéia que vale também para a teoria da interpretação. Aqui está a razão pela qual nos é bastante difícil falar de um romance recentemente publicado ou de um novo movimento artístico; enquanto sabemos mais do Barroco, e compreendemos – à luz da história dos efeitos – A origem das espécies de Darwin muito melhor do que o próprio Darwin. Ainda Gadamer: A consciência histórica deve tomar

consciência do fato de que na pretensa imediatez com a qual ela se põe diante da obra ou do dado histórico, age também sempre, embora inconsciente e, portanto, não controlada, esta estrutura da história dos efeitos. Quando nós, pela distância histórica que caracteriza e determina em seu conjunto nossa situação hermenêutica, nos esforçamos para compreender determinada manifestação histórica, estamos já sempre submetidos aos efeitos da Wirkungsgeschichte. Por conseguinte: a distância temporal que separa o intérprete da obra ou do fato histórico a interpretar não é de modo nenhum um impedimento para a compreensão da obra ou do fato histórico, podendo ela, ao contrário, oferecer instrumentos para uma interpretação melhor. Para uma obra de arte ou uma teoria científica, ocorre o mesmo que para uma pessoa: não se pode julgar, não se entende uma pessoa a partir de uma primeira impressão, é preciso tempo, devemos ver as ações dessa pessoa em diversas situações, é preciso observar seus comportamentos e prestar atenção em suas palavras; examinar o modo com que enfrenta e procura resolver os problemas, refletir sobre escolhas difíceis etc...; E só então se poderá dizer algo sobre tal pessoa, e não de modo definitivo.

Historicismo: A primeira acepção atribuída a este termo é a de que a realidade é história e esta história é guiada por alguma lei necessitante. Uma doutrina desse tipo encontra-se em Hegel: é o historicismo absoluto. Com a teoria dialética invertida, Marx propôs um historicismo materialista. A história é desenvolvimento de eventos; e existe uma lei que determina o seu curso. Entendendo o historicismo nessa acepção – isto é, como a pretensão de ter

captado as leis que determinam o desenvolvimento da história humana em sua totalidade –, Karl Popper o tornou objeto de suas devastadoras críticas, enquanto prova que é impossível a previsão do futuro e que, portanto, é ilusório crer ter chegado à posse de leis inelutáveis no curso da história humana. Há também um historicismo fideísta, como o proposto, entre outros, por Meinecke e por Troeltsch, para os quais na história agem valores transcendentais aí inseridos por Deus. Este é um historicismo metafísico, ou melhor, teológico. Como metafísico, embora em uma direção completamente diversa, o historicismo relativo é defendido por Oswald Spengler, para o qual toda civilização é um organismo, uma configuração compacta e fechada, com sua moral, sua filosofia e seu direito próprios: Há tantas morais – afirma Spengler – quantas são as civilizações, nem mais nem menos. Diferentes dos agora acenados são os problemas discutidos pela corrente de pensamento denominada historicismo crítico, problemas que se referem, kantianamente, às condições de possibilidade, autonomia e validade das ciências histórico-sociais. Dilthey discute sobre a diferença entre ciências da natureza e ciências do espírito, e no fim encontra na relação entre Erleben, expressão, e Verstehen, entender, a característica essencial do mundo humano e ao mesmo tempo o fundamento das ciências do espírito. Windelband, e com ele Rickert, traça a importante distinção entre ciências nomotéticas e ciências idiográficas. Weber delinea a teoria do tipo ideal, discute sobre o peso das diversas causas particulares de um evento, intervém com extrema clareza sobre o problema da avaliabilidade nas ciências histórico-sociais, des-dogmatiza o materialismo histórico. E problemas que atravessam o historicismo crítico são o da referência

aos valores, o do Verstehen (compreender) em oposição ao Erklären (explicar causalmente), o da empatia (e de suas críticas), e outros ainda. Mas o que foi dito é suficiente para estabelecer a diversidade específica do historicismo crítico de outros tipos de historicismo, com os quais, por outro lado, pouco a pouco ele entrou em contato.

O homem-massa: Em *A rebelião das massas*, Ortega nos apresenta um perfil penetrante do homem-massa. Este é o personagem típico do tempo de crise. É um bárbaro vertical, que recusa trâmites, normas, cortesia, hábitos intermediários, justiça, razão e que, diante do universo cultural, se pergunta: Como é que se criou tanta complicação? O homem massa declara caídas as regras da cultura; pesam-lhe demasiadamente e vê em sua abolição a licença para jogar tudo às urtigas e para deixar a libertinagem à solta. Mas de onde vem o homem-massa? O século XIX introduziu uma inovação radical no destino humano. Criou-se novo cenário para a existência do homem, novo materialmente e civilmente. Três princípios tornaram possível esse mundo novo: a democracia liberal, a experiência científica e a industrialização. Os últimos dois podem se resumir em um, a técnica. Nenhum destes princípios foram descobertos pelo século XIX; ao contrário, provêm dos dois séculos anteriores. O erro do século XIX não consiste em sua descoberta, e sim em sua introdução. No passado, também para o rico e para o poderoso, o mundo era um âmbito de pobreza, dificuldade, perigo. A situação de hoje, porém, é bem diferente. O mundo que desde seu nascimento circunda o homem é um mundo rico, que não conhece mais as privações de um tempo. Mas é justamente aqui que a razão caiu em grande ilusão. Em vez de tornar o homem consciente dos

benefícios e das vantagens da nova sociedade, em vez de fazer refletir sobre os esforços gigantescos dos quais a nova ordem nasceu e sobre os esforços necessários para mantê-lo em vida, irresponsavelmente fez acreditar que qualquer coisa é possível. Nasceu assim o homem-massa, um menino viciado, cujo diagrama psicológico caracteriza-se pela livre expansão de seus desejos vitais, isto é, de sua pessoa, e absoluta ingratidão para com tudo o que tornou possível a facilidade de sua existência.

Instrumentalismo: Com este termo John Dewey quis distinguir seu pragmatismo do de James. Para Dewey a lógica é a teoria da pesquisa; e toda pesquisa tem como resultado um instrumento para ação. Os conhecimentos levam, com efeito, a modificações nas condições de fato e, portanto, são planos de operações sobre a realidade, instrumentos teóricos de aspecto prático: não há nada mais prático do que uma boa teoria. As idéias que têm sucesso são instrumentos de solução dos problemas (teóricos e práticos). Em a Busca da certeza (1930) Dewey escreve: A essência do instrumentalismo pragmático está em conceber tanto o conhecimento como a prática como meios para tornar seguros, na existência experimentada, os bens, isto é, as coisas excelentes de qualquer espécie. Toda pesquisa é a proposta de idéias e projetos para passar de uma situação de dúvida para uma situação coerente, ordenada, harmoniosa. A inteligência é constitutivamente operativa, uma máquina que cria sem cessar instrumentos para nos adaptarmos aos problemas que continuamente emergem de um ambiente mutável.

Método da imanência: É o método feito justamente por Maurice Blondel, Lucien Laberthonnière – e não só por eles – para construir uma apologética da fé cristã; apologética que, tornando aguda a consciência da natureza finita e constitutivamente insatisfeita do homem, mostra que o divino é imanente no homem, pelo menos sob a forma de aspiração ou exigência. Blondel: Querer tudo aquilo que queremos com plena sinceridade de coração é pôr em nós o ser e a ação de Deus. Laberthonnière: É na natureza humana que encontramos de novo as exigências do sobrenatural.

Neocriticismo (ou neokantismo): Com neocriticismo ou neokantismo entende-se a volta a Kant da filosofia alemã – e não apenas alemã – por volta da metade do século XIX. Tal volta a Kant implica uma crítica decisiva tanto do positivismo como do idealismo e uma reabilitação da tarefa da filosofia já fixada por Kant, tarefa que consiste na análise das condições de validade da ciência e dos outros produtos humanos como a moral, a arte, a religião. O neokantismo é um movimento de pensamento que se orientou em mais de uma direção. Eis como Nicola Abbagnano delinea os traços comuns das correntes do neocriticismo: 1. A negação da metafísica e a redução da filosofia a uma reflexão sobre a ciência, isto é, a uma teoria do conhecimento; 2. A distinção entre o aspecto psicológico e o aspecto lógico-objetivo do conhecimento [...]; 3. A tentativa de remontar das estruturas da ciência, tanto a da natureza como a do espírito, para as estruturas do sujeito que a tornariam possível.

Ôntico – ontológico: Ainda Gianni Vattimo: O termo ôntico constitui com ontológico um par de conceitos paralelo a extensivo-

existencial, mesmo que os significados não se sobreponham completamente. Ôntica é toda consideração, teórica ou prática, do ente que para nas características do ente como tal, sem colocar em questão seu ser; ontológica, ao contrário, é a consideração do ser que focaliza o ser do ente. Nas palavras de Heidegger: a descrição do ente intramundano é ôntica; a interpretação do ser deste ente é ontológica. Procurando ser ainda mais claros: a descrição dos objetos efetuada, por exemplo, pela ciência é uma descrição ôntica; o discurso sobre o sentido da realidade e da própria ciência é questão ontológica.

Personalismo: Dentro do pensamento contemporâneo o termo personalismo foi introduzido em 1903 por Charles Renouvier (1815-1903) para indicar uma concepção filosófica – a própria – para salvaguardar os direitos, ou seja, a dignidade e o valor, da pessoa humana em relação a panteísmo da filosofia idealista alemã e do naturalismo positivista francês. Com Emmanuel Mounier – e a contribuição de pensadores reunidos em torno da revista *Esprit* (que começa a sair em 1932) – o personalismo caracteriza-se pela fusão do momento personalista (independência, liberdade, responsabilidade, crescimento da pessoa humana) com o comunitário (solidariedade); em claro e declarado contraste com a subversão da ordem econômica que seria o capitalismo, e com a negação da pessoa que seria o coletivismo totalitário marxista.

Proposição atômica: Esta é uma idéia central do *Tractatus lógico-philosophicus* de Wittgenstein. Eis como Bertrand Russell, em sua *Introdução ao Tractatus*, esclarece tal idéia: Nós podemos explicar-

nos, dizendo que os fatos são aquilo que torna as proposições verdadeiras ou falsas. Os fatos podem conter, ou não conter, partes que são elas próprias fatos. Por exemplo: Sócrates foi um sábio ateniense consiste de dois fatos: Sócrates foi um sábio, e Sócrates foi um ateniense. Um fato, que não tenha partes que sejam fatos, é chamado por Wittgenstein um Sachverhalt, um fato atômico. Um fato atômico, embora não contendo partes que são fatos, todavia contém partes. Se podemos considerar Sócrates é sábio um fato atômico, percebemos que ele contém os constituintes Sócrates é sábio. [...] O mundo é descrito completamente se forem conhecidos todos os fatos atômicos. [...] Uma proposição (verdadeira ou falsa) que afirma um fato atômico, denomina-se de proposição atômica. Todas as proposições atômicas são logicamente independentes uma da outra. Nenhuma proposição atômica implica outra. Assim, toda a questão da inferência lógica refere-se a proposições que não são atômicas: as proposições moleculares.

Regra pragmática: Proposta por Peirce, a regra pragmática representa uma rigorosa navalha de Ockam para estabelecer o significado de um conceito. Escreve Peirce: Um conceito, isto é, o significado racional de uma palavra ou de outra expressão, consiste exclusivamente em seus reflexos concebíveis sobre a conduta de vida; de modo que, a partir do momento que obviamente nada daquilo que pode não resultar do experimento possa ter um reflexo direto qualquer sobre a conduta, se alguém pode acuradamente definir todos os fenômenos experimentais concebíveis que a afirmação ou a negação de um conceito podem implicar, terá, por conseguinte, uma definição completa do conceito, e nele não há

absolutamente outra coisa. O significado de um conceito define-se em termos de efeitos concebíveis; estes equivalem à ação possível: uma crença é uma regra de ação, implica um hábito. Com efeito, nossa ação refere-se exclusivamente àquilo que atinge nossos sentidos, nosso hábito tem o mesmo alcance que a ação, a crença tem o mesmo que o hábito e o conceito o mesmo que a crença. Com toda clareza, é impossível que tenhamos uma idéia em nossa mente que se refira a outra coisa a não ser aos concebíveis efeitos sensíveis das coisas. Nossa idéia de uma coisa é a idéia de seus efeitos sensíveis, e se imaginamos ter outra, enganamos a nós mesmos. A regra pragmática liga o pensamento de Peirce ao neopositivismo e, sobretudo, ao operacionismo de Bridgman.

Ressentimento: O conceito de ressentimento, na reflexão moral, encontra-se na Genealogia da moral. Para Nietzsche o ressentimento está na base da moral dos escravos, isto é, dos fracos e mal-sucedidos impotentes que traduzem – travestem – em idéias morais seu ódio contra tudo àquilo que é alegria, beleza, força, saúde, contra aquilo que não são ou que não têm. A moral dos ressentidos configura-se como instrumento de domínio dos fracos sobre os fortes; é vontade de aniquilação da moral dos senhores, isto é, da moral cujos valores são a força, a alegria, a saúde. A moral cristã, para Nietzsche, é a típica moral dos escravos: humildade, piedade, compaixão, são valores antivitalis, prédicas de quem, não podendo dar maus exemplos, dá bons conselhos. É do ódio dos mal-sucedidos que surge sua moral, a moral dos escravos, isto é, dos ressentidos. Trabalhando na química das idéias, Nietzsche chega à conclusão de que também valores éticos

propostos como sacrossantos são apenas máscaras do ódio, da inveja e do ressentimento. Na genealogia da moral, ele escreve: A revolta dos escravos, na ética contemporânea, começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores; o ressentimento dos indivíduos aos quais é negada a verdadeira reação, aquela ação e que, portanto, só encontram compensação em uma vingança imaginária.

Sionismo: Designa-se com este termo o movimento cultural e político hebraico, nascido pela metade do século XIX, que tende à volta na e à reapropriação da terra de Israel, como traços constitutivos da identidade do povo judeu. Foi Moses Hess (1812-1875) que lançou a idéia de uma volta à terra de Israel em seu livro Roma e Jerusalém (1862). Em todo caso, o sionismo assumiu a consistência de um movimento e de um projeto com a obra de Theodor Herzl (1860-1904) e o primeiro congresso de Basiléia (1897). O projeto sionista se desenvolveu em mais de uma direção: sionismo socialista; sionismo espiritual; sionismo religioso; sionismo sintético. O sionismo encontrou a oposição tanto no judaísmo assimilado em outras nações como na ortodoxia que considera a diáspora como essencial à condição hebraica.

Super-homem (Übermensch): Com este termo Nietzsche designa sua mensagem a respeito do homem novo que deve vir, que quebrará as velhas cadeias e criará um sentido novo da terra. O homem deve inventar o homem novo, exatamente o super-homem, o homem que vai além do homem, um homem que – voltando as costas para as quimeras do céu – voltará para a sanidade da terra,

um homem cujos valores são a saúde, a vontade forte, o amor, a embriaguez dionisíaca e um novo orgulho. Um novo orgulho – diz Zaratustra – me ensinou o meu Eu, e eu o ensino aos homens: não mais escondam a cabeça na areia das coisas celestes, mas levem-na livremente: uma cabeça terrestre, que cria ela própria o sentido da terra. O super-homem enfrenta a vida aceitando-a com amor fati, anuncia a morte de Deus e a transmutação de todos os valores de que a tradição nos carregou. O super-homem é o homem que reconquistou o espírito de Dionísio. Houve intérpretes que viram no super-homem de Nietzsche o fulcro da idéia nazista da superioridade da raça ariana e, em Nietzsche, portanto, um profeta do nazismo, mas tais interpretações são erradas. Foi a irmã de Nietzsche, Elisabeth Förster-Nietzsche, curadora dos escritos do irmão e fatora da idéia de uma palingenesia universal a ser confiada à nação alemã, que interveio pesadamente sobre as páginas manuscritas de A vontade de poder (obra que Nietzsche não conseguiu levar a termo), fazendo aparecer o irmão como negador do humanitarismo e da democracia. Eis dois pensamentos de Nietzsche sobre o Estado: Estado se chama o mais frio de todos os monstros. O Estado é um ídolo que cheira mal: Seu ídolo cheira mal – o monstro frio – e todos estes adoradores do ídolo cheiram mal [...]. Apenas onde o Estado deixa de existir começa o homem não inútil. Nietzsche faz Zaratustra dizer essas coisas. E no Crepúsculo dos ídolos (1888) temos: A cultura e o Estado são antagonistas.

Teoria crítica da sociedade: É a teoria proposta e desenvolvida pela Escola de Frankfurt, contrária ao tipo de trabalho da sociologia empírica americana. Para os de Frankfurt (Adorno, Horkheimer,

Marcuse etc.), a sociologia não se reduz nem se dissolve em pesquisas setoriais e especializadas, em pesquisas de mercado (típicas, estas, da sociologia americana). A pesquisa social para eles é, ao contrário, a teoria da sociedade como um todo, uma teoria posta sob o signo das categorias da totalidade e da dialética, e dirigida ao exame das relações existentes entre os âmbitos econômicos, psicológicos e culturais da sociedade contemporânea. Tal teoria é crítica enquanto dela emergem as contradições da sociedade industrializada moderna e particularmente da sociedade capitalista. Para maior precisão: o teórico crítico é o teórico cuja única preocupação consiste em um desenvolvimento que leve a uma sociedade sem exploração. O primeiro trabalho importante da escola de Frankfurt é o volume coletivo Estudos sobre a autoridade e sobre a família (1936): a família – assim como a escola ou as instituições religiosas – vista aqui como trâmite da autoridade e da inserção desta na estrutura psíquica dos indivíduos. Um trabalho análogo será sucessivamente projetado na América: seus resultados estão publicados no volume A personalidade autoritária.

Tipo ideal: No contexto das reflexões metodológicas de Max Weber, a do tipo ideal é uma idéia destinada a funcionar como instrumento heurístico, com a finalidade de uma determinação e maior rigorização dos conceitos utilizados nas pesquisas histórico-sociais – conceitos como: seita, capitalismo, ética protestante, cristianismo, cidade comercial na idade média etc... Pois bem, o cientista social metodologicamente hábil constrói modelos ideais-típicos dos fenômenos aos quais estes conceitos se referem, utilizando traços efetivamente existentes de tais fenômenos, acentuando outros

também eles existentes, introduzindo traços talvez inexistentes; construído de tal modo um quadro unitário do fenômeno, ele se aproxima do fenômeno histórico concreto para ver como e quanto a realidade efetiva se aproxima ou se desvia do modelo ideal-típico.

Universal concreto: O universal concreto é o objeto da lógica de Croce, é o conceito puro, cujos elementos são: a) a racionalidade, e não a intuição, o sentimento ou em todo caso algo de imediato; b) a universalidade, que é engastada no particular e não é simples generalidade como a das noções das ciências empíricas; c) a concretude, enquanto ele capta a realidade em sua própria linfa vital e em toda a sua riqueza. O universal concreto é síntese de opostos e, do ponto de vista formal, é único, enquanto a multiplicidade dos conceitos se refere simplesmente à variedade dos objetos que são pensados segundo a forma única; além disso, ele tem o caráter da expressividade, é obra expressa e falada do espírito. O conceito puro não deve ser confundido com as representações empíricas (por exemplo, cão) nem com os conceitos abstratos empregados nas ciências (triângulo etc...), que são pseudoconceitos, porque não correspondem a nada de verdadeiramente universal e real, e, todavia não devem ser eliminados, porque servem para ordenar nossas experiências e agilizar a memória.

DE FREUD À ATUALIDADE

“A gramática universal é um conjunto de princípios, que caracteriza a classe das gramáticas possíveis, preconizando o modo com que são organizadas as gramáticas particulares”. Noam Chomsky

“Minha justiça [...] é a justiça da liberdade, a justiça da democracia; em poucas palavras, a justiça da tolerância”. Hans Kelsen

“O problema fundamental do destino da espécie humana parece-me este: se, e até que ponto, a evolução civil dos homens conseguirá dominar as perturbações da vida coletiva provocadas por sua pulsão agressiva e autodestrutiva”. Sigmund Freud

“Em nossos dias, mais que a ausência ou a morte de Deus, é proclamado o fim do homem”. Michel Foucault

“Quem controla todos os meios estabelece todos os fins”. Friedrich A. von Hayek

“Aquele a quem a boa sorte permitiu cooperar para a construção do edifício da ciência exata, encontrará sua satisfação e íntima felicidade, com o nosso grande poeta Goethe, na consciência de ter explorado o explorável e de ter venerado silenciosamente o inexplorável”. Max Planck

“A ligação entre física e política é a técnica. A política baseia-se no poder, o poder baseia-se nas armas, e as armas na técnica”. Max Born

“No campo daqueles que procuram a verdade não existe nenhuma autoridade humana. Todo aquele que tentar ser o magistrado será envolvido pelas risadas dos deuses”. Albert Einstein

“Tarefa específica da filosofia é a de pesquisar e de esclarecer o sentido das afirmações e das questões”. Moritz Schlick

“Os metafísicos são músicos sem talento musical”. Rudolf Carnap

“Por conceito nós não entendemos mais do que um grupo de operações; o conceito é sinônimo do grupo correspondente de operações”. Percy W. Bridgman

“Não existe verdade sem erro corrigido”. Gaston Bachelard

“A ciência é falível, porque é ciência humana”. Karl Popper

“Todos os cientistas abraçam um novo paradigma para cada tipo de razões, e em geral para diversas razões ao mesmo tempo”. Thomas S. Kuhn

“Que fato novo o marxismo predisse, digamos, a partir de 1917?”
Imre Lakatos

“Há um só princípio que possa ser defendido em todas as circunstâncias e em todas as fases do desenvolvimento humano. É o princípio: qualquer coisa pode servir”. Paul K. Feyerabend

“No meu naturalismo não reconheço nenhuma verdade mais elevada do que a fornecida ou pesquisada pela ciência”. Willard van Orman Quine

“A solidariedade não é descoberta com a reflexão; ela é procurada tornando-se mais sensíveis ao sofrimento e humilhação particulares suportados por outras pessoas desconhecidas”. Richard Rorty

“Não vejo nada neste século que me faça desejar endeusar o homem”. Hilary Putnam

“Nada pode ser justificado; toda coisa pode ser criticada”. William Bartley

“A psicanálise neste momento não está bem de saúde, pelo menos no que se refere a seus fundamentos clínicos”. Adolf Grünbaum

“As desigualdades econômicas e sociais, como as de riqueza e de poder, são justas apenas se produzirem benefícios compensatórios para cada um, e em particular para os membros menos favorecidos da sociedade”. John Rawls

“O Estado mínimo nos trata como indivíduos inviolados, que não podem ser usados pelos outros de certo modo como meios ou objetos ou instrumentos ou recursos; trata-nos como pessoas que

têm direitos individuais com toda a dignidade que daí provém”.

Robert Nozick

“O capitalismo democrático não é o reino de Deus, nem é sem pecado. E, todavia, todos os outros sistemas de economia política até agora conhecidos parecem piores”. Michael Novak

Conceitos fundamentais de Freud à atualidade

Capitalismo democrático: É a forma de sociedade na qual – afirma Novak – três sistemas funcionam como um todo. Esses três sistemas são: uma forma de governo democrático (ou seja, um Estado de direito), uma economia baseada sobre a lógica de mercado, e um pluralismo ético-cultural. Eis, nas palavras do próprio Novak, os três sistemas cuja inter-relação constitui o capitalismo democrático: uma economia prevalentemente de mercado; uma forma de governo respeitosa dos direitos da pessoa à vida, à liberdade e à busca da felicidade; e um sistema de instituições culturais animadas por idéias de liberdade e justiça para todos.

Ciência normal: É a praticada, por exemplo, pelo engenheiro ou pelo médico. É a atividade de pesquisa que não coloca em discussão os assuntos de fundo do paradigma. A ciência normal é uma esforçada e devida tentativa de forçar a natureza dentro das casinhas conceituais fornecidas pela educação profissional.

Complexo de Édipo: Um complexo é um círculo de pensamentos e interesses afetivamente poderosos, como os do menino que concentra sobre a pessoa da mãe seus desejos sexuais e concebe

impulsos hostis contra o pai, considerado como um rival. Complexo edipiano: o nome é tirado da tragédia grega do rei Édipo, que é levado pelo destino a matar seu pai e a tomar como esposa sua mãe. Édipo faz de tudo para fugir da sentença do oráculo e, depois de chegar ao conhecimento de ter cometido, embora involuntariamente, os dois delitos, se pune, cegando-se.

Estado mínimo: No pensamento de Robert Nozick – e hoje, também graças a Nozick, da mais ampla cultura liberal – o Estado mínimo é o Estado reduzido estritamente às funções de proteção contra a força, o furto, a fraude, de execução dos contratos, e assim por diante. A concepção do Estado mínimo orienta-se a defender o indivíduo – os direitos invioláveis dos indivíduos – da ingerência do Estado; é uma defesa da pessoa contra o estatismo. São duas as implicações dignas de nota que Nozick deriva de sua idéia de Estado mínimo: o Estado não pode usar seu aparato coercitivo com o objetivo de fazer com que alguns cidadãos ajudem outros, ou para proibir às pessoas atividades para seu próprio bem ou para sua própria proteção. Ainda: o Estado mínimo é aquele em que os cidadãos que podem pagar as taxas para que a proteção e aplicação dos direitos sejam garantidas para todos.

Estruturalismo filosófico: Em 1916 foi publicado o Curso de lingüística geral de Ferdinand Saussure; e exatamente a partir da concepção da língua como sistema ou estrutura desenvolveu-se no segundo pós-guerra, principalmente na França, um movimento de idéias conhecido como estruturalismo, que conta, entre seus mais famosos representantes, Claude Levi-Strauss para a antropologia

cultural, Jacques Lacan para a psicanálise, Louis Althusser para a análise marxista dos eventos sociais, e Michel Foucault para a filosofia e para a história da cultura. O estruturalismo tem valência filosófica justamente porque teoriza pelo menos dois grandes temas filosóficos: o do eu e o da história. Contra o existencialismo, o subjetivismo idealista e o humanismo personalista – doutrinas que exaltam a centralidade de um eu criativo, livre, responsável, construtor de seu próprio futuro –, os estruturalistas proclamam a morte do homem, e isso em nome de estruturas profanas e inconscientes (econômicas, psicológicas etc.) onívoras em relação ao sujeito. Levi-Strauss escreve em *O pensamento selvagem*: O fim último das ciências humanas não consiste em constituir o homem, mas em dissolve-lo. Igualmente duro é o contraste que opõe o estruturalismo e toda forma de historicismo, em que se exalta o finalismo, a continuidade, o progresso de uma história humana feita ou co-criada, ou em todo caso guiada pelo homem. A história humana, precisará Foucault em *As palavras e as coisas*, é descontínua; não há nenhum progresso, mas apenas sucessão de estruturas epistêmicas. Por outro lado, afirma Levi-Strauss, apenas para um observador que não conheça as regras que guiam o jogo, os eventos históricos parecerão arbitrários e novos. Mas não é assim para quem conhece as regras e as estruturas das quais são geradas as configurações da vida social dos homens e também seus produtos mentais, ou seja, culturais.

Falsificabilidade: As teorias científicas são tais – e distintas de outras teorias como as matemáticas ou as metafísicas – porque passíveis de serem desmentidas, isto é, de serem falsificadas. Por

mais confirmações que possa ter obtido, uma teoria científica é e continua falsificável: jamais se exclui que um fato novo, em um controle posterior, possa contradizer também a teoria melhor consolidada. Eu admitirei certamente como empírico, ou científico, apenas um sistema que possa ser controlado pela experiência. Estas considerações sugerem que, como critério de demarcação, não se deve tomar a verificabilidade, mas a falsificabilidade de um sistema. Em outras palavras: de um sistema científico não exigirei que ele seja capaz de ser escolhido, em sentido positivo, de uma vez por todas, mas exigirei que sua forma lógica seja tal que possa ser evidenciado, por meio de controles empíricos, em sentido negativo: um sistema empírico deve poder ser refutado pela experiência. Uma teoria, para poder ser verdadeira, deve também poder ser falsa. Todo conhecimento científico é hipotético e conjectural.

Filosofia edificante: Diversamente dos filósofos fundacionalistas que presumem poder oferecer sistemas de certezas e de verdades escritas para a eternidade, o filósofo edificante não propõe construções teóricas e argumentações em que se pensa ter capturado verdades definitivas, mas oferece mais sátiras, paródias, aforismos; não oferece uma ciência eterna, destrói em benefício de sua própria geração; está pronto a perscrutar o novo, a comparar e ligar a própria cultura com culturas exóticas; procura arquitetar novos objetivos, novas palavras, novas disciplinas [...]; opõe-se ao congelamento da cultura e à desumanização dos seres humanos, coisas que resultam, a seu ver, da ação de todos os que crêem ser possuidores da verdade absoluta; esforça-se para manter aberta a conversação da humanidade. Em poucas palavras: o da filosofia

edificante é um projeto de educação ou formação – ou melhor, de edificação de nós mesmos ou de outros – dirigido à descoberta de modos de falar novos, melhores, mais interessantes e mais frutuosos.

Filosofia fundacional (fundacionalismo ou fundacionismo): Com filosofia fundacional Rorty – e doravante o termo entrou no léxico dos filósofos contemporâneos – entende as concepções daqueles pensadores que pretenderam da filosofia uma função definitiva da ética e da religião e, sobretudo, do saber científico. Rorty examina o projeto fundacionista a partir de Descartes até chegar à filosofia analítica; também se, com Descartes, a filosofia fundacionalista acaba por compreender grande parte de toda a produção filosófica ocidental. Descartes, segundo Rorty, é o tipo-ideal de filósofo fundacional. E ainda: Devemos ao século XVIII, e em particular a Kant, a noção da filosofia como tribunal da razão pura, que confirma ou rejeita a pretensão da cultura restante. Os neokantianos consolidaram a prática de uma filosofia como disciplina fundacional, cujo objetivo está em garantir a certeza dos fundamentos do conhecimento. Em nosso século, sempre na opinião de Rorty, Russel e Frege propuseram uma filosofia fundacional; e ainda a filosofia analítica, que Rorty considera uma variante posterior da filosofia kantiana, que exhibe os fundamentos do conhecimento em vez da crítica transcendental. A filosofia fundacional é a filosofia daqueles pensadores que crêem poder oferecer teorias eternas como solução de problemas perenes. Rorty afirma que esse tipo de filosofia já chegou ao seu termo. Ele segue Dewey, Wittgenstein e Heidegger no

abandono dos fundamentos. E à filosofia fundacional contrapõe a filosofia edificante.

Holismo (metodológico): Esta é uma idéia já proposta por Pierre Duhem em *A teoria física: seu objeto e sua estrutura* (1906); e depois retomada por Quine em *Os dois dogmas do empirismo*. Essa tese – que hoje é chamada de tese Duhem-Quine – afirma que o controle que é efetuado não é um controle que possa ser feito sobre cada proposição particular, considerada em si e separada de todas as outras. As hipóteses não vivem sozinhas; vivem dentro de aparatos teóricos mais amplos. Escrevia Duhem: O físico não pode jamais submeter uma hipótese isolada ao controle da experiência, mas apenas todo um conjunto de hipóteses. Quine afirma: Nossas proposições sobre o mundo externo submetem-se ao tribunal da experiência sensível não individualmente, mas apenas como um conjunto sólido. E ainda Quine: Todos os nossos assim chamados conhecimentos ou convicções, das mais fortuitas questões de geografia e de história até leis mais profundas de física atômica ou mesmo da matemática pura e da lógica, tudo é um edifício que toca a experiência apenas ao longo de suas margens. Ou, para mudar de imagem, a ciência em sua globalidade é como um campo de força cujos pontos-limite são a experiência. Um desacordo com a experiência na periferia provoca uma reordenação dentro do campo [...]. O holismo semântico – idéia que se encontra, além de Quine, também em Donald Davidson – é a tese conforme a qual um termo ou um enunciado não encontram seu significado isolado, mas apenas dentro de um sistema lingüístico.

Incomensurabilidade: Esta é uma idéia salientada por Thomas Kuhn e com mais força ainda por Paul K. Feyerabend. Não raramente – sustentam esses dois autores – o desenvolvimento da ciência nos põe diante de teorias incomensuráveis, e isso no próprio âmbito da pesquisa. Duas teorias são incomensuráveis quando todas as conseqüências da primeira teoria são diversas e não contraditórias com todas as conseqüências da segunda teoria. Ou seja, são incomensuráveis teorias diferentes em cujos contextos os termos têm significados diferentes e, portanto, indicam objetos diferentes. Entre duas teorias incomensuráveis não podemos estabelecer qual delas seja progressiva em relação à outra. Este seria também o caso, conforme Feyerabend, da física clássica e da teoria da relatividade: propriedades de objetos físicos como formas, massas, volumes, intervalos de tempo etc., não são a mesma coisa nas duas teorias, as quais, justamente, permanecem incomensuráveis. Essa idéia de incomensurabilidade foi combatida por Popper como baluarte do irracionalismo atual.

Inconsciente: É – na teoria psicanalítica de Freud – a parte do aparato psíquico onde foram reprimidos desejos e pulsões dos quais o ego se envergonha e que são mantidos freados pela censura exercida pelo superego (idéias, valores e comportamentos da sociedade mais ampla). Escreve Freud: O núcleo do inconsciente é constituído por representações pulsionais que aspiram descarregar seu próprio investimento, portanto, por movimentos de desejo. É sempre Freud que exemplifica: Para explicar um lapso verbal, vemos obrigados a supor que determinada pessoa tivesse tido a intenção de dizer certa coisa. Adivinhamos isso com certeza pela

perturbação que houve no discurso; mas a intenção não havia ocorrido e, portanto, era inconsciente. E ainda: o inconsciente é a parte obscura, inacessível, de nossa personalidade; o pouco que dela sabemos, nós o aprendemos pelo estudo do trabalho onírico e pela formação dos sintomas neuróticos. Do id nós nos aproximamos com comparações: nós o chamamos de caos, um caldeirão de excitações ferventes. Impulsos de desejo que jamais transpuseram o id, mas também impressões que foram mergulhadas no id pela repressão, são virtualmente imortais, se comportam depois de decênios como se tivessem apenas acontecido. Somente quando se tornaram conscientes por meio do trabalho analítico eles podem ser reconhecidos como passado, ser desvalorizados e privados de sua carga energética, e sobre isso se funda, e não em mínima parte, o efeito terapêutico do tratamento analítico.

Indução eliminatória: O método da indução eliminatória é aquele que, nas pegadas de Bacon e Mill, é aceito e proposto por Adolf Grünbaum como critério de demarcação entre ciência e não ciência. Tal método afirma que um número consistente de instâncias positivas, ou seja, de confirmações de uma hipótese (todos os metais aquecidos se dilatam) – onde se afirma que P (o aquecimento do metal) é causa de M (a dilatação do metal) – não constitui uma verdadeira e própria base de confirmação, caso não se dêem também instâncias de não-P que são não-N, visto que grande número de P que são N não proíbe a existência de não-P que são N. Apenas a união de exemplos de N que são P com exemplos de não-P que são não-N oferece dados probatórios significativos. Assumindo como critério de demarcação entre ciência e não-ciência tal método

de indução eliminatória, Grünbaum pôde declarar, diversamente de Popper, que a psicanálise é científica; mas logo acrescentou que ela, todavia, é má ciência.

Mercado (lógica de, economia de): Fisicamente, o mercado indica o lugar em que se realizam contratações de mercadorias e de serviços; e em consideração da extensão pode ser: do bairro, citadino, regional, nacional, europeu, mundial. Conceitualmente, o mercado ou a economia de mercado é sinônimo de economia confiada à iniciativa privada ou à livre concorrência. Torna-se também sinônimo de economia na qual os consumidores são livres para expressar suas demandas sobre o mercado, e os produtores são livres de satisfazê-las (talvez também de incentivá-las com a publicidade comercial). O mercado é então considerado o instrumento por excelência de toda economia dirigida a satisfazer os gostos individuais, e até os caprichos dos consumidores, em oposição às economias planificadas, onde, ao contrário, as demandas são políticas, os consumos são de preferência públicos (decididos pela administração pública em nome e por conta das famílias), e os próprios produtores são de preferência públicos e monopolistas (S. Ricossa). Deve-se notar que devemos a Hayek a definição mais moderna de mercado como ótimo mecanismo para a coleta e transmissão de informações que, possuídas por milhões de homens, não poderiam ser posse de nenhum centro de decisão: assim o aumento de um preço diz ao mesmo tempo aos consumidores que aquele bem se tornou mais escasso e que, portanto deve ser economizado, e aos produtores que a produção daquele bem se tornou mais conveniente. E eis Mises: O mercado

orienta as atividades dos indivíduos na direção em que servem melhor às necessidades dos próprios semelhantes [...]. É um processo realizado pelas interações dos vários indivíduos que cooperam na divisão do trabalho. As forças que determinam o estado, perenemente mutável, do mercado são os juízos de valor dos indivíduos e as ações dirigidas por seus juízos de valor. O estado do mercado a cada instante é a estrutura do preço [...]. Os preços dizem aos produtores o que, como e em qual quantidade produzir.

Operacionalismo: É a concepção da ciência proposta por P. W. Bridgman em trabalhos clássicos como *A lógica da física moderna* (1927) e *A natureza da teoria física* (1936). Tal concepção sustenta que o significado dos conceitos científicos se reduz a uma operação empírica ou a um conjunto de operações. Em outros termos: por conceito não entendemos mais que um grupo de operações, o conceito é sinônimo do grupo correspondente de operações. Assim, o conceito de comprimento consiste nas operações de medida de um comprimento. Se, depois, o conceito não é um conceito físico e sim matemático, então as operações serão de tipo mental. Enquanto conceitos como os de espaço e tempo absolutos resultarão privados de significado, pelo fato de que não é possível reduzi-los a conjuntos de operações. Os defeitos do operacionalismo são os de um empirismo demasiado rígido; entre seus méritos temos o de ter introduzido um estilo de clareza e de ter desencorajado certa verbosidade filosófica.

Paradigma: Um cientista trabalha dentro de uma comunidade científica. Na comunidade científica hoje se entra por meio do estudo dos manuais; ontem essa função era preenchida pelos clássicos da ciência: a Física de Aristóteles, o Almagesto de Ptolomeu, os Principia de Newton; a Geologia de Lyell, e assim por diante. Tanto os manuais atuais como os clássicos da ciência fornecem aquelas que, na época, são as coordenadas do campo de pesquisa, os princípios de fundo, os experimentos padrões, as aplicações típicas da disciplina, em suma: o paradigma. Escreve Kuhn: Com tal termo quero indicar conquistas científicas universalmente reconhecidas, as quais, por certo período, fornecem um modelo de problemas e soluções aceitáveis para aqueles que praticam certo campo de investigações.

Posição originária: A situação da posição originária é fruto de um experimento arquitetado por John Rawls a fim de tornar plausíveis os critérios de justiça que deveriam informar leis e instituições. Se algum indivíduo implicado na determinação do contrato que deverá ser vigente na futura sociedade soubesse antecipadamente qual será no futuro sua posição ou a de seus amigos, ou então a de seus inimigos, não é inverossímil que tentará a proposta de critérios que seriam vantajosos para si mesmo ou seus amigos, ou que Oxalá fossem desvantajosos para seus inimigos. Justamente para evitar semelhantes inconvenientes, Rawls imagina uma posição originária, caracterizada por um véu de ignorância, na qual ninguém sabe nada de si próprio nem dos outros, nem dos amigos nem dos inimigos; motivo pelo qual a única escolha possível será a que deverá contemplar a todos; chegaríamos, assim, a uma escolha de

princípios universais de justiça, como seriam os dois princípios de justiça propostos por Rawls.

Programa científico de pesquisa: De modo diverso que em Kuhn, para o qual a comunidade científica é, de período em período, hegemônica por um único paradigma, a ciência, segundo Lakatos, se desenvolve em uma competição entre programas de pesquisa rivais. E um programa de pesquisa é uma sucessão de teorias T1, T2, T3, T4, que se desenvolvem de um núcleo central, o qual – enquanto fecundo de previsões que pelo menos em parte verificam – é mantido infalsificável por meio de um *Fiat* metodológico; apenas assim um programa poderá mostrar sua força e sua eventual progressividade em relação a outro programa de pesquisa.

Racionalismo pancrítico: Eis como William Bartley descreve em *Ecologia da racionalidade* os traços característicos do racionalismo pancrítico: Implícitos em um delineamento não justificacionista, são um novo programa filosófico e uma nova concepção da racionalidade. Na nova estrutura conceitual o racionalista é aquele que quer deixar toda asserção e sem dúvida toda sua asserção, compreendendo seus mais fundamentais critérios, objetivos e decisões, e até sua própria posição filosófica de base, abertos à crítica; aquele que não protege nada da crítica por meio de justificações irracionais; aquele que jamais trunca uma discussão ou uma argumentação recorrendo à fé ou a um compromisso irracional para justificar qualquer crença exposta ao fogo de uma severa crítica; aquele que não está comprometido, ligado ou habituado a nenhuma posição particular. Chamo essa concepção de racionalismo

pancrítico. O racionalismo pancrítico difere do racionalismo radical ou pan-racionalismo (por exemplo, de Descartes, Locke, Hume, Kant etc.), porque abandonou o ideal de uma justificação última e definitiva, encontrada no cogito, nas sensações, nas categorias a priori etc. E difere também do racionalismo crítico de Popper, o qual sustentou que por trás da racionalidade da ciência existe a escolha irracional da razão, ou seja, a decisão de dar importância à argumentação e à experiência. Ainda Bartley: Se for realmente abandonado todo tipo de justificação – tanto racional como irracional – então não há nenhuma necessidade de justificar uma posição que é racionalmente injustificável. Uma posição pode sem dúvida ser sustentada racionalmente sem nenhuma necessidade de deve-la justificar – contanto que não seja imune a críticas e sobreviva aos controles mais severos. O problema de o quanto uma posição possa ser bem justificada é completamente diverso do problema de quanto seja criticável e de quanto possa ser bem criticada.

Realismo interno: Quando descrevemos a realidade, nós a descrevemos, isto é, falamos dela, sempre dentro de uma teoria: está aqui, justamente, o núcleo do conceito de realismo interno. A pergunta Quais são os objetos reais? Não tem nenhum sentido se a quisermos fazer valer independentemente de toda escolha conceitual. É certo que falamos de fatos; mas falar de fatos, sem ter especificado em qual linguagem estamos falando, é falar de nada; a palavra fato não tem um uso fixado pela realidade em si mais do que o tenha a palavra existe ou a palavra objeto. O realismo interno leva consigo traços kantianos, como o primado teórico, mas de Kant elimina a coisa em si e o absoluto das categorias.

Revolução científica: Chegar a conhecer porque uma espécie biológica desapareceu; encontrar uma vacina para uma doença antes incurável; descobrir nova partícula elementar: são descobertas no interior de diferentes paradigmas. Temos, ao contrário, uma revolução científica quando o velho paradigma é substituído por um novo paradigma; o caso exemplar de revolução científica é a copernicana, em que a concepção geocêntrica é substituída pela heliocêntrica.

Ruptura (coupure) epistemológica: Este é um conceito criado por Gaston Bachelard. A ciência se desenvolve por meio de sucessivas rupturas (coupures): conhecemos contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos malfeitos, superando aquilo que, dentro do mesmo espírito, faz obstáculo para o espírito, faz obstáculo para a espiritualização. Estas sucessivas destruições dos conhecimentos do passado são, justamente, rupturas epistemológicas, negações de alguma coisa fundamental (pressupostos, conceitos cruciais, métodos) sobre as quais se sustentava a fase precedente da pesquisa: a teoria da relatividade, pondo em discussão conceitos como o de espaço e de tempo absolutos. É um exemplo típico de ruptura epistemológica no decorrer a ciência física contemporânea.

Sociedade aberta: Vivemos em uma democracia quando existem instituições que permitem derrubar o governo sem recorrer à violência, isto é, sem chegar à supressão física de seus componentes. Esta é a característica de uma democracia. Em outras palavras: A diferença entre uma democracia e uma tirania é que na

primeira o governo pode ser eliminado sem derramamento de sangue, na segunda não. A sociedade aberta está aberta a mais visões filosóficas e religiosas do mundo, a mais valores, a mais partidos. Ela está aberta por causa da falibilidade do conhecimento humano e pelo politeísmo dos valores. A sociedade aberta está fechada apenas para os intolerantes.

Tradição de pesquisa: O copernicanismo, a teoria atômica, o darwinismo, a teoria dos quanta são exemplos de tradições de pesquisa. Todavia, especifica Laudan, toda disciplina intelectual, científica ou não científica, tem uma história rica de tradições de pesquisa: empirismo e nominalismo em filosofia, voluntarismo e necessitarismo em teologia, behaviorismo e freudismo em psicologia, utilitarismo e intuicionismo em ética, marxismo e capitalismo em economia, mecanicismo e vitalismo em fisiologia. Pondo a atenção no interior de uma tradição de pesquisa vemos que ela é formada por um conjunto de assuntos gerais que se referem às entidades e aos processos presentes em certo âmbito de estudo e de métodos apropriados que se devem usar para investigar problemas e construir as teorias em tal domínio. Portanto, uma tradição de pesquisa consiste de uma ontologia que especifica os objetos do domínio de investigação e de uma metodologia que indica como proceder na pesquisa. E violar a ontologia e/ou a metodologia de uma tradição de pesquisa significa colocar-se fora dela e repudia-la. Assim, se um físico cartesiano se pusesse a falar de forças que agem a distância, se um behaviorista falasse de impulsos inconscientes, se um marxista falasse de idéias que não surgem como respostas a estruturas econômicas, pois bem, em cada um desses casos, o

cientista põe-se fora da área de jogo [...], ele viola os limites da tradição e se torna estranho em relação a ela.

Verificação (princípio de): O princípio de verificação é um princípio tornado próprio pelos neopositivistas do Circulo de Viena para separar as asserções sensatas das ciências empíricas das asserções insensatas das várias metafísicas e também das fés religiosas. O princípio é, portanto, um princípio de significância que tende a demarcar a linguagem sensata da linguagem insensata. Na formulação de Waismann ele soa: O sentido de uma proposição é o método de sua verificação. Isso equivale a dizer que têm sentido unicamente as proposições que podem ser factualmente verificadas; por conseguinte, as proposições que não podem ser verificadas são privadas de sentido. É oportuno observar aqui que dizer de uma proposição que ela é privada de sentido não significa afirmar que ela é falsa, mas exatamente que é privada de sentido. A asserção a lua tem a forma de um quadrado é uma proposição falsa; a asserção a lua é um número primo é uma proposição insensata. Pois bem, para os neopositivistas as asserções metafísicas (como: existe Deus, não há nenhum Deus, a história é guiada por uma inelutável lei dialética, a alma é imortal, e daí por diante) são asserções insensatas, porque não são verificáveis. O princípio de verificação não teve vida fácil já dentro das discussões do Circulo de Viena. Carnap, em seu período americano, deixou de falar de verificabilidade, propondo os conceitos de controlabilidade e confirmabilidade. O segundo Wittgenstein irá além do princípio de verificação com seu princípio de uso e a teoria dos jogos de língua. Popper, por sua vez, criticou desde o início o princípio de verificação; e, em vez de demarcar entre linguagem

sensata e linguagem insensata, propôs, com seu critério de falsificabilidade, uma demarcação entre ciência e não-ciência.

Verossimilitude (ou verossimilhança): As teorias científicas – também as mais consolidadas – são e permanecem falsificáveis; e a história da ciência nos apresenta um número muito grande de teorias falsificadas, ao menos à luz do que hoje pensamos saber. Pois bem, as teorias falsas – que tratam dos mesmos problemas e que, portanto, resultam confrontáveis – Popper propõe julgá-las por meio de um critério de verossimilitude capaz de fazer tomar uma semelhante ao verdadeiro ou menos falsa, mais rica de conteúdo informativo, com maior poder explicativo e previsivo. Entre duas teorias falsas T1 e T2 – por exemplo, a teoria copernicana (C) e a newtoniana (N), falsas à luz de Einstein –, Popper propõe que T2 é mais verossímil (mais semelhante à verdade) do que T1: - se todas as conseqüências verdadeiras em T1 são verdadeiras em T2; - se todas as conseqüências falsas em T1 são verdadeiras em T2; - e se de T2 é possível extrair outras conseqüências verdadeiras não dedutíveis de T1. Também em T2 há conseqüências falsas, pois T2 é falsificada; todavia, a quantidade das conseqüências verdadeiras, o conteúdo de verdade de T2 é maior do que o conteúdo de verdade de T1 e o conteúdo de falsidade de T2 é menor ou igual ao conteúdo de falsidade de T1. Em outras palavras, uma teoria T se torna mais verossímil à medida que aumenta seu conteúdo de verdade e não o de falsidade; ou seja, diminui o conteúdo de falsidade e não o de verdade. Munido desse critério lógico o pesquisador militante deveria decidir depois conjuntamente sobre a maior ou menor verossimilitude de uma teoria em relação a uma outra. Apesar de

Pavel Tichy, David Miller e John Harris terem demonstrado que as definições de Popper são inconsistentes, à medida que a uma teoria falsificada acrescentarmos uma proposição verdadeira, então – dado que na teoria há conseqüências falsas – a partir da teoria podemos extrair também o produto lógico de p verdadeira com uma f falsa qualquer; e isso quer dizer que se em uma teoria falsa aumentam as conseqüências verdadeiras, aumentam então também as conseqüências falsas, resultado que nega a primeira definição de Popper. Consideremos o segundo caso: Popper diz que a verossimilitude de uma teoria falsa aumenta se diminuïrem as conseqüências falsas e não as verdadeiras; mas também aqui as coisas não funcionam, uma vez que se tirarmos uma proposição f falsa e a partir de uma teoria falsa, nós nos proibimos fazer uma implicação verdadeira entre a f falsa e q igualmente falsa, resultado que é contrario à segunda definição projetada por Popper. Em outras palavras: entre duas teorias falsas uma não pode ser mais verdadeira que a outra; seria como dizer que entre duas espécies extintas uma não pode ser mais viva que a outra. Popper reconheceu logo seu erro. Não temos um critério de verdade (isto é, um procedimento que nos permita estabelecer que uma teoria é de fato verdadeira, verdadeira para a eternidade); nem estamos em posse de um critério de verossimilhança. Todavia, podemos dizer – com L. Laudan – que entre as duas teorias é preferível a que resolve mais problemas e, no momento, os problemas mais importantes.

